

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Liliana Andreia das Neves Gomes

Lisboa, agosto de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Liliana Andreia das Neves Gomes

**Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre
em Educação Pré-Escolar, sob a orientação da Professora
Doutora Paula Colares Pereira dos Reis**

Lisboa, agosto de 2012

Agradecimentos

Aos meus maravilhosos e insubstituíveis pais, irmã, sobrinho, cunhado, sem o amor, o carinho, o esforço, a dedicação, o apoio e o trabalho de todos, nada seria possível hoje. UM MUITO OBRIGADA por tudo o que me transmitiram ao longo dos anos, pois aquilo que sou é graças à educação que me incutiram. AMO-VOS PARA TODO O SEMPRE.

Ao meu adorado namorado por todos os momentos em que se prontificou para me ajudar ao longo do curso, pela paciência, pelos conselhos, pelo encorajamento, pela amizade. UM MUITO OBRIGADA, sem ti não seria igual.

A todos os meus familiares e amigos, especialmente aos meus queridos amigos Diana Cardoso e Francisco Morganheira, por todo o apoio, carinho e afeto que me dão e pelo facto de estarem sempre presentes nos bons e maus momentos.

A todas as colegas de curso, às primorosas amigas que fiz, em especial Sara Bento, Carina Antunes, Carmen Marques e Inês Silva obrigada por fazerem parte desta etapa.

À minha colega de estágio, Bárbara, pela paciência, apoio e dedicação ao longo desta caminhada.

Ao Professor Doutor António de Deus Ramos Ponces de Carvalho, pela graciosa oportunidade que nos proporciona de estarmos em contacto com a realidade educativa no nosso percurso académico.

À minha querida orientadora, Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis, pela sua orientação, pela sua dedicação, pela sua disponibilidade e acima de tudo, pelo seu profissionalismo, mostrando ser uma mentora exemplar.

Ao Professor Doutor José Maria de Almeida pela sua orientação, dedicação, disponibilidade e acima de tudo pela sua jurisdição, que demonstrou ao longo da realização do Relatório de Estágio Profissional, sendo um pilar fundamental para o mesmo.

A todos os Educadores/Professores com quem tive a oportunidade de estagiar ao longo da minha formação, em especial à querida Educadora Sofia Carvalho do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, pela sua dedicação, prontificação, disponibilidade e afeto que demonstrou durante os momentos de estágio.

A todos os outros profissionais pertencentes à Escola Superior de Educação João de Deus, pela disponibilidade facultada, especialmente à Professora Doutora Maria Filomena Caldeira pelos seus conselhos, pela sua sabedoria sobre os materiais e pela transmissão das suas vivências obtidas ao longo da sua carreira profissional.

E um especial agradecimento a todas as crianças, pelos maravilhosos e gratificantes momentos que me proporcionaram durante o meu percurso, enquanto estagiária.

Bem-haja a todos aqueles que percorreram comigo esta etapa!

Índice Geral

Índice de Figuras	XIV
Índice de Quadros	XVI
Introdução	1
1. Identificação do local de estágio	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	3
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	4
4. Identificação do grupo de estágio.....	5
5. Metodologia	5
6. Pertinência do estágio.....	6
7. Cronograma de estágio.....	7
Capítulo 1 – Relatos Diários.....	10
1. 1. ^a Secção: Estágio Bibe Azul A.....	12
1.1. Caracterização da turma	12
1.2. Caracterização do espaço.....	13
1.3. Rotinas.....	14
1.4. Horário	16
1.5. Relatos Diários.....	17
2. 2. ^a Secção: Estágio Bibe Amarelo A.....	52
2.1 Caracterização da turma	52
2.2 Caracterização do espaço.....	53
2.3. Rotinas.....	53
2.4. Horário	54
2.5. Relatos Diários.....	55
3. 3. ^a Secção: Estágio Intensivo - Bibe Verde Alface (2 anos).....	82
4. 4. ^a Secção: Estágio Bibe Encarnado.....	85
4.1 Caracterização da turma	85
4.2. Caracterização do espaço.....	85

4.3	Rotinas.....	86
4.4	Horário	87
4.5	Relatos Diários.....	88
CAPÍTULO 2 - Planificações		115
2.	Descrição do capítulo.....	117
2.1.	Fundamentação teórica.....	117
2.1.1.	Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	121
2.1.2.	Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	124
2.1.3.	Planificação da Área de Conhecimento do Mundo	126
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação		131
3.	Descrição do capítulo.....	131
3.1.	Fundamentação teórica.....	133
3.2.	Dispositivo de Avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	138
3.2.1.	Avaliação da proposta de trabalho da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	138
3.2.2.	Grelha de avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	140
3.2.3.	Análise de resultados.....	142
3.3.	Dispositivo de Avaliação referente à Área de Conhecimento do Mundo	143
3.3.1.	Avaliação da proposta de trabalho da Área de Conhecimento do Mundo	143
3.3.2.	Grelha de avaliação referente à Área de Conhecimento do Mundo	145
3.3.3.	Análise de resultados.....	146
3.4.	Dispositivo de Avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	147
3.4.1.	Avaliação da proposta de trabalho da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	147

3.4.2. Grelha de avaliação referente à avaliação de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	149
3.4.3. Análise de resultados.....	150
Reflexão final	153
1. Considerações finais	155
2. Limitações.....	156
3. Novas pesquisas.....	157
Referências Bibliográficas	159

Índice de Figuras

Figura 1 - Sala do Bibe Azul A	13
Figura 2 - Disposição da roda referente ao Ensino Pré-Escolar	14
Figura 3 - Contornar o corpo humano	19
Figura 4 – Flor com representações da quantidade 5	21
Figura 5 – Primeiro, segundo e terceiro grafismo	22
Figura 6 – Placas com diferentes texturas	27
Figura 7 – Criança a experimentar as texturas	28
Figura 8 – Atividade de culinária: pão com chouriço	34
Figura 9 – Fantocheiro elaborado pelas estagiárias para a dramatização de uma história	37
Figura 10 – Primeiro Grafismo em série	42
Figura 11 – Segundo Grafismo em série	42
Figura 12 - Representação de um dos conjuntos realizados com o material: Blocos Lógicos	44
Figura 13 – Proposta de trabalho	46
Figura 14 – Sala do Bibe Amarelo A	53
Figura 15 – Sala do Bibe Amarelo A	53
Figura 16 – Material não estruturado utilizado	57
Figura 17 – Exploração do material: Blocos Lógicos	59
Figura 18 – Exploração dos planetas	59
Figura 19 – Capas do 2.º período	61
Figura 20 – Criança a manusear a tela	62
Figura 21 – Criança a delinear o algarismo 2	62
Figura 22 – Livro: Beijinhos Beijinhos	71
Figura 23 – Exploração do material: palhinhas	82
Figura 24 – Aula de ginástica	83
Figura 25 – Sala do Bibe Encarnado A	86

Figura 26 – Atividade de Matemática	91
Figura 27 – Prenda para o Dia da Mãe (saco).....	92
Figura 28 – Exploração dos dois materiais.....	93
Figura 29 – Rato	110
Figura 30 – Barco	110
Figura 31 – Combinações com material alternativo.....	111
Figura 32 – Combinações com o material Cuisenaire	111
Figura 33 – Decoração da sala	113
Figura 34 – Um dos momentos de uma das aulas	113
Figura 35 – Proposta de trabalho referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	138
Figura 36 – Gráfico de classificações obtidas na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	142
Figura 37 – Proposta de trabalho referente à Área de Conhecimento do Mundo	143
Figura 38 – Gráfico de classificações obtidas na Área de Conhecimento do Mundo	146
Figura 39 – Proposta de trabalho referente à Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	147
Figura 40 – Gráfico de classificações obtidas na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita	150

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de Estágio no Ensino Pré-Escolar.....	8
Quadro 2 – Cronograma do Estágio Profissional no Ensino Pré-Escolar	8
Quadro 3 – Horário do Bibe Azul A	16
Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo A.....	55
Quadro 5 – Programa de atividades para o Dia dos Pais.....	74
Quadro 6 – Horário do Bibe Encarndo A.....	87
Quadro 7 – Estrutura da planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem	120
Quadro 8 – Planificação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.....	122
Quadro 9 – Planificação referente à Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	124
Quadro 10 – Planificação referente à Área de Conhecimento do Mundo	127
Quadro 11 – Tabela baseada na escala de Likert	137
Quadro 12 – Parâmetros e critérios de avaliação referentes à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.....	139
Quadro 13 – Grelha de avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	141
Quadro 14 – Parâmetros e critérios de avaliação referentes à Área de Conhecimnto do Mundo.....	144
Quadro 15 – Grelha de avaliação referente à Área de Conhecimento do Mundo.....	145
Quadro 16 – Parâmetros e critérios de avaliação referentes à Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	148
Quadro 17 – Grelha de avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	149

Introdução

O Relatório de Estágio Profissional é um dos documentos fundamentais para a finalização do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Através do mesmo, apresento todas as observações feitas ao longo de nove meses de estágio (26 de setembro de 2011 a 22 de junho de 2012), no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, sito em Lisboa.

O estágio foi realizado durante três dias semanais (segunda, terça e sexta-feira) no período da manhã das 9 horas às 13 horas.

1. Identificação do local de estágio

O Estágio Profissional I e II foi realizado no presente ano letivo no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade com valência em Creche, Pré-Escolar e 1.º Ciclo.

Quanto à organização, o Jardim-Escola é composto no primeiro piso, por um salão, onde se encontram as duas turmas do Bibe Encarnado, dando acesso às salas dos Bibes: Azul, Castanho, Azul Turquesa e Verde Alface, à sala dos docentes, ao gabinete da direção/secretaria, a uma das instalações sanitárias, à cozinha e ao refeitório.

No segundo piso, encontram-se as salas dos Bibes: Verde, Azul Claro e Azul Escuro, a sala de Informática, da Biblioteca Escolar e outra das instalações sanitárias.

No exterior do Jardim-Escola encontra-se o recreio, duas salas do Bibe Amarelo, outras instalações sanitárias e o ginásio.

O Jardim-Escola de Alvalade fica localizado geograficamente, no seio da capital, mais precisamente na Rua Conde Arnoso, n.º 3 e encontra-se numa zona urbana e residencial com espaços comerciais. Para além da boa localização geográfica, o Jardim-Escola tem ótimos acessos ao nível de transportes públicos como deslocação de viatura própria, aparentando ser um sítio acolhedor e pacato.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este relatório de Estágio Profissional surge no âmbito das Unidades Curriculares – Estágio Profissional I e II do Mestrado em Educação Pré-Escolar (2.º Ciclo de Estudos – Modelo de Bolonha), realizado na Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD).

O presente relatório é constituído por uma introdução, três capítulos e uma reflexão final. O Capítulo 1 é composto pelos relatos diários das experiências vivenciadas ao longo do estágio, acompanhados de inferências cientificamente fundamentadas.

No Capítulo 2 são apresentadas as três planificações, baseadas no Modelo T de Aprendizagem das aulas lecionadas, seguido das inferências e das fundamentações científicas.

No Capítulo 3, estão inseridos os dispositivos de avaliação, referentes às avaliações lecionadas durante o período de estágio, alusivos às duas Áreas Curriculares: Conhecimento do Mundo e Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática com as respetivas inferências e suporte de referência teórico.

Por fim, na reflexão final, estão inseridas as considerações finais, estando também presente, uma reflexão geral sobre o período de estágio, assim como a importância que este teve para a minha formação profissional. Neste, refiro também, as limitações que senti com a realização do mesmo e, as novas pesquisas a realizar futuramente.

Por último, apresento as referências bibliográficas, a legislação consultada e as referências eletrónicas.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração do Relatório de Estágio Profissional é, sem dúvida, um requisito fulcral para a minha formação, sendo através do mesmo que num futuro próximo estarei apta para exercer a função de docente.

O Relatório de Estágio Profissional, para além de ser um documento escrito que visa por em prática toda a parte teórica, é também um documento que nos permite aprofundar todas as observações vivenciadas a partir de investigações e pesquisas.

Uma das grandes finalidades da elaboração deste Relatório é a utilidade que pode proporcionar para o uso de consultas que possam surgir futuramente.

Para além de ser um documento que me será útil no decorrer de uma carreira futura, pode também auxiliar outros colegas para a elaboração dos seus Relatórios, caso achem pertinente a sua consulta.

4. Identificação do grupo de estágio

Para a realização do Estágio Profissional, foi-nos proposto escolher uma parceira de estágio, sendo o meu grupo composto pela minha colega Bárbara. A colega acompanhou-me desde o último ano de Licenciatura em Educação Básica, até ao momento presente.

O companheirismo que criámos enquanto parceiras foi excecional, o esforço, o empenho, a organização e o diálogo foram palavras-chaves que adotámos para que o nosso grupo atingisse todos os objetivos propostos por ambas no decorrer do estágio.

5. Metodologia

A metodologia empregada neste Relatório de Estágio Profissional foi adequada ao objetivo do trabalho pretendido. O método utilizado para o mesmo foi maioritariamente feito através da observação e análise documental.

A observação, segundo Damas e Ketele (1985) “é um processo cuja função primeira, imediata, consiste em recolher informações sobre o objecto tomado em consideração, em função do objectivo organizador...” (p. 11) Os mesmos autores referem que:

A observação designa então uma fase da investigação que consiste em se familiarizar com uma situação ou fenómeno, em descrevê-los e em analisá-los, com fim de fazer surgir uma hipótese coerente com o corpo de conhecimentos anteriores bem estabelecidos. (pp.12-13)

Estrela (1990) afirma que “o objetivo da investigação num programa de formação deverá ser o de uma atitude experimental. “ (p. 26) O mesmo menciona ainda que “o professor, para poder intervir no real de modo fundamentado, terá de saber observar e problematizar (ou seja, interrogar a realidade e construir hipóteses explicativas). *Intervir e avaliar* serão acções consequentes das etapas precedentes.” (p. 26)

A recolha dos dados presentes no Relatório assenta numa investigação qualitativa. Esta investigação apresenta algumas características enunciadas por Bogdan e Biklen (1994) tais como:

- (i) Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- (ii) Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo;
- (iii) A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
- (iv) A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados;
- (v) Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. (pp. 47-50)

Relativamente às observações feitas durante o estágio realizado, estas foram feitas num ambiente adequado de forma direta, assim como participante. Becker (citado por Burgess, 1997) afirma que:

O observador participante reúne dados porque participa na vida quotidiana do grupo ou da organização que estuda. Ele observa as pessoas que estuda por forma a ver em que situações se encontram e como se comportam nelas. Ele estabelece conversa com alguns ou todos os participantes nestas situações e descobre a interpretação que eles dão aos acontecimentos que observa. (p. 86)

Para Quivy e Campenhoudt (1992) “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação.” (p. 165) Os mesmos autores referem que “os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida directamente neles pelo observador.” (p. 165)

A observação feita em sala de aula para além de direta e participante foi também declarada, pois os observados, as crianças e Educadoras, tinham conhecimento da minha presença, porém, desconheciam o motivo daquilo que seria realmente observado. Como menciona Estrela (1990) a “observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado.” (p. 32) O mesmo autor afirma que:

A *observação participada* corresponde a uma observação em que o observador poderá participar, de algum modo, na actividade do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de observador e, consequentemente, sem perder o respectivo estatuto. Convirá, ainda, acrescentar que a observação participada se orienta para a observação de fenómenos, tarefas ou situações específicas, nas quais o observado se encontra centrado. (p. 36)

Para a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional, utilizei a metodologia de acordo com as normas da *American Psychological Association* (APA) e de Azevedo (2001) de forma a organizar a sua construção.

6. Pertinência do estágio

O Estágio Profissional é imprescindível para a formação da carreira de docente, sendo através deste, que obtemos a prática para que num futuro próximo possamos ingressar no ensino com mais facilidade.

Segundo Nóvoa, Hameline, Sacristán, Esteve, Woods e Cavaco (1991) “a formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão.”(p. 24)

A realização do mesmo torna-se uma passagem fundamental para a formação de profissionais, ingressados em qualquer área de trabalho.

Para o autor, Loureiro (2000) “espera-se que a formação inicial possa proporcionar aos futuros professores quer os conhecimentos gerais e específicos quer os princípios psicopedagógicos e científicos necessários para que desenvolvam posteriormente de forma adequada a sua actividade profissional.” (p. 33)

Sanches (2008) afirma que “a formação inicial dos educadores de infância e dos professores do ensino básico e secundário é aquela que confere habilitação profissional para a docência no respectivo nível de educação ou de ensino.” (p. 39)

Considero que o Estágio Profissional e a Prática Pedagógica são elementos fulcrais para a minha formação e aprendizagem, sendo deveras importante a presença de Professoras da Equipa de Supervisão, como refere Jacinto (2003) “(...) o orientador identifica e ajuda o estagiário a resolver necessidades e preocupações, sem contudo, deixar de estar atento aos aspectos não verbais da comunicação.” (p. 60), levando assim, a períodos de reflexão sobre ações que possam ter surgido e sugestões para progredir futuramente. O mesmo autor menciona que:

A necessidade de profissionais qualificados nas escolas, de forma a poderem possibilitar ao estagiário uma prática pedagógica orientada de qualidade e uma articulação entre a teoria e a prática, dando, assim, continuidade à formação já iniciada pela instituição de formação. (p. 28)

Ao estarmos em contacto com a realidade, podemos observar e interiorizar diversas situações que possam surgir, assim como formas de resolução das mesmas.

7. Cronograma de estágio

No decorrer do Estágio Profissional I e II, permaneci em três salas do Ensino em Educação Pré-Escolar.

Na Associação de Jardins-Escolas a nomenclatura utilizada para a distinção das diferentes faixas etárias é a seguinte: o Bibe Amarelo referente à faixa etária dos 3 anos, o Bibe Encarnado referente à faixa etária dos 4 anos e o Bibe Azul referente à faixa etária dos 5 anos.

O primeiro momento de estágio foi realizado no Bibe Azul num período de 27 de setembro a 16 de dezembro de 2011, o segundo momento realizado no Bibe Amarelo num período de 2 de janeiro a 23 de março de 2012. O terceiro e último momento de estágio, realizado no Bibe Encarnado num período de 10 de abril a 22 de junho de 2012. Os mesmos podem ser observados no cronograma apresentado no quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de Estágio no Ensino Pré-Escolar

Bibe Azul (5 anos)	Bibe Amarelo (3 anos)	Bibe Encarnado (4 anos)
Período de estágio: 27 de setembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011.	Período de estágio: 2 de janeiro de 2012 a 23 de março de 2012.	Período de estágio: 10 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012.

Seguidamente, no quadro 2, será apresentado um cronograma onde está registado o número total de horas referentes ao Estágio Profissional.

Este cronograma é constituído pelas aulas observadas ao longo dos nove meses, pelas aulas programadas, quer para as Educadoras Cooperantes, quer para as Professoras da Equipa de Supervisão. Pode também ser visto, todas as aulas surpresa propostas pela Equipa de Supervisão, as Reuniões de Prática Pedagógica, realizadas no Museu e no Jardim-Escola, pelo estágio intensivo, o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, realizado no Jardim-Escola João de Deus de Torres Vedras.

Para finalizar este cronograma, está também presente a Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional (PPACP).

Quadro 2 – Cronograma do Estágio Profissional no Ensino Pré-Escolar

	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março				abril				maio				junho				Total de Horas
Semanas/ Atividade	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4					
Aulas observadas																																						360h			
Aulas programadas																																						12h			
Aulas surpresa																																						40m			
Reuniões de Prática Pedagógica																																						15h			
Seminário de Contato com Realidade Educativa																																						45h			
PPACP																																						1h15m			
	Número total de horas																																				473h 15 m				

Capítulo 1 – Relatos Diários

O presente Capítulo está dividido em quatro secções, de acordo com os três momentos de estágio, mais o estágio intensivo. Neste, estão presentes os relatos diários, acompanhados pelas inferências devidamente fundamentadas cientificamente, referente às observações realizadas durante o período de estágio.

Em primeiro lugar serão descritos os relatos pertencentes ao Bibe Azul, seguindo-se o Bibe Amarelo e por último, o Bibe Encarnado, referenciando as respetivas datas.

Em cada secção apresentada será descrita a caracterização da turma e do espaço, as rotinas, o horário e a respetiva fundamentação científica.

Como referido anteriormente no quadro 1, a primeira secção diz respeito ao Bibe Azul, a segunda ao Bibe Amarelo, a terceira secção (não se encontra presente no quadro 1) é referente à semana de estágio intensivo realizada na valência de creche no Jardim-Escola de Torres Vedras e a última secção, referente ao Bibe Encarnado.

1. 1.ª Secção: Estágio Bibe Azul A



1.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Azul (5 anos) A é composta por 26 crianças, 16 raparigas e 10 rapazes, sendo uma turma homogénea. Uma das crianças pertencentes à mesma sofre de Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA), sendo, porém acompanhada e medicada.

Toda a informação apresentada sobre a caracterização da turma foi cedida gentilmente pela Educadora Cooperante.

Relativamente aos restantes alunos, segundo a Educadora, existem uns mais inquietos que outros e em termos de desempenho escolar, menos de metade da turma têm bom aproveitamento, enquanto que os outros estão na categoria médio/fraco.

O grupo de crianças aparenta estar bem inserido na dinâmica do Jardim-Escola, estabelece uma boa relação com a Educadora Cooperante, assim como as restantes crianças e docentes.

1.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Azul A é bastante acolhedora, arejada e muito iluminada, devido à claridade que entra pelas grandes janelas.

Relativamente à decoração, apresenta cores muito apelativas, assim como materiais decorativos, tornando-a num espaço muito agradável e adequado à faixa etária a que se destina.

A disposição da sala é constituída pelas secretárias das crianças e da Educadora que preenchem a maior parte desta, contendo uma excelente organização, devido aos armários com diversos materiais didáticos, livros, jogos, dossiês pertencentes a cada aluno, entre outros objetos que sejam relevantes para a ocasião em questão.

Segunda as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Ministério da Educação (ME), 2009) “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma com estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.” (p. 37)

A sala dispõe também de dois quadros a giz e de um elemento fulcral para o ensinamento da leitura, a Cartilha Maternal, disposta num suporte próprio, encontrando-se em cima da secretária da Educadora, estando centrada para visualização de todas as crianças. De acordo com Viana (citado por Ruivo, 2009), “a utilização do livro grande, cuja leitura facilita o apontar com o dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direccionalidade da escrita e da leitura.” (p. 119)

Zabalza (2001) refere que: “a forma como organizamos e utilizamos o espaço físico da sala *constitui*, em si mesma, uma mensagem curricular, isto é, reflecte o nosso modelo educativo.” (p. 124)



Figura 1 - Sala do Bibe Azul A

1.3. Rotinas

Como rotinas gerais e de maior relevância temos: o acolhimento; a higiene; as refeições e o recreio.

O começo do dia inicia-se com o acolhimento das crianças e com os cânticos rotineiros. Estas são recebidas no salão, sendo o momento em que todas as crianças do Pré-Escolar juntamente com as respetivas Educadoras e estagiárias, formam uma roda e cantam variadíssimas músicas infantis durante cerca de vinte minutos.

Belchior (2004) afirma que o acolhimento é:

O primeiro momento, ou seja, o de acolhimento, consiste essencialmente em realizar uma conversa participada e animada com todas as crianças. Neste momento são apresentadas “as novas produções, de expressão escrita ou de expressão plástica, que todos podem comentar, e que se traça o plano do dia. (p. 112)

A disposição das crianças é feita em roda (figura 2), começando pelo Bibe Amarelo no centro, seguindo-se o Bibe Encarnado e por último o Bibe Azul. A Educação Pré-Escolar encontra-se no salão e o 1.º Ciclo no ginásio.

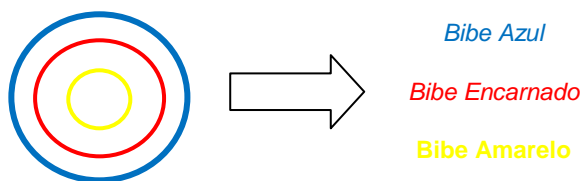


Figura 2 - Disposição da roda referente ao Ensino Pré-Escolar

Enquanto ocorre este momento, os pais podem aproveitar, para transmitir às Educadoras informações pertinentes sobre os seus educandos. O acolhimento, como refere Cordeiro (2007) pode tornar-se um momento que permita “estimular a relação família/escola (...)” (p. 370)

Segundo as OCEPE (ME, 2009) “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (p. 43)

O momento do acolhimento é bastante animador, fazendo com que o começo do dia das crianças, seja alegre e estimulante para mais um dia de aprendizagem.

Este momento de convívio permite também, que as crianças desenvolvam a linguagem e o vocabulário através das músicas cantadas.

De acordo com Hohmann e Weikart (1997), “as crianças de idade pré-escolar gostam de cantar melodias de todo o tipo, sejam canções de embalar, tradicionais ou populares, ou associadas com festividades e celebrações.” (p. 669) Os mesmos autores referem que “(...) o tempo em grande grupo é um tempo agradável para cantar músicas favoritas conhecidas e introduzir novas canções.” (p. 670)

Após o acolhimento e antes de se dirigirem à sala de aula, todas as crianças pertencentes ao Bibe Azul vão à casa de banho. Antes do almoço, voltam a ir, para além das vezes que vão por necessidade própria.

A ida à casa de banho é fundamental, proporcionando assim às crianças, hábitos de higiene, assim como o desenvolvimento do sentido de responsabilidade.

O autor Bouffard (1978) refere que é importante ensinar “à criança o gosto, o prazer, de ser asseada (...) a limpeza é acessível a todos, é uma qualidade que toda a criança pode e deve aprender (...)” (p. 208)

As refeições são feitas todos os dias, a meio da manhã, as crianças, comem um pequeno lanche (bolachas ou pão) e mais tarde, por volta do meio-dia, almoçam.

As refeições são elementos fulcrais para a vida, sendo por isso que devemos incutir às crianças apreciar e comer alimentos saudáveis. De acordo com Lambert-Lagacé (1977) a alimentação:

Sem uma variedade de alimentos, o equilíbrio alimentar será dificilmente atingindo. Os elementos nutritivos estão dispersos por uma enorme variedade de alimentos; ao eliminarmos ou não aproveitarmos devidamente os vários alimentos, reduzimos as probabilidades de obter todos os elementos nutritivos importantes. (p. 15)

Relativamente ao recreio, durante o período da manhã, as crianças fazem um pequeno intervalo, e normalmente, é neste momento que comem o lanche da manhã. Após o almoço, as crianças voltam a ter outro intervalo, sendo este o maior, ambos realizados no exterior da sala, independentemente das condições atmosféricas, pois devido ao grande telheiro existente, as crianças podem desfrutar sempre do ar livre.

Como refere Cordeiro (2010):

Recreio (...) Brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga sem andar aos encontros aos móveis, contacto com a natureza. E estabelecimento e reforço das amizades (mesmo que passe por um «Já não sou teu amigo.»). Os conflitos de interesses são um bom estímulo à negociação, argumentação e diplomacia (...). (p. 374)

Os dois recreios mencionados anteriormente, são momentos fulcrais da vida quotidiana das crianças em ambiente escolar, permitindo que estas se libertem e espareçam, retendo assim novas energias, para um melhor desempenho escolar.

1.4. Horário

O horário seguidamente apresentado (quadro 3) refere-se ao Bibe Azul A, exibindo as principais atividades orientadas no âmbito da Leitura e Escrita, do Domínio da Matemática e do Conhecimento do Mundo.

Para além das atividades acima mencionadas, praticam ainda, atividades no âmbito da Educação Musical, da Informática, da Educação Física, do Inglês, da Expressão Dramática e da Expressão Plástica.

O horário contempla ainda, uma Área reservada à Estimulação à Leitura, aos jogos, aos grafismos em série e organizam no final de todas as semanas, uma Assembleia de Turma.

Quadro 3 – Horário do Bibe Azul A

Horas	Segunda-Feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h10-9h40	Música	Matemática	Leitura e escrita	Matemática	Leitura e escrita
9h50-10h30	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita
11h-12h	Matemática	Leitura e escrita	Informática	Educação Física	Matemática
12h-13h	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
13h-14h	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
14h10-15h20	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Matemática	Conhecimento do Mundo	Estimulação à leitura/Jogos/Grafismos em série
15h30-16h30	Trabalho em grupo	Inglês	Expressão Dramática	Expressão Plástica	Assembleia de turma
16h40-17h	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE

1.5. Relatos Diários

segunda-feira, dia 26 de setembro

Durante a manhã ocorreu no Museu da ESEJD, a reunião de preparação para o Estágio Profissional com as Professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica, e todos os alunos inscritos nos diferentes mestrados. A mesma serviu para informar como se iria processar a avaliação, bem como a elaboração do presente trabalho.

terça-feira, dia 27 de setembro

Após os cânticos e a higiene, as crianças dirigiram-se para a sala de aula e começaram pela Leitura e Escrita, em que a Educadora lhes pediu que terminassem os trabalhos pendentes sobre as vogais e a consoante «v».

Depois, distribuiu uma proposta de trabalho tendo como objetivo rasgar pedaços de papel de lustro colorido para colarem na vogal «a» e elaborar o grafismo da mesma.

Auxiliámos algumas crianças a realizarem uma atividade sobre os ditongos, tendo como objetivo a identificação e o grafismo dos mesmos. Sempre que apresentavam maior dificuldade no grafismo, treinavam no quadro.

Para terminar o período da manhã, seguiu-se a aula de Matemática com o material: Calculadores Multibásicos.

Após distribuir o material pelas crianças, a Educadora questionou-as sobre o nome do mesmo, lembrando a importância das regras a manter com o material dentro da sala de aula.

Seguidamente, iniciaram o Jogo das Torres, em que a Educadora lembrou as regras do jogo, trabalhou com as crianças a leitura por cores e realizou exercícios diversos e pertinentes sobre o mesmo.

Após a aula com este material, as crianças brincaram livremente com plasticina, enquanto a Educadora falava com a minha colega de estágio e comigo sobre os temas das aulas.

Inferências e fundamentação teórica

O primeiro dia de estágio é sempre um dia de nervosismo, mas depois de estarmos com as crianças, tudo muda.

Como sempre fomos recebidas calorosamente pela Educadora Sofia, visto já termos estagiado na sua sala e também pelas crianças, apesar de ser uma nova turma.

Durante as atividades da Leitura e Escrita, a Educadora demonstrou ser clara e revelou ser bastante elucidativa para com as crianças na explicação da Cartilha Maternal.

A Cartilha Maternal, a meu ver, é sem dúvida um objeto valiosíssimo para o ensinamento da leitura, segundo Deus (1997) “o desenvolvimento mental que apresentam as crianças que aprendem, ou aprenderam, pelo Método João de Deus é facilmente comprovada e tem um reflexo muito positivo no seu prosseguimento de estudos.” (p. 9)

Para Ruivo (2009) a Cartilha Maternal torna-se um “instrumento indispensável para a alfabetização.” (p. 117) A mesma autora menciona ainda que a Cartilha Maternal permite “a correcta aprendizagem da língua, falada e escrita, é a chave mestra que permite o acesso à ciência e à moral.” (pp. 117-118)

É bastante importante que criança trabalhe e consiga manusear os materiais, pois com estes, a atenção desta redobra, tornando-se mais fácil a sua aprendizagem.

Com a exploração do material Calculadores Multibásicos, as crianças podem trabalhar diversos atributos, de acordo com Caldeira (2009b):

O interesse pedagógico deste material situa-se em termos matemáticos, em aspetos de: exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição; leitura de números inteiros; introdução da base decimal; operações aritméticas e situações problemáticas. (p. 188)

Relativamente à aula de Matemática é de salientar, a forma como a Educadora a estruturou, como elaborou as perguntas, como esclareceu as dúvidas e orientou em as questões.

No decorrer da manhã, a Educadora mostrou-se bastante prestável e preocupada connosco, disponibilizando-se em explicar alguma dúvida que pudesse surgir.

sexta-feira, dia 30 de setembro

A manhã teve início com a Leitura e Escrita. A Educadora formou um pequeno grupo, de 4 crianças para a leitura da Cartilha, enquanto outras crianças terminaram uma proposta de trabalho sobre o grafismo da consoante «v», e outras iniciaram uma nova proposta de trabalho, onde treinaram a forma quadrada em tracejado.

A pedido da Educadora, íamos chamando grupos de crianças, alternadamente, para concluírem os trabalhos de Expressão Plástica pendentes.

Posteriormente ao recreio, as crianças regressaram à sala de aula, e iniciaram a aula de Conhecimento do Mundo.

Antes de divulgar o tema, a Educadora sentou-as no chão, interrogando-as sobre o que tinham falado ultimamente nas aulas: Corpo Humano.

Depois de divulgado o tema, a Educadora começou por questionar as crianças sobre as partes do corpo humano e qual o nome das mesmas. Explicou também que todos nós somos diferentes, dando exemplos como a cor dos olhos, cabelos, pele, etc.

A Educadora alertou para o cuidado a ter com os olhos e dialogou com as crianças sobre pessoas cegas e que necessitam de uma bengala ou um cão guia para ajudá-las no seu dia-a-dia. Esclareceu também que mesmo sendo deficientes visuais, podem aprender como as outras pessoas através da linguagem *Braille*, recorrendo a exemplos.

Posteriormente, a Educadora propôs às crianças uma atividade, tendo como objetivo delinear a figura humana num pedaço de folha de papel de cenário. Duas crianças de ambos os sexos (figura 3), escolhidas pela Educadora serviram de modelo. Após o contorno do corpo, desenharam os elementos do rosto, membros e tronco.



Figura 3 - Contornar o corpo humano

Inferências e fundamentação teórica

É de salientar o facto de a Educadora ter dado a aula de Conhecimento do Mundo e de termos tido a oportunidade de assistirmos à mesma, visto esta Área não estar contemplada no horário no período da manhã.

Nas OCEPE (ME, 2009):

Encara-se, assim, a área do Conhecimento do Mundo como uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano: a história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia...que, mesmo elementares e adequados a crianças destas idades deverão corresponder sempre a um grande rigor científico. (pp. 80-81)

A aula sobre o Corpo Humano foi muito produtiva, pois através do diálogo com as crianças, a Educadora conseguiu captar a atenção das mesmas e aproveitava todas as suas questões para explicar outros pontos relevantes sobre a temática apresentada.

Ainda nas OCEPE (ME, 2009):

As crianças contactam com instrumentos e técnicas complexas e dispõem, através dos media, de saberes que ultrapassam a realidade próxima. Tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar. (p. 80)

A atividade proposta pela Educadora, delinear a figura humana, foi muito engraçada e importante, pois através da mesma, todas as crianças puderam participar e interiorizar melhor o tema apresentado.

segunda-feira, dia 3 de outubro

A manhã teve início com a aula de Música dada pelo Professor, em que falaram de diversos instrumentos de sopro, da pauta e das respetivas notas musicais.

Seguidamente à aula de Música passaram para a Leitura e Escrita, onde terminaram trabalhos pendentes de grafismos. Enquanto trabalhavam, a Educadora ia chamando grupos de crianças à Cartilha.

Após o recreio, iniciaram a aula de Matemática com o material *Cuisenaire*. Ao distribuir o material pelas crianças, a Educadora referiu o nome do mesmo e o seu criador. Explicou que cada peça corresponde a um valor assim como a sua cor, mencionou que a peça branca é fundamental, mencionando o seu valor e a sua função.

Seguidamente, a Educadora colocou questões pertinentes relativamente ao material apresentado em sala de aula e à medida que questionava as crianças sobre o mesmo, esta representava no quadro com peças móveis, enquanto as crianças elaboravam nos lugares.

Posteriormente à revisão da escada, a Educadora passou para o jogo das estações e dos comboios, explicando o significado do mesmo.

A Educadora solicitou também que descobrissem outras formas de decompor o número. A Educadora representou no quadro, as hipóteses elaboradas pelas crianças, para que estas percebessem que todas as hipóteses davam sempre o resultado 5 unidades.

Para finalizar a aula do período da manhã, a Educadora desenhou no quadro uma flor, com o objetivo das crianças descobrirem outras formas de representar a quantidade 5, conforme se pode ver na figura 4.

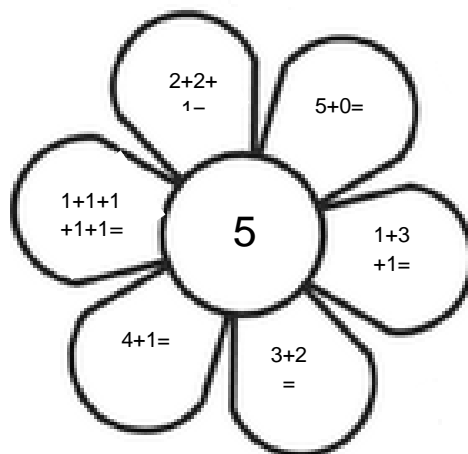


Figura 4 – Flor com representações da quantidade 5

Inferências e fundamentação teórica

A música é sem dúvida uma área fulcral para a aprendizagem da criança, pois através dela, torna-se um momento mágico para as crianças. O Professor é sem dúvida, a meu ver, a pessoa indicada para transmitir essa magia às crianças através dos seus conhecimentos e pela forma como consegue cativá-las do princípio ao fim da aula.

Hohmann, Weikart e Marujo (2004) defendem que:

A música é um importante aspecto da infância precoce, pelo facto das crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir e a fazer música, e moverem-se ao seu som. A música torna-se mesmo outra linguagem, através da qual os jovens fazedores de música aprendem coisas sobre si mesmos e sobre os outros, a música insere as crianças na sua própria cultura e ritos comunitários (...). (p. 658)

Relativamente à aula de Matemática, foi bastante positivo a Educadora questionar as crianças sobre do que é feito o material, assim como ter referido o criador do material *Cuisenaire*. Para Caldeira (2009b):

Para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação. (p. 126)

Outro factor que considerei positivo foi a representação das peças móveis no quadro, permitindo que as crianças visualisassem o que estava a ser feito facilitando assim, a correção do que elaboraram caso fosse necessário.

Foi muito interessante ver a estratégia que a Educadora adotou para explicar a palavra comutar, pediu às crianças que trocassem de lugar, referindo que quando trocam de posição estão a comutar de lugar.

Como é referido nas OCEPE (ME, 2009):

Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores. (p. 68)

Assim, como afirma Spodek e Saracho (1998) “as conversas com as crianças estimulam o desenvolvimento do vocabulário e as ajudam a aprender sobre a linguagem tirada de contexto dos eventos que o acompanham.” (p. 241)

O vocabulário deve ser trabalhado desde cedo, permitindo assim, que a criança veja o quão é importante para a sua comunicação e desenvolvimento.

terça-feira, dia 4 de outubro

O dia teve início com a Leitura e Escrita, a Educadora ia chamando grupos de crianças à Cartilha. De seguida e individualmente a minha colega de estágio e eu auxiliámos as crianças que apresentavam maiores dificuldades, na identificação e construção de palavras com letras móveis.

A Educadora pediu-nos para ajudarmos uma criança que revelava ter grandes dificuldades, na identificação das vogais (criança com PHDA).

Ao regressarem do recreio, as crianças iniciaram a aula de Matemática, onde elaboraram grafismos em série, sendo a segunda vez que realizavam os mesmos.

A Educadora distribuiu 3 folhas brancas a cada aluno, para que estes copiassem para cada uma das folhas, os grafismos desenhados no quadro.

Antes de desenhá-los no quadro, a Educadora pediu aos alunos que achassem o centro da folha e, à medida que desenhava, dava-lhes as respetivas indicações.

O primeiro grafismo consistia em dois ancinhos, o segundo, num chicote e numa espada, o terceiro e último grafismo, para além da espada e do chicote, tinha também um chapéu, conforme se pode ver na figura 5.

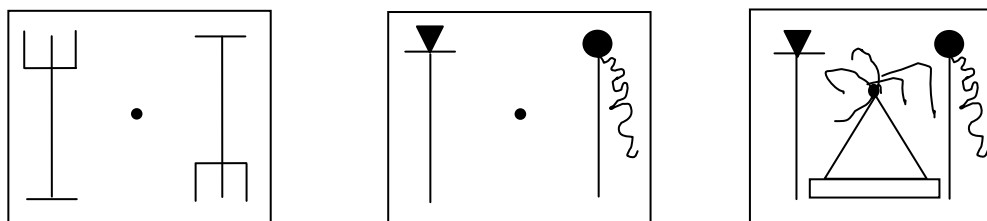


Figura 5 – Primeiro, segundo e terceiro grafismo

À medida que as crianças terminavam os grafismos, a Educadora colocou questões relacionadas com cada um.

Para terminar o período da manhã, a Educadora realizou um jogo de cálculo mental com as crianças e situações problemáticas, utilizando objetos pessoais das crianças, tais como: pulseiras, óculos, entre outros.

Inferências e fundamentação teórica

Relativamente aos grafismos em série, considero relevante salientar que são exercícios importantes para o desenvolvimento da motricidade fina e o desenvolvimento da lateralidade.

De acordo com Sousa (1995) através destes grafismos em série “(...) assistimos ao desenvolvimento de uma operação intelectual que possibilita o aparecimento de «imagens de síntese» ou símbolos.” (p. 74)

A forma como a Educadora conduziu as crianças a elaborar os grafismos foi esclarecedora e, o facto desta os apresentar no quadro foi também importantíssimo. Com este tipo de exercício, a Educadora pode também trabalhar a lateralidade e destrezas de cada criança.

Outro aspeto relevante que posso retirar deste dia, está relacionado com o facto de a Educadora nos solicitar ajuda com a criança com PHDA, sendo extremamente difícil conseguir transmitir alguns conhecimentos, assim como a para a criança, conseguir interiorizá-los.

De acordo com Spodek e Saracho (1998):

Alguns educadores sugerem que, ao invés de focalizar as dificuldades da criança com problemas de aprendizagem, deve-se investir em seus pontos fortes. O sentimento de sucesso de uma criança em uma área pode ser generalizado para outras áreas de realização. Outros educadores sugerem uma programa de base mais ampla, argumentando que os objetivos pedagógicos para estas crianças não devem ser diferentes das crianças normais, e que qualquer limitação desnecessária do currículo, quer seja para contemplar as dificuldades, quer os potenciais particulares de uma criança, está equivocada. O que pode variar, entretanto, é o ritmo da instrução, permitindo às crianças mais tempo para aprenderem quando for necessário. (p.112)

De acordo com Sanches (2001), devemos generalizar os comportamentos na sala de aula, adotar estratégias que envolvam todos os alunos e não atividades específicas para alunos que apresentam mais dificuldades. A mesma autora diz-nos que é importante integrar os alunos com mais dificuldades em grupos diferentes e não “os rotular de acordo com as suas capacidades ou competências.” (p. 108)

Outro aspeto relevante foi o facto da Educadora trabalhar o cálculo mental com as crianças, utilizando objetos pertencentes às mesmas.

De acordo com Morgado (1993):

As tarefas de cálculo mental são normalmente actividades altamente motivadoras para as crianças.

O professor pode naturalmente fornecer aos alunos material manipulável, estruturado ou não, para fomentar a construção das operações.

Normalmente tal procedimento torna-se necessário no início do processo de ensino/ aprendizagem mas dispensável alguns tempos depois. (p. 63)

É importante que o Educador realize este tipo de exercício com as crianças, regularmente.

sexta-feira, dia 7 de outubro

A manhã começou com a Área de Matemática, com os materiais: 3.º e 4.º Dons de *Fröebel*. A Educadora dialogou com as crianças sobre quem foi *Fröebel*, explicando o significado da palavra dom.

Após esse diálogo, a Educadora questionou-os sobre o número de caixas que tinham em cima da mesa e de que era feito o material, lembrando também, as regras para a sua utilização.

Posteriormente, passou para as construções com os dois materiais em simultâneo (cadeiras; mesas; mobília de quarto).

À medida que as crianças faziam as construções, a Educadora representava-as com os dois materiais um pouco maiores em cima de uma estrutura, para que todas pudessem visualizar o procedimento de construção. Realizou também situações problemáticas.

Para finalizar o período da manhã, enquanto pequenos grupos de crianças iam à Cartilha, os restantes alunos elaboraram propostas de atividades sobre grafismos, tendo como objetivo completar um girassol com sementes, formando círculos e completar as manchas do corpo de uma girafa.

A pedido da Educadora, ajudámos algumas crianças que apresentaram mais dificuldades na Cartilha, tendo como auxílio: letras móveis e o flanelógrafo.

Inferências e fundamentação teórica

O 3.º e 4.º Dons de *Fröebel* são materiais bastante elucidativos para vivenciar diversos raciocínios matemáticos, pois através do manuseamento dos mesmos, as crianças interiorizaram com mais facilidade o que lhes é pedido.

Como refere Caldeira (2009b), “Os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus íntimos pensamentos e ideias. (...)” (p. 241)

A mesma autora refere que trabalhar os dois materiais em simultâneo:

São um acumulado dos objectivos dos Dons em separado, com alguma complexidade acrescida, vejamos: maior diversidade nas actividades; diferentes construções; cálculo mental; situações problemáticas mais complexas; maior equilíbrio; desenvolvimento de criatividade.” (p. 285)

Achei relevante a Educadora ter dado a conhecer às crianças o criador do material, as regras a ter com os materiais, assim como a realização de diversas situações problemáticas com as construções feitas.

Outro aspeto pertinente diz respeito aos pequenos grupos formados para a leitura na Cartilha Maternal, segundo Deus (1997):

As lições são dadas a grupos de três ou quatro crianças, de preferência escolhidas entre elas. Essa pequena equipa, que funciona como tal, torna as lições mais vivas, e equilibra em interacção o comportamento individual de cada aluno: os mais rápidos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes. (pp. 19-20)

É importante que a criança se sinta motivada e em harmonia para que consiga interiorizar todos os conhecimentos transmitidos não só pelo Educador, como também pelos colegas mais “desinibidos”.

segunda-feira, 10 de outubro

A manhã inciou-se com a aula de Música, aqui, falaram um pouco sobre o folclore, visualizaram no quadro a elaboração da clave de sol e das notas musicais na respetiva pauta.

Seguidamente a essa aula, a Educadora dialogou com a turma sobre o fim de semana e iniciou a Leitura e Escrita. Solicitou a nossa ajuda, para auxiliármos algumas crianças com os grafismos no quadro e também nos respetivos lugares.

Após esta, passaram para a aula de Matemática, onde trabalharam com o material Calculadores Multibásicos.

Primeiramente, fizeram uma revisão do Jogo das Torres, onde a Educadora colocou perguntas pertinentes sobre o mesmo.

Logo após o Jogo das Torres, a Educadora trabalhou com as 3 placas com as crianças, explicando o procedimento de colocação das mesmas e iniciou um novo jogo.

Neste novo jogo, Jogo da Base, a Educadora lembrou as regras do mesmo e trabalhou a adição.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de música são fundamentais para o desenvolvimento da criança. De acordo com Cordeiro (2007):

a aprendizagem de novas canções (partilhando algumas entre elas) permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo. (p. 373)

O material Calculadores Multibásicos permite que a criança trabalhe diversos conteúdos, segundo Caldeira (2009b):

- Exploração de atributos;
- Associação e comparação;
 - Contagem de quantidades;
 - Ordenação;
 - Jogos em várias bases;
 - Compreensão do sistema decimal;
 - Valores de posição (classes e ordens);
 - Leitura de números inteiros;
 - Introdução da base decimal (e actividades com outras bases);
 - Operações aritméticas (e provas);
 - Situações problemáticas. (p. 188)

Outro aspeto relevante ao visualizar esta aula, refere-se ao facto da Educadora recorrer sempre a exemplos para que as crianças consigam descodificar a mensagem proposta.

terça-feira, dia 11 de outubro

As crianças iniciaram o seu dia explorando um *puzzle*, o *Tangram*. Primeiramente, a Educadora deixou-as manusear, visto ser a primeira vez que o faziam, pois só o fizeram com peças de papel.

Depois, a Educadora referiu algumas das regras do *puzzle* e, exemplificando no quadro, orientou as crianças na construção da figura pretendida (gato).

Após a construção da figura, a Educadora questionou as crianças sobre a quantidade de peças utilizadas e trabalhou a simbologia, e as quantidades, pegando na construção realizada.

Ao terminarem a aula de Matemática, algumas crianças picotaram as peças do *Tangram*, para construir novamente o gato e coloram numa folha, enquanto outras foram à Cartilha.

Para terminar o período da manhã, a aula foi preenchida com a Área do Conhecimento do Mundo, revisão de um dos cinco sentidos, o paladar.

Inferências e fundamentação teórica

Considero o *Tangram* bastante elucidativo para desenvolver a criatividade. De acordo com Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010) este *puzzle* “permite realizar uma enorme variedade de actividades que implicam o desenvolvimento do sentido espacial e criativo dos alunos.” (p. 137)

Para Caldeira (2009b) o *Tangram*:

Este puzzle chinês, que tem como base um quadrado, tem vindo a inspirar a criação de muitos outros com as mesmas características.

Os Tangrams são obtidos basicamente a partir da dissecação de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das peças obtidas. Este fundamento geométrico permite que estes puzzles associem ao seu carácter lúdico bastante interesse didáctico. (p. 391)

Este material permite à criança que use a sua imaginação para criar novas figuras.

sexta-feira, dia 14 de outubro

As crianças iniciaram o seu dia com a Área de Conhecimento do Mundo, com a temática das texturas.

Antes de iniciarem o jogo relacionado com um dos sentidos, o tato, a Educadora colocou as crianças sentadas em volta de uma placa dividida em oito partes iguais com diferentes texturas. Em seguida, começou por explicar em que consistia o jogo, referindo que teriam de descobrir o que estavam a sentir ao tocar na placa.

À medida que realizavam o jogo, a Educadora questionou as crianças sobre a temática, aproveitando todos os conhecimentos conhecidos pelas mesmas e explicou que o cérebro vai decodificar as diferentes texturas, através do tatear (figuras 6 e 7).

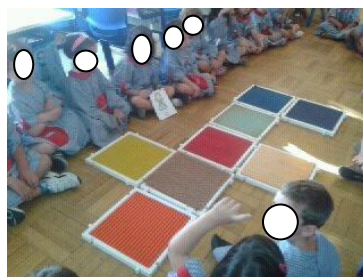


Figura 6 – Placas com diferentes texturas

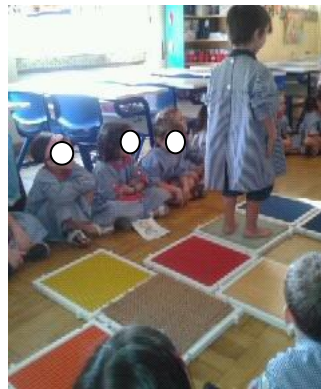


Figura 7 – Criança a experimentar as texturas

Após esta aula, as crianças realizaram uma proposta de trabalho relacionada com o paladar, enquanto visualizámos uma aula de Cartilha.

O período da manhã foi concluído no ginásio, devido à Feira do Livro, onde as crianças puderem visualizar, manusear e comprar os livros expostos.

Inferências e fundamentação teórica

É visível no rosto das crianças, o gosto que têm pela Área do Conhecimento do Mundo, ficam bastante entusiasmadas, e a sua participação torna-se ainda mais calorosa.

A temática Sentidos capta a atenção das crianças. A estratégia utilizada pela Educadora para dar o sentido do tato, a meu ver, foi muito apelativa e produtiva. Através das oito placas com diferentes texturas, as crianças à medida que realizavam o jogo, percebia-se que interiorizavam a explicação dada pela Educadora de forma clara e concisa.

Segundo Brandes e Phillips (1977):

Os jogos proporcionam flexibilidade: flexibilidade de abordagem, de programação, de objectivos. É por intermédio desta sua flexibilidade que se pode fazer uma tentativa séria de desenvolver um programa integral de educação do indivíduo. (...)

Os jogos podem ser praticados de uma maneira construtiva, e não como uma série de preenchimento de lacunas em lições, ou como actividades sem sentido. Cada jogo pode encerrar diferentes finalidades que se podem sempre definir, pois até mesmo a «diversão» tem uma finalidade. (p. 8)

A atividade relacionada com o paladar realizada posteriormente foi bastante interessante, estando o seu conteúdo explícito.

Considero bastante pertinente que as crianças tenham contacto com este tipo de feiras, sendo sem dúvida um marco para motivar e explorar uma vasta gama de livros.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009) “através dos livros, que as crianças descobrem o prazer de leitura e desenvolvem a sensibilidade estética.” (p. 70)

Em suma, este tipo de feiras, bibliotecas e outros sítios destinados a livros, são fulcrais para a aprendizagem da criança, servindo também de estímulo para o ato de ler.

segunda-feira, dia 17 de outubro

As crianças iniciaram o dia com a aula de Música, fazendo uma revisão da pauta e das notas musicais.

Ao terminar a aula, a Educadora iniciou a aula de Leitura e Escrita, em que as crianças terminaram atividades pendentes sobre grafismos e treinaram a leitura na Cartilha.

A aula de Matemática finalizou o período da manhã, com o material Geoplano. A Educadora começou por explicar o significado do Geoplano, questionando as crianças se conheciam ou se já tinham ouvido falar do material, a constituição e a função do mesmo.

Sendo um novo material apresentado às crianças, a Educadora deixou que estas o explorassem ao máximo.

À medida que as crianças realizavam a atividade e a terminavam, a Educadora observou todos os desenhos, questionando-as seguidamente sobre o que tinham feito.

Inferências e fundamentação teórica

O material Geoplano é um material bastante elucidativo para trabalhar e desenvolver as figuras geométricas, assim como a motricidade fina.

De acordo com Matos e Serrazina, citados por Caldeira (2009b):

Os geoplanos são utilizados com elásticos de várias cores e podem ser complementados por papel pontado quadriculado, isométrico e triangular. No ensino pré-escolar, é conveniente a utilização do papel pontado que reproduza exactamente o espaçamento dos pregos do geoplano. (p. 410)

Para Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010) este material proporciona à criança “um apoio na representação mental de figuras geométricas permitindo “fazer” e “desfazer”, com facilidade, figuras e observá-las em várias posições.” (p. 87)

Considereei muito positivo a forma como a Educadora abordou o material com as crianças, assim como a exploração dos desenhos feitos livremente.

terça-feira, dia 18 de outubro

O período da manhã foi preenchido pela Leitura e Escrita e também pela Área do Conhecimento do Mundo.

Relativamente à Leitura e Escrita, as crianças terminaram trabalhos pendentes, treinando a leitura na Cartilha, em que auxiliámos algumas crianças com o grafismo, ajudando-as também na leitura das vogais com o auxílio de letras móveis e do flanelógrafo.

Posteriormente ao recreio, a Educadora solicitou às crianças que se sentassem no chão, para a aula de Conhecimento do Mundo, com o tema da audição.

Antes de iniciar a aula, pediu-lhes que estivessem em silêncio e captassem todos os sons à sua volta. Alguns minutos depois, questionou-os sobre os mesmos, explicando a importância e o cuidado a ter com os ouvidos.

Através de uma imagem, a Educadora identificou o canal auditivo, explicando a função do tímpano e do caracol, referindo ainda, o nome dos três ossos existentes no ouvido: o martelo, a bigorna e o estribo.

Com a ajuda de alguns instrumentos musicais, realizou uma experiência com as crianças, em que estas, estando com os olhos vendados tinham de identificar os sons de cada instrumento tocado.

Ao terminar a experiência, jogaram ao jogo: *Telefone estragado* que consistia em transmitir uma mensagem ao ouvido, para que o recetor desvendasse o que tinha sido dito.

Para terminar a manhã, as crianças elaboraram uma proposta de trabalho sobre a temática abordada anteriormente.

Inferências e fundamentação teórica

Todas as aulas de leitura e escrita são aulas cruciais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. É sem dúvida uma ferramenta indispensável, para que a criança se consigo expressar, assim como comunicar com o seu meio envolvente.

Segundo Ajuriaguerra (1988), “a escrita é uma forma de expressão da linguagem que implica uma comunicação simbólica com a ajuda de sinais criados pelo homem, sinais variáveis de acordo com as civilizações. A escrita é uma aquisição tardia na história da humanidade (...)”. (p. 9)

O mesmo autor refere também que a escrita:

(...) só é possível a partir de um certo grau de desenvolvimento intelectual, motor e afetivo; socializados em um determinado ambiente e de acordo com certas normas, os modos de expressão gráfica permanecem, apesar de sua variabilidade, bastante fixos pela organização geral do planeamento gráfico e pela equivalência dos instrumentos de inscrição. (p. 10)

As estratégias utilizadas pela Educadora para abordar o tema da audição, através dos instrumentos foram a meu ver, excepcionais, pois através das mesmas, conseguiu captar a sua atenção, assim como alcançar os objetivos propostos.

Como nos é referido nas OCEPE (ME 2009) “o trabalho com o som tem como referência o silêncio, que nunca é absoluto, mas que permite ouvir e identificar o fundo sonoro que nos rodeia”, afirmam ainda que “a exploração de características dos sons pode passar, também, por escutar, identificar e reproduzir sons e ruídos da natureza.” (p. 64)

Relativamente à utilização do flanelógrafo, este, torna-se também um objeto imprescindível dentro da sala de aula, pois através deste, a criança consegue manusear com mais facilidade as letras móveis, tornando o ato de ler mais elucidativo.

Como refere Deus (1997) “este recurso dá à lição um carácter lúdico o que atrai o aluno.” (p. 20)

A Educadora tem sempre presente esta preocupação.

sexta-feira, dia 21 de outubro

O dia teve início com o material Blocos Lógicos, em que a Educadora começou por distribuir uma caixa por mesa e uma linha fronteira por cada criança, explorando em seguida, o mesmo e as suas características.

Seguidamente, explicou-lhes que os conjuntos têm de ter nome e têm sempre de estar representados por uma letra maiúscula.

Após dialogar um pouco sobre os conjuntos, a Educadora iniciou uma atividade. Referiu também que todas as figuras colocadas dentro de um conjunto se chamam: elementos, que aos conjuntos que não contenham elementos se chamam conjuntos vazios e aos que contenham apenas um elemento se chamam conjuntos singulares.

A Educadora mencionou que para representar conjuntos, para além de utilizarmos a letra maiúscula, coloca-se o símbolo cardinal (#), explicando que este serve para referir o número de elementos existentes num conjunto.

Posteriormente, as crianças exploraram o material, aplicando vários exercícios.

Ao terminar esta área, as crianças treinaram a leitura na Cartilha com a Educadora, enquanto a minha colega de estágio e eu, auxiliámos nos grafismos das letras vogais e algumas consoantes.

Após a Leitura e a Escrita, foi-nos proposto pela Educadora, que dramatizássemos uma história à nossa escolha. Escolhemos: *A princesa que não gostava de sopa*.

Para dramatizarmos a história, recorremos aos fantoches existentes no Jardim-Escola, enfeitámos duas mesas com tecidos e depressa fizemos o cenário.

A manhã terminou com a Estimulação à Leitura dada pela Educadora com a história: *O Lagarto Celestino*.

Inferências e fundamentação teórica

Todas as aulas realizadas com materiais são de facto muito produtivas para promover o ensino nas crianças.

Através do manuseamento dos materiais e exploração, adquirem mais facilidade em memorizar todas as suas características, ajudando-lhes também a desenvolver a motricidade motora e fina.

Como refere Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010):

Desde que os alunos tenham conhecimento básico do material a explorar, eles próprios, sozinhos ou em grupo, vão desenvolvendo capacidades libertando o Professor para que este possa estar em contacto mais directo com os alunos com menos capacidades na aprendizagem, ajudando-os a ultrapassar dificuldades. (p. 7)

O material Blocos Lógicos são ótimas ferramentas para se lecionar os conjuntos, de acordo com as OCEPE (ME, 2009) “agrupar os objectos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto.” (p. 74)

É de salientar o facto de a Educadora nos proporcionar momentos de transmissão de conhecimentos, através de variadíssimas atividades, sendo a dramatização uma delas.

Segundo Bontempo e Iannone (citado por Spodek e Saracho, 1998), “as dramatizações criativas são uma boa estratégia para ensinar conceitos, questões sociais ou habilidades. Histórias, marionetes, paródias e jogos são geralmente usados. Elas consistem em três elementos básicos: imaginação, movimento e improvisação.” (p. 243)

De acordo com Sim-Sim (2006) a leitura:

É uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê, a qual tem que ser objecto de uma aprendizagem formal. Aprender a ler é “um processo complexo e moroso que requer motivação, esforço e prática por parte do aprendiz e explicitação por parte de quem ensina. (p. 141)

As histórias são um bem precioso, pois através das mesmas, levamos a criança a entrar no mundo da magia, estimulando a sua imaginação.

segunda-feira, dia 24 de outubro

As crianças iniciaram o seu dia com a aula de Música, onde desenharam as notas musicais no quadro e cantaram individualmente a música: *O nosso galo*.

Ao terminar a aula, a Educadora iniciou a sua com o material *Cuisenaire*, em que distribuiu uma cartolina por mesa e por cima das mesmas, espalhou as peças.

A Educadora começou por questionar o nome do material com as crianças, revendo o valor das peças e trabalhando em seguida, a subtração através de situações problemáticas.

Através de uma situação problemática, colocou as peças no quadro, referiu a sua indicação e realizou a operação.

Posteriormente, a Educadora continuou com o material e com as situações problemáticas, trabalhando desta vez, a subtração com empréstimo. Representou no quadro, a operação relativamente à situação problemática dada, explicando o processo da subtração com empréstimo com o auxílio de uma casa que representava a ordem das unidades e das dezenas.

Para finalizar a aula, realizaram uma proposta de trabalho relativa a este material.

A pedido da Educadora e para terminar o período da manhã, lecionei a 13.^a lição /...e/ da Cartilha Maternal.

Inferências e fundamentação teórica

Como referido várias vezes, os materiais são elementos fulcrais para o ensinamento da criança. O material *Cuisenaire*, como refere Dama, Oliveira, Nunes e Silva (2010) “o manuseamento das barras, dá aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.” (p. 65)

As propostas de trabalho são também um elemento fulcral para a aprendizagem da criança, pois através das mesmas, estas, desenvolvem a motricidade fina e motora.

Segundo as OCEPE (ME, 2009) a motricidade motora “deve proporcionar ocasiões de exercícios da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p. 58) E ainda é referida que “a motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos.” (p. 59)

A oportunidade que temos para darmos Cartilha Maternal é também um factor fundamental para o nosso futuro. Através da mesma, torna-se mais fácil ensinarmos a ler, assim como para as crianças aprenderem a ler.

Segundo Deus, citado por Deus (1997):

Não basta ler, é necessário ler com conhecimento de causa.

Quem não tem análise das letras, quem não sabe as regras dos seus valores, não pode ensinar bem, e ensinando mal, isto é, com muito custo e pouco proveito, naturalmente se furta às ocasiões de ensinar os outros, o que é um grande mal.

Eu espero que às avessas do que actualmente se pensa, a opinião geral de todos seja que nada mais fácil do que render esse serviço enorme, mesmo talvez o máximo que podemos prestar.

Porque eu posso ser homem sem saber retórica, o que não posso é ser verdadeiramente homem sem saber ler. Sou a imagem de Deus, mas não sou a sua semelhança; não estou em toda a parte, cercam-me o espaço e o tempo; não converso com os mortos, não falo com os vindouros, eu nem conheço os negócios da minha Pátria; não pertenço a uma família chamada estado. (pp. 8-9)

Assim como Ruivo (2009):

O ensino forma da leitura no Jardim de Infância dá às Educadoras João de Deus um forte sentido de responsabilidade (...) Elas têm conhecimento profundo da língua enquanto veículo essencial da comunicação e sabem como, nestas idades, isso é um contributo importante na socialização da criança. (p. 120)

É de salientar que a oportunidade de lecionarmos uma lição é única para pormos em prática os conhecimentos aprendidos.

terça-feira, dia 25 de outubro

O início da manhã começou com uma aula de culinária, em que as crianças fizeram pão com chouriço.

À medida que a Educadora colocava os ingredientes necessários para a massa do pão, fez uma breve abordagem ao ciclo do pão. Depois da massa feita, distribuiu por cada criança um pedaço da mesma, para que as crianças pudessem amassar e colocar o chouriço (figura 8).



Figura 8 – Atividade de culinária: pão com chouriço

Ao terminar a aula de culinária, terminaram trabalhos pendentes e iniciaram uma nova proposta de trabalho.

Seguidamente, passaram para a leitura da Cartilha, em que a Educadora nos sugeriu que revessemos as regras da mesma.

Para terminar a manhã, as crianças dramatizaram com fantoches, a história: *Capuchinho Vermelho*.

Inferências e fundamentação teórica

Para além das aulas ditas normais, é essencial por vezes quebrar esse hábito, a meu ver, todas as aulas que requerem manuseamento de algo são sem dúvida aulas bastante produtivas, mantendo as crianças atentas do início ao fim da mesma.

As aulas de culinária são sempre divertidas e apreciadas pelas crianças, posso afirmá-lo após a visualização desta aula e outras vistas anteriormente. As crianças ficam excitadíssimas e ansiosas por viverem e saborearem tal experiência.

Considereei bastante pertinente, serem as crianças a confeccionar o seu próprio pão e, a breve explicação dada pela Educadora sobre o ciclo do pão. De acordo com Cachapuz, Praia e Jorge (2002) “na perspectiva do Ensino por Transmissão (EPT) pressupõe-se que o professor pode transmitir ideias pensadas por si próprio ou por outro.” (p. 141)

Quanto mais diversificado for o manuseamento, mais fácil será captar e interiorizar com os temas em questão.

É realmente relevante considerar o facto de a Educadora nos deixar transmitir os nossos conhecimentos sempre que houvesse um momento oportuno, isto relativamente à Cartilha Maternal.

Segundo Mira (1995), “a Cartilha Maternal, analisada à luz do saber actual, demonstra uma riqueza surpreendente de intuições científicas, confirmadas posteriormente, que só um pensamento e uma sensibilidade excepcionais poderiam conceber.” (p. 6)

A dramatização feita pelas crianças foi bastante importante, trazendo assim, mais motivação e empenho por parte das mesmas. De acordo com Spodek e Saracho (1998) a dramatização:

É um meio importante de expressão para as crianças pequenas, pois, através dela, elas testam suas idéias, dão expressão a seus sentimentos e aprendem a trabalhar com outras quando negociam as diferentes situações sociais. Através do jogo dramático, as crianças desenvolvem em entendimento do mundo em volta delas, e aprendem a lidar com o seu ambiente. (p. 221)

Considero que este género de atividades proporciona à criança momentos de descontração e alegria.

sexta-feira, dia 28 de outubro

O dia começou com a Matemática, com o material Calculadores Multibásicos e material alternativo não estruturado (imagens de ouriços). A Educadora distribuiu o material, relembrou as regras em sala de aula e também regras a ter com o mesmo.

Seguidamente, realizou com as crianças o jogo das bases, base 10, lembrando as suas regras e referiu que os ouriços representariam as peças.

Através do jogo, a Educadora trabalhou diversos exercícios referentes à adição e pediu aos alunos que lessem a placa por cores, lembrando que a leitura da mesma, se faz da esquerda para a direita. Com os exercícios elaborados, fizeram a representação gráfica.

A manhã de estágio terminou com a aula surpresa da colega do Bibe Azul B, em que lhe foi solicitada que lecionasse a divisão, com o material Calculadores Multibásicos.

Inferências e fundamentação teórica

Para além dos materiais estruturados, os materiais alternativos não estruturados são também objetos de grande importância para trabalhar a Matemática.

Como refere Smole (citado por Caldeira, 2009b), “os materiais devem ao simularem situações, desenvolver a imaginação, permitirem tentativas e erros, para que haja uma aprendizagem significativa.” (p. 28)

Para Pimm (citado por Caldeira, 2009b), “a utilização de materiais manipuláveis tem como objectivo a passagem da “ponte” mental, entre o concreto e o abstracto.” (p. 30)

Considero de extrema relevância, trabalhar com qualquer tipo de materiais didáticos, permitindo que a Matemática seja vista como um momento criativo e desafiante.

segunda-feira, dia 31 de outubro

Devido ao *roulement*, algumas Educadoras estiveram ausentes, e a pedido das presentes, a minha colega de estágio, eu e as restantes colegas, realizámos atividades para todo o pré-escolar, alusivas ao *Halloween*.

Após um diálogo entre nós, decidimos dividirmo-nos em dois grupos, um grupo realizou uma dramatização recriada a partir de outra história: *O Donald e a bruxa* (figura 9), o outro

grupo realizou atividades com massa modelar branca, tendo como objetivo modelar e pintar massa com formas relacionadas com o *Halloween*.



Figura 9 – Fantocheiro elaborado pelas estagiárias para a dramatização de uma história

Inferências e fundamentação teórica

Esta manhã, mesmo funcionado a “meio gás” devido ao *roulement*, as crianças revelaram-se bastante entusiasmadas pelo dia festivo, *Halloween*. Apesar de não ser uma tradição portuguesa, a maior parte das crianças vibram com tudo o que envolva bruxas e fantasmas.

Para a dramatização da história, recreámos uma história a partir de outra, e pormenorizadamente, elaborámos as personagens, assim como o cenário, alusivas à mesma.

Neste género de atividades em que existe cooperação entre vários elementos de cada grupo, deve ser feita de forma organizada e estruturada.

Como refere Hohmann e Weikart (1997) “os membros da equipa dão e recebem apoio, falando à vez e ouvindo as ideias dos outros, o que lhes permite incorporar essas ideias no desenvolvimento de novas estratégias para trabalhar com as crianças.” (p. 131)

Também para as OCEPE (ME, 2009) “qualquer que seja a modalidade organizacional, trata-se de um contexto que permite o trabalho em equipa dos adultos que, na instituição ou instituições, têm um papel na educação das crianças.” (p. 41)

Embora o tempo fosse curto, o objetivo pretendido foi alcançado, os únicos aspetos negativos com a dramatização foram relativamente ao cenário, pois este era muito pequeno para tantas estagiárias e também pelo facto desta, ser dramatizada para todo o Pré-Escolar.

sexta-feira, dia 4 de novembro

A manhã começou com a aula de Matemática com o material Calculadores Multibásicos.

A Educadora começou por entregar duas imagens (uma menina e um menino), referindo que iam elaborar uma operação matemática, a divisão.

Mencionou em seguida, que no jogo da divisão, a cor das peças não tem importância, dizendo ser o único jogo em que acontece tal situação.

Através do material estruturado e não estruturado, a Educadora criou uma história para abordar diversas situações problemáticas com as crianças. As resoluções dos problemas eram feitos pelas crianças e representados no quadro.

Seguidamente, representou a operação da divisão no quadro, explicando-lhes que a placa do lado esquerdo representa o dividendo, a placa do lado direito representa o divisor, esclarecendo também a função de cada um deles.

Pegando nas divisões efetuadas, a Educadora referiu que às divisões que dão resto zero se chamam exatas, e às que dão não dão resto zero se chamam inexatas. Através de uma folha quadriculada, as crianças treinaram a representação numérica da divisão (operação e indicação).

Para concluir o período da manhã a Educadora começou por abordar a temática: Planeta do Sistema Solar, explicando a origem do universo, o *Big Bang*, a origem dos planetas, utilizando como suporte um livro didático com imagens apelativas sobre o tema em questão.

Referiu também, a função do astronauta e mencionou o nome do primeiro homem a chegar à lua, *Neil Armstrong*.

Inferências e fundamentação teórica

Para que a criança ganhe interesse pela Matemática, o Educador deverá adotar uma estratégia de ensino estimuladora e cativante. De acordo com Certiquetti-Aberkane e Berdonneau (1997):

Lidar com a Matemática é, antes de tudo, oferecer à criança a oportunidade de agir, e posteriormente levá-la a refletir acerca de suas ações: reviver e, pensamento os acontecimentos que acabaram de se desenvolver, antecipar o que poderia vir a acontecer, procurar prever... (p. 4)

Considero de extrema importância o facto de a Educadora realizar diversas situações problemáticas com as crianças, como é afirmado nas OCEPE (ME, 2009):

Importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com outra criança, num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicitação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão. (p. 78)

É fundamental saber ouvir e respeitar todas as soluções encontradas pela criança e perceber se esta conseguiu alcançar o resultado pretendido.

segunda-feira, dia 7 de novembro

O período da manhã começou com a aula de Música, seguindo-se a aula planeada pela minha colega de estágio.

A primeira Área abordada foi a de Conhecimento do Mundo com o tema: Dentição. Começou por colocar as crianças no chão, para que estas conseguissem visualizar o material apresentado: dentadura e uma escova-de-dentes de grande porte.

Através do material, a colega indicou os dentes molares, os incisivos, e os caninos, referindo a função de cada um deles. Abordou também, a importância da dentição de leite e da dentição definitiva e os cuidados a ter com os mesmos.

Após a aula, as crianças manusearam e observaram o material apresentado pela colega, descansaram e dirigiram-se ao ginásio para realizarem um jogo relacionado com o tema.

O jogo tinha como objetivo procurarem imagens relacionadas com o tema abordado e colocá-las dentro de um conjunto (arco), e noutro conjunto colocar imagens que não correspondiam ao tema.

Para terminar o período da manhã, a colega deu aula de Expressão Plástica, em que cada criança construiu e decorou uma caixa para colocar os dentes de leite.

A aula de Matemática não foi realizada, ficando assim, adiada para o fim da semana.

Inferências

O material apresentado pela colega era bastante didático e apelativo, permitindo que a atenção das crianças fosse muito boa.

terça-feira, dia 8 de novembro

Este dia foi reservado à visita de estudo ao Clube da Estefânia sito na Rua Alexandre Braga, ver uma peça infantil: *O Guardião de Sonhos* de autoria de Pedro Cavaleiro.

As crianças tiveram oportunidade de participar nesta peça de teatro, que conta a história dos sonhos.

Inferências e fundamentação teórica

Todas as atividades realizadas fora do recinto escolar são muito apreciadas pela criança. Quando se pronuncia as palavras: visita de estudo, a reação da criança é de extrema alegria e excitação, pois aguardam com grande ansiedade pelo momento da visita.

De acordo com Almeida (1998):

As visitas de estudo têm sido consideradas actividades relevantes, senão mesmo fundamentais, no processo de ensino aprendizagem, reunindo o consenso de professores, alunos, autores de livros de texto, investigadores em desenvolvimento curricular e responsáveis por instituições de natureza muito diversa, desde museus, jardins zoológicos e botânicos, parques urbanos e naturais, a fábricas e empresas. De facto, independentemente do modelo curricular vigente, esta actividade é referida como promotora do desenvolvimento integral do aluno, ainda que cada tipo de currículo tenda a valorizar mais os aspectos que melhor reflectem os seus fundamentos teóricos. (p. 19)

De acordo com Proença (1990):

A visita de estudo de História “permite realizar um ensino activo e interessante (...) contribuindo para uma aprendizagem integradora da realidade. Os alunos encontram-se em presença das “coisas”, e, deste modo, a sua adesão à realidade histórica não se faz por uma imposição magistral, mas através das provas que lhe são fornecidas directamente pelas coisas observadas. (p. 137)

As visitas de estudo são momentos fulcrais para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, pois através das mesmas, também podem adquirir novos conhecimentos.

sexta-feira, dia 11 de novembro

A manhã foi preenchida com a conclusão da aula de Matemática lecionada pela minha colega, em que abordou através do material não estruturado, escovas-de-dentes e algarismos móveis, a teoria de conjuntos e contagens e com a minha aula planeada, cujo tema geral versava o dia de São Martinho.

A colega começou por relembrar as regras em sala de aula e trabalhou a adição e a subtração através de situações problemáticas. Após a aula da colega, iniciei a minha manhã planeada.

Primeiramente, comecei por estabelecer as regras a ter em sala de aula, recorrendo a um objeto lúdico presente na mesma, abordando de seguida, a Área de Conhecimento do Mundo. Nesta, explorei com as crianças a árvore castanheiro e o seu fruto, recorrendo a

imagens palpáveis (folhas; castanhas; ouriços) para explicar as suas características, tais como: crescimento, espessura do tronco; folhas; alterações sofridas durante as quatro estações do ano.

Ao terminar a aula, abordei a divisão através do material Calculadores Multibásicos e material alternativo não estruturado: castanhas; algarismos e imagens alusivas aos bonecos *Smurfs* móveis.

Primeiramente, dialoguei com as crianças sobre a temática e distribui o material necessário. De seguida, recorri a situações problemáticas na oralidade, para que as crianças pudessem analisar e interpretar o problema com o auxílio do material distribuído inicialmente. E, representei no quadro, a indicação da operação.

Para finalizar a manhã planeada, apresentei à turma, a Lenda de São Martinho, através de uma dramatização com sombras chinesas, colocando o ambiente da sala adequado ao momento.

Inferências e fundamentação teórica

Relativamente à manhã planeada, consegui abordar os objetivos propostos de uma forma bastante positiva, apesar de ainda existirem alguns aspetos a melhorar.

A gestão do tempo é sem dúvida o fator a melhorar. É através destas aulas planeadas que conseguimos verificar a nossa capacidade de gerir o tempo, para que futuramente, a estratégia seja planeada de forma diferente.

De acordo com Arends (1995) o tempo revela-se “(...) o recurso mais importante que o professor tem de controlar: não só quanto tempo deve ser gasto numa matéria específica, mas como gerir e focalizar o tempo dos alunos nos assuntos escolares em geral.” (p. 79).

Não posso deixar de salientar que a dramatização da Lenda de São Martinho através de sombras chinesas, foi uma boa estratégia, pois consegui captar de uma forma lúdica, a atenção das crianças. Segundo as OCEPE (ME, 2009):

As “sombras chinesas” constituem outro suporte para actividades de dramatização. Se as formas mais simples – projectar o corpo ou as mãos, por exemplo – podem ser realizadas pelas crianças, as formas mais elaboradas exigem o apoio do educador para constituir silhuetas que as crianças poderão utilizar. (p. 61)

Esta será sem dúvida uma estratégia a adotar futuramente.

segunda-feira, dia 14 de novembro

O dia teve início com a Leitura e Escrita, onde as crianças treinaram grafismos e auxiliámos as crianças que apresentavam maior dificuldade com os mesmos.

Em seguida, a Educadora propôs-nos que dessemos uma lição de Cartilha, a minha colega de estágio deu a 10.^a lição /o=u/, e eu lecionei a 9.^a lição, letra //l/.

Para terminar o período da manhã, as crianças elaboraram grafismos em série desenhados pela Educadora no quadro, e a seu pedido, a minha colega de estágio e eu, realizámos situações problemáticas, inserido os grafismos feitos (figura 10 e 11).

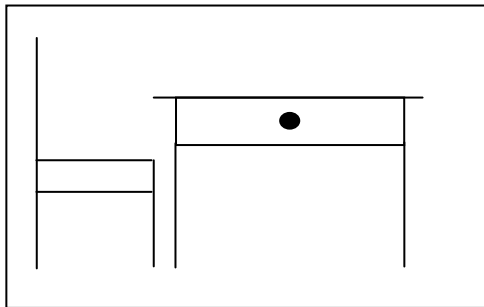


Figura 10 – Primeiro Grafismo em série

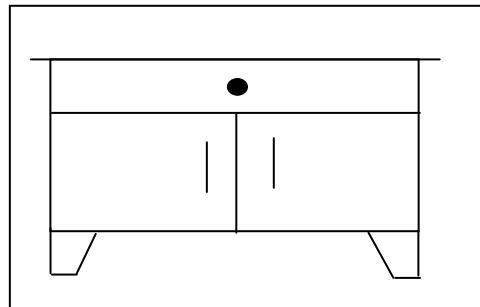


Figura 11 – Segundo Grafismo em série

Inferências e fundamentação teórica

Considerei a manhã bastante produtiva devido ao facto da Educadora nos solicitar que lecionássemos uma lição da Cartilha Maternal.

Ao realizármos situações problemáticas referentes aos grafismos em série, foi também um momento bastante produtivo e educativo para mim enquanto estagiária.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009) o educador deve proporcionar “experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas.” (p. 74)

Ao lecionar estes momentos adquirei uma maior perspetiva sobre a forma como futuramente poderei lecionar as minhas aulas, pois através destes pequenos momentos, consigo verificar se existem ou não erros e como devo conseguir ultrapassá-los.

terça-feira, dia 15 de novembro

Para iniciar o dia, a Educadora dialogou com as crianças sobre a biografia de João de Deus Ramos, explicando-lhe que se comemorava o centenário do primeiro Jardim-Escola João de Deus, sito em Coimbra.

Após o diálogo sobre João de Deus Ramos, as crianças terminaram a atividade proposta na aula anterior sobre a lenda de São Martinho e confeccionaram *pizza*. Com o material: Calculadores Multibásicos terminaram o período da manhã.

A Educadora distribuiu duas caixas por mesa e pediu às crianças que retirassem duas placas e unissem as duas pelas suas extremidades, dando-lhes várias situações problemáticas para que estas as resolvessem através dos Calculadores Multibásicos.

Através de uma das situações problemáticas, a Educadora iniciou a multiplicação, explicando-lhes os constituintes da mesma: fatores e produto total.

Após as situações problemáticas, pediu-lhes que retirassem da caixa a outra placa e que colocassem por cima da placa da mesma cor, afastando um pouco a de cor diferente.

Conforme colocavam nas placas as peças solicitadas, a Educadora jogou na base 10, trabalhou a adição e solicitou aos alunos a leitura da placa por cores e pelas ordens (dezenas e unidades). À medida que elaboravam o exercício com o material, a Educadora representava-o no quadro.

Inferências e fundamentação teórica

Considerei bastante relevante o facto de a Educadora ter dado uma breve explicação sobre a biografia do pedagogo, assim como ter referido o centenário do primeiro Jardim-Escola.

A estratégia utilizada para abordar a multiplicação através do material, foi bastante esclarecedora e bem inserida no contexto do exercício.

Como referem Barros e Palhares (1997):

As operações a introduzir têm, no entanto, de ser, nesta primeira fase, ligadas a objectos e coisas que façam sentido para a criança e têm de permitir uma manipulação dos objectos e coisas de forma a que a operação seja executada sobre elas. (p. 62)

Assim, ao manusear diversos tipos de objetos, a criança consegue ter melhor percepção de executar qualquer operação, seja ela de multiplicação, subtração, adição ou divisão.

Relativamente às operações aritméticas, segundo estes dois autores “comporta vários aspectos ligados ao ensino, nomeadamente o algoritmo escrito, o cálculo mental, a estimativa do resultado (...)” (p. 51)

Através da representação numérica, a criança consegue perceber com eficácia, tornando-se indispensável para o seu raciocínio lógico.

sexta-feira, dia 18 de novembro

As crianças iniciaram o seu dia com a Leitura e Escrita, em que terminaram trabalhos pendentes da capa de trabalho e foi-nos proposto pela Educadora darmos uma lição de treino da Cartilha Maternal, dando a colega, a 16.^a lição, letra /g/ e eu, a 15.^a lição, letra /c/.

Enquanto um grupo de crianças estava na Cartilha, as restantes elaboravam uma ficha de grafismo da consoante «f», em que copiaram a palavra fava e afia. Para terminar a Leitura e Escrita, a Educadora distribuiu uma folha pautada e as crianças transcreveram do quadro as palavras: *lua*, *fita* e *ovo*.

Posteriormente ao recreio, iniciaram a aula com o material Blocos Lógicos. Seguidamente, distribuiu pelos alunos uma linha (fronteira), perguntando-lhes o nome da mesma e a sua função. Depois, realizou diversos exercícios, inseriu novos símbolos, pertence e não pertence e o equivalente, explicando-os através de exemplos e exercícios (figura 12).



Figura 12 - Representação de um dos conjuntos realizados com o material: Blocos Lógicos

Para finalizar o período da manhã, a Educadora elegeu as personagens para as peças da festa de Natal: *Os três porquinhos* e *o Cuquedo*.

Inferências e fundamentação teórica

A partir deste material existe uma vasta variedade de formas de abordar diferentes conteúdos matemáticos, sendo um deles, referente aos conjuntos.

Para Barros e Palhares (1997):

É importante fornecer à criança materiais de características semelhantes e diferentes, encorajá-la a reuni-los em conjuntos, questioná-la sobre esses conjuntos. A educadora deverá acompanhar o processo de formação das propriedades e critérios, proporcionando novas actividades vocacionadas

para o efeito, se verificar que a propriedade em questão ainda não se encontra consolidada. (p. 31)

Como referem estes autores, a diversidade de materiais permite que a criança aprenda a classificar e a relacionar.

segunda-feira, dia 21 de novembro

O dia teve início com a aula de Música, onde as crianças ensaiaram para a festa de Natal.

Após o ensaio, iniciaram a aula com o 3.º e 4.º Dons de *Fröebel*. Trabalhou com as crianças as construções referentes à ponte alta e à ponte baixa, questionando-as sobre a quantidade de peças utilizadas. À medida que as crianças manuseavam o material, a Educadora colocou diversas situações problemáticas, a adição e a multiplicação, assim como o cálculo mental.

Para concluir o período da manhã, as crianças treinaram a escrita, através de uma atividade, em que tinham de transcrever para uma folha a frase: *Eu vi a tia*.

Inferências e fundamentação teórica

É fundamental que a Educadora interroge a criança com diferentes situações problemáticas.

Barros e Palhares (1997) referem que “a reflexão sobre as actividades de classificação e seriação esteja sempre presente.” (p. 53) Assim:

O principal lema relativamente a esta reflexão é que há que ter confiança no desenvolvimento da criança. Apesar de ocasionais respostas que não correspondem às expectativas dos adultos, a criança acabará por chegar ao desenvolvimento pleno das suas capacidades. (pp. 53-54)

Cabe ao Educador saber aceitar todas as respostas dadas pela criança e conseguir perceber o seu raciocínio lógico.

Relativamente ao cálculo mental, segundo os mesmos autores, o Educador deve ter especial atenção à forma como coloca as questões e que estas devem ser “introduzidas com muito cuidado, nomeadamente com o cuidado de a educadora não dar a resposta.” (p. 66)

Relativamente à atividade realizada com a escrita (cópia), segundo os autores Condemarin e Chadwick (1987) esta permite à criança:

Avançar com o seu conhecimento das características específicas da linguagem escrita quanto aos sinais de expressão, pontuação diagramação,

formulação espaço-direcional da esquerda para a direita, percepção da palavra como conjunto de letras separadas por dois espaços em branco e captação da sequência das letras dentro da palavra. (...). Praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção de regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação. Esta prática refere-se às exigências de legibilidade e fluidez da escrita. (p. 182).

Os mesmos autores afirmam também que a cópia ajuda a trabalhar “mecanismos de memorização.” (p. 182)

terça-feira, dia 22 de novembro

O começo da manhã foi dedicado à Matemática, no qual as crianças trabalharam com o material *Cuisenaire*.

Primeiramente, as crianças começaram por realizar o jogo das estações, colocando as peças em cima de um papel quadriculado, proposta de atividade inicialmente dada pela Educadora. À medida que colocavam as peças por cima do papel quadriculado (figura 12), as crianças pintavam as quadrículas correspondentes à estação e às carruagens. A Educadora representava no quadro com peças móveis.



Figura 13 – Proposta de trabalho

Após a aula, a Educadora iniciou a Leitura e Escrita, em que nos propôs que lecionássemos a lição do ei e do ou. A minha colega de estágio lecionou a 12.^a lição, ditongo ei e eu, a 11.^a lição, /ou = ô/.

Para concluir o período da manhã, foi-nos solicitado pelas Educadoras Cooperantes do Bibe Azul, que juntamente com as outras colegas de estágio, realizássemos os cenários para a festa de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

Foi importante observar a facilidade com que as crianças decompunham o número pedido (que correspondia a uma estação) escolhendo as cores corretas (carruagens para a estação). De acordo com Caldeira (2009b) “as crianças devem ser estimuladas a fazerem comboios com várias carruagens.” (p. 137)

sexta-feira, dia 25 de novembro

Este dia foi marcado pelas aulas surpresa solicitadas pelas Professoras da Equipa de Supervisão.

À minha colega de estágio foi-lhe proposto que desse um conto tradicional sem ter como suporte o livro.

A história contada foi: *Os três porquinhos*, em que a colega através de um fantoche referiu que este seria o narrador da história e, com o mesmo, estabeleceu as regras em sala de aula.

Ao terminar a história, a colega ensinou uma lengalenga às crianças, sendo esta, *A formiga e o escaravelho*, lecionando-a de variadíssimas formas, mostrando também, imagens referentes à formiga e ao escaravelho, para que as crianças pudessem visualizar e identificar os dois insetos.

Posteriormente à lengalenga, a colega distribuiu pelas crianças uma folha que continha somente um par de olhos, tendo como objetivo, concluírem o desenho do porco.

À medida que as crianças elaboravam o desenho, a Professora da Equipa de Supervisão, sugeriu ainda, que a colega desse uma revisão da 17.^a lição, letra /r/ e iniciasse a 18.^a lição, letra /z/ e as respetivas mnemónicas, rêre e zêxe.

Após a aula da colega, assistimos à aula de outra colega, estando esta, na sala do Bibe Azul B, sendo-lhe pedido que desse uma lengalenga e que a explorasse.

A colega escolheu a lengalenga: *Mão direita e mão esquerda*. Escreveu-a no quadro e através de letras móveis, escreveu novamente a palavra: direita, para que as crianças identificassem as vogais e consoantes.

Para terminar a aula, a colega lecionou a 16.^a lição, letra /g/ a duas crianças, enquanto as restantes terminavam os trabalhos anteriormente iniciados.

Para finalizar o período da manhã, todas as estagiárias reuniram-se com as Professoras da Equipa de Supervisão e as respetivas Educadoras Cooperantes, para dialogármos e analisármos sobre as aulas dadas.

Inferências e fundamentação teórica

A utilização de mnemónicas para promover a leitura na Cartilha Maternal é sem dúvida uma estratégia imprescindível para o ensinamento da criança em relação à leitura. Como refere Deus (1997), “o uso de mnemónicas, para ajudar a memória é um bom processo facilitador do acto de «aprender».” (p. 63)

Assim, através das mnemónicas, a criança consegue ter mais facilidade no ato de ler.

A reunião que ocorreu após as aulas foi muito pertinente, pois permitiu-me perceber quais os apelos positivos, negativos e a melhorar de cada aluno.

Tanto a colega que lecionou a aula, como a Educadora e as restantes colegas de estágio, bem como as Professoras da Equipa, puderam fazer uma reflexão, dar a opinião e perceber como devem fazer numa próxima oportunidade.

segunda-feira, dia 28 de novembro

Mais uma manhã com aulas surpresa.

Fui surpreendida para abordar a Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, na qual me foi solicitado a dinamização das vogais e rever a 2.ª lição, letra /v/. Primeiramente, comecei por rever as vogais e os ditongos, recorrendo sempre que possível a exemplos.

Com a reunião referente às aulas surpresa, concluiu-se o período da manhã.

Inferências e fundamentação teórica

Quando nos deparamos com a visita de um elemento pertencente à Equipa de Supervisão, a primeira sensação que nos angustia é aquele nervoso que nos percorre da cabeça aos pés. A melhor solução para atenuar os nervos nestas circunstâncias, é mentalizarmo-nos que tudo correrá bem e que a presença deste elemento serve para nos guiar e aconselhar a ultrapassar as nossas dificuldades.

De acordo com Glickman (citado por Oliveira-Formosinho, 2002), a Supervisão tem como finalidade promover “o ensino através da assistência directa a professores, desenvolvimento curricular, formação contínua, desenvolvimento de grupo e investigação-acção.” (p. 23)

O mesmo autor descreve ainda que a Supervisão “detém três funções específicas”, estando estas relacionadas com “melhorar a instrução, desenvolver o potencial de aprendizagem do educador e promover a capacidade da organização de criar ambientes de trabalho auto-renováveis.” (p. 24)

De um modo geral fiquei satisfeita com o meu desempenho nesta primeira aula surpresa.

29 de novembro, 2, 5 e 6 de dezembro

Estas manhãs foram preenchidas com a realização dos cenários para a festa de Natal, tarefa proposta pelas Educadoas Cooperantes dos dois Bibes.

Inferências

Ao elaborármos este género de atividades interagindo com as outras colegas, a diversidade de ideias vai ser maior, facilitando assim, a nossa escolha das ilustrações dos cenários.

sexta-feira, dia 9 de dezembro

Devido ao *roulement*, poucas Educadoras estavam presentes, as duas turmas do Bibe Azul juntaram-se e mantiveram-se com a Educadora Emília durante o dia.

A Educadora solicitou-nos ajuda para realizármos com a turma uma dobragem alusiva ao Natal, juntamente com as colegas estagiárias da sua sala.

À medida que finalizavam a dobragem, as crianças ilustraram desenhos para o programa das festas, enquanto nós, estagiárias, continuámos os cenários.

Inferências e fundamentação teórica

Os trabalhos manuais são muito admirados pelas crianças, permitindo-lhes que usufruam da imaginação fértil que possuem. Como afirmam as OCEPE (ME, 2009):

As actividades de expressão plástica são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu. Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado. (p. 61)

Considero fulcral que a criança exprima para o papel através de ilustrações tudo aquilo que cria com a sua imaginação.

segunda-feira, dia 12 de dezembro

A manhã serviu para a conclusão dos cenários para a festa de Natal. Ao todo, foram realizados cinco cenários, três deles continham ilustrações das casas dos porquinhos (palha, madeira e tijolos) e, os restantes, alusivos ao presépio e ao planeta Terra.

Inferências

Apesar do grande esforço para realizármos os cenários, o resultado final não poderia ser melhor, toda a dedicação e empenho que nós, estagiárias, depositámos nos mesmos, era transmissível por cada um deles.

terça-feira, dia 13 de dezembro

A manhã foi dedicada a desenhos alusivos ao Natal. À medida que as crianças o elaboravam, a minha colega de estágio e eu, pedimos à Educadora se podíamos realizar com a turma uma dobragem referente à época Natalícia, a qual concordou instantaneamente.

Posteriormente à atividade realizada com as crianças, a pedido das Educadoras e juntamente com as restantes estagiárias, transportámos os cenários de Natal para o salão Paroquial, visto a festa do Jardim-Escola se realizar no mesmo.

Inferências e fundamentação teórica

A época natalícia é sempre muito desejada pela criança, pois a forma como encaram esta altura do ano, é de imensa alegria. Através destas atividades alusivas à época, a criança consegue transmitir um grande entusiasmo e dedicação na realização das mesmas.

Ao encontro do que afirma o autor, Benoist (1997), a época natalícia “é bem um “milagre” que se renova todos os anos. Um milagre que se prepara com “grandes batimentos de coração” e cujo futuro se lê nos olhos das crianças.” (p. 9)

Esta é sem dúvida uma época que proporciona à criança, a meu ver, uma enorme alegria, não pelos presentes, mas pela união familiar que a época harmoniza.

Quando se aproxima épocas festivas, devemos também ter em consideração a religião da criança. De acordo com as OCEPE (ME, 2009) “reconhecer laços de pertença social e cultural, respeitando outras culturas faz também parte do desenvolvimento da identidade.” (p. 54)

Assim, cabe ao Educador adaptar soluções pertinentes para que possa usufruir de uma atividade sem “trair” a sua crença.

quarta-feira, dia 14 de dezembro

A manhã foi dedicada à festa de Natal. Auxiliámos as crianças, assim como as Educadoras Cooperantes com a organização da mesma.

Inferências e fundamentação teórica

Considero as festas momentos marcantes no processo escolar da criança, são momentos que recordarão com o passar dos anos e também são momentos que podem oferecer à criança a oportunidade de verificar as diferenças que vão sofrendo com o passar dos tempos.

Para Spodek e Saracho (1998):

As crianças diferem em suas características evolutivas. Elas amadurecem em ritmos diferentes e têm potencialidades e dificuldades distintas, bem como diferentes estilos de aprendizagem. (...) Elas aprendem coisas diferentes de seus ambientes, e este aprendizado influencia os seus padrões de desenvolvimento. (p. 104)

De acordo com Peterson, citado pelos mesmos autores, refere: “o ambiente tem um grande efeito sobre o desenvolvimento e a aprendizagem infantis. As experiências precoces têm um impacto duradouro, quer sejam positivas e estimulantes, quer carregadas de trauma e privação.” (p. 104)

É importante que a criança através destes momentos promova a importância de trabalhar em grupo e mostre aos seus familiares o que é capaz de fazer.

sexta-feira, dia 16 de dezembro

A manhã teve início com uma aula de culinária, a minha parceira de estágio e eu, confeccionámos com as crianças biscoitos de canela, sendo estes, recortados com diferentes moldes alusivos à época de Natal.

Seguidamente à confeção dos biscoitos, as crianças elaboraram uma proposta de trabalho sobre grafismos, relacionada com um labirinto.

Inferências e fundamentação teórica

Este foi o último momento passado no Bibe Azul e para que fosse um dia divertido e memorável, a minha colega de estágio e eu, proporcionámos às crianças uma aula referente à culinária, permitindo que interagissem connosco na confeção e moldagem dos biscoitos.

Spodek e Saracho (1998) defendem que para “além de provar e cheirar os ingredientes, as crianças devem ter a oportunidade de observar os vários processos de preparação da comida e seus efeitos sobre os ingredientes.” (p. 293)

Todos os momentos proporcionados neste Bibe foram de facto gratificantes e bastante significativos não só a nível profissional, mas também a nível pessoal, devo agradecer à Educadora, mas, sobretudo às crianças, pela compreensão e afeto que me incutiram enquanto estagiária.

2. 2.ª Secção: Estágio Bibe Amarelo A



2.1 Caracterização da turma

A turma do Bibe Amarelo (3 anos) A é constituída por 28 alunos, sendo a grande maioria rapazes. Relativamente às idades dos alunos, estes nasceram entre janeiro e dezembro de 2008.

Toda a informação apresentada sobre a caracterização da turma foi gentilmente cedida pela Educadora Cooperante.

A nível cognitivo, algumas crianças da turma apresentam mais dificuldades do que outras. Existem também, crianças com grandes dificuldades de concentração, assim como a nível da fala. Em relação à aprendizagem dos conteúdos, algumas das crianças expõem grandes dificuldades, mas de modo geral, a turma é colaborativa e empenhada nas atividades propostas.

Relativamente à afetividade e comportamento, a turma evidência um bom relacionamento com todos os outros elementos que a constituem, assim como um bom relacionamento com a Educadora, entre elas restantes docentes.

A maior parte dos alunos são bastante comunicativos, enquanto outros só o fazem quando solicitados.

2.2 Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo A é uma sala bastante acolhedora e muito adequada à faixa etária a que se destina.

A sua decoração para além de transmitir uma imensa paleta de cores, oferece também, um ambiente agradável e muito atrativo para todas as crianças, permitindo que estas, se sintam familiarizadas com o espaço, pois é nele que passam grande parte do seu tempo. A decoração está feita de forma a cativar a atenção das crianças, estimulando-as e motivando-as para uma melhor aprendizagem.

Para além da decoração, a sala contém um espaço muito bem organizado, dispondo de quatro mesas com as respetivas cadeiras, dois armários com materiais didáticos necessários para todas as atividades realizadas individualmente ou coletivamente (figura 14 e 15). Dispõe também de um pequeno espaço de leitura, com diversos livros e de uma pequena área no chão, onde estão contidos círculos coloridos correspondentes a cada criança, sendo uma área destinada para a realização de diversas atividades em grupo.



Figura 14 – Sala do Bibe Amarelo A



Figura 15 – Sala do Bibe Amarelo A

2.3. Rotinas

Como referido anteriormente nas rotinas do Bibe Azul, o processo do acolhimento deste bibe são semelhantes. No entanto, importa referir que estas crianças têm mais uma, a sesta.

A sesta é um momento fulcral no Bibe Amarelo, todos os dias, posteriormente ao almoço, este, dorme uma pequena sesta durante 2 horas. Aqui as crianças despem o bibe, descalçam os sapatos e deitam-se nas respetivas camas. Como afirma Cordeiro (2010) a sesta é:

Um direito da criança, nesta idade. Deve ser feita num ambiente calmo (contrastando com o ambiente de «converseta» da hora do almoço), e estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras dêem o toque final). (pp. 373-374)

No momento da sesta, as crianças podem ter consigo objetos pessoais, tais como: a chucha, fralda ou outros objetos que sejam propícios para o momento.

O mesmo autor refere ainda que:

Os objectos de transição, (...) são importantes neste momento do adormecer, em que acontece com mais ênfase, a lembrança dos pais e da casa. O que é bom, para ajudar a criar um elo entre os dois universos, mas de modo tranquilo e securizante. (p. 374)

Nestas idades é deveras importante a hora da sesta, pois através da mesma, as crianças têm um momento de descanso e conforto, restabelecendo assim energias.

Relativamente aos objetos pessoais, considero bastante positivo que as crianças possam ter acesso aos mesmos, deste modo, sentem-se mais familiarizadas, criando um ambiente acolhedor e securizante, visto ser esta a altura em que as crianças têm a necessidade do conforto dos pais.

2.4. Horário

O horário apresentado no quadro 4 refere-se ao Bibe Amarelo A, exibindo todas as atividades lecionadas durante o período de aulas.

Através do mesmo, podemos observar as horas de cada temática lecionada, do recreio, da sesta, das refeições, assim como outras atividades.

Quadro 4 – Horário do Bibe Amarelo A

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h	Acolhimento e canções no Salão				
1º Tempo da manhã	Desenvolvimrnto verbal	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática/ Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
	Educação Musical (9h45/ 10h15)	Estimulação à Leitura/ Conhecimento do Mundo			
10h30	Suplmento alimentar – Recreio/ Cantinhos (10h30/11h)				
2º Tempo da manhã	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h30/11h30)	Cêramica Informática (10h30/12h) Dinamização da Biblioteca	Conhecimento do Mundo
12h	ALMOÇO				
13h	Sesta (13h/14h30)				
1º Tempo da tarde	Realização de propostas de trabalho/ Jogos	Realização de propostas de trabalho/ Plasticina e Jogos	Realização de propostas de trabalho/ Cantinhos	Realização de propostas de trabalho/ Entrelaçamentos e Enfiamentos	Realização de propostas de trabalho/ Plasticina e Jogos
16h	LANCHE/ Saída				

2.5. Relatos Diários

segunda-feira, dia 2 de janeiro

Devido ao *roulement*, o dia foi bastante calmo, as crianças brincaram livremente no salão. Posteriormente, dirigiram-se à sala de aula onde a Educadora contou uma história e dialogou sobre a mesma.

Após a leitura, as crianças realizaram o jogo do fantasma e a pedido da Educadora, a minha colega de estágio e eu, arquivámos trabalhos pendentes dos alunos nas respetivas pastas.

Inferências e fundamentação teórica

É notável o quanto as crianças adoram brincar, umas mais extrovertidas que outras, mas brincam ao seu jeito, considero que a brincadeira seja um momento imprescindível para cada criança. Como afirma Cordeiro 2010 “(...) este momento não esquece os restantes colegas, sendo relevante a construção de regras e de hábitos de grupo. Saber respeitar e

aceitar as brincadeiras dos outros sem querer impor as suas, é um exercício saudável para a socialização.” (p. 372)

Nestas brincadeiras é necessário que a criança consiga brincar em grupo e compreender que este momento pode ser partilhado com outras crianças, aceitando também as suas brincadeiras. Deve-se incutir aos mais novos o saber partilhar, assim como o saber aceitar o que é proposto pelos outros, de acordo com OCEPE (ME, 2009) “ (...) a criança vai aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, reconhecendo e diferenciando modos de interagir.” (p. 52)

Assim, a criança vai conseguido captar a essência de interação com as outras.

terça-feira, dia 3 de janeiro

A Educadora iniciou o dia com Área do Domínio da Matemática. Começou por distribuir material não estruturado, duas imagens (menino e menina) e palhinhas.

Através de uma música alusiva aos animais da quinta e ao material inicialmente distribuído, a Educadora criou uma história, onde trabalhou situações problemáticas.

A Educadora trabalhou com as crianças diversos conteúdos matemáticos, tais como: soma e a subtração, a lateralidade, as contagens, a paridade, fazendo também interdisciplinaridade com outras áreas.

Após a aula de Matemática, abordou com as crianças a Área do Conhecimento do Mundo, com o tema do vestuário e respetiva estação do ano.

No chão, a Educadora colocou imagens de bonecos vestidos de formas diferentes, bem como os vários estados do tempo, com o objetivo das crianças explorarem e associarem as imagens.

Inferências e fundamentação teórica

Através de materiais manipulativos, a criança interioriza melhor a aprendizagem, Segundo Caldeira (2009a) “o material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar aprendizagens diversas” (p. 219) refere ainda que o “uso dos materiais, consiste manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos.” (p. 219)

Ao manusear diferentes materiais didáticos, a criança consegue estar mais atenta, absorvendo com mais facilidade os conhecimentos ensinados, segundo Mansutti, citado por Caldeira, (2009a), “define a palavra “material” como “conjuntos de objectos que constituem

ou formam uma obra, uma construção” e “instruir” como “transmitir conhecimentos, ensinar, adestrar, habilitar, esclarecer, exercitar, informar.” (p. 219)

Quando o Educador trabalha com materiais apelativos, as crianças sentem-se muito mais motivadas e estimuladas, não tornando a aprendizagem da mesma, um “bicho de sete cabeças”.

segunda-feira, dia 9 de janeiro

Para iniciar o dia, enquanto esperavam pelo Professor de Música, a Educadora dialogou com as crianças sobre o que tinham feito no fim-de-semana.

Na aula de Música, o Professor trabalhou com as crianças a concentração com música e também o instrumento musical: pauzinhos.

Após a aula, a Educadora abordou a Área do Domínio da Matemática, em que criou uma história através de material não estruturado, borboletas com várias cores, onde trabalhou com as crianças diferentes conteúdos: a lateralidade, os pares, contagens e a divisão (figura 16).



Figura 16 – Material não estruturado utilizado

Inferências e fundamentação teórica

Considero fundamental que a Educadora proporcione momentos de diálogo. Assim, desenvolver a linguagem torna-se um processo imprescindível, é importante trabalhá-la desde tenra idade. Através da mesma, a criança desenvolve os outros sentidos, de acordo com o site referente ao VII Seminário da Sociedade de Pediatria do Neurodesenvolvimento, Castro-Caldas (2012) afirma que “(...) aspectos tão variados com a visão, a audição e a motilidade exercem uma forte influência sobre a linguagem.”

As aulas de música são fundamentais para o desenvolvimento da criança, assim como para a aprendizagem, segundo as OCEPE (ME, 2009) “a expressão musical assenta num

trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspectos que caracterizam os sons.” (p. 64)

O material utilizado pela Educadora para explorar os conteúdos matemáticos atrás descritos, foi sem dúvida, muito apelativo e captou a atenção. Relativamente aos conteúdos explorados, considero ter sido muito relevantes, sendo aqui, que a criança começa a ter perceção da noção espaço-temporal, a noção de número, quantidade e a importância dos mesmos. Todas estavam muito motivadas.

terça-feira, dia 10 de janeiro

A Educadora iniciou o dia com a Área do Domínio da Matemática, trabalhando o material Blocos lógicos. No chão, colocou um lago com peixes, dois dados: um relacionado com as cores e outro com formas e dois arcos: um azul e um encarnado (figura 17).

Seguidamente, lembrou as características do material e escolheu duas crianças para jogarem ao jogo do pescador. Este tinha como objetivo lançarem os dois dados e, consoante o que saísse, as crianças tinham de ir ao lago pescar o peixe correspondente e assim sucessivamente.

À medida que jogavam, a Educadora explorava as características do material com as crianças, assim como, os conjuntos, as quantidades e realizou também pequenos cálculos matemáticos, trabalhando a soma e a subtração.

Para apresentar o algarismo 1, a Educadora, criou um ambiente de mistério, referindo que dentro do lago estava um “amigo” diferente de todos os outros, pediu então a uma criança que fosse procurá-lo e que mostrasse aos colegas. Através dos conjuntos, a Educadora trabalhou o algarismo 1, deixando um elemento (peixe) em cada um dos conjuntos, para que estas percebessem que o número 1 está sempre ligado à quantidade 1. A partir desta quantidade, trabalharam pequenos cálculos.

Seguidamente, a Educadora com um pedaço de giz, desenhou no chão o algarismo 1, para que as crianças com o seu dedo indicador, delineassem por cima do mesmo, seguindo as instruções dadas pela mesma.

Posteriormente ao recreio, terminaram o período da manhã, com a Área de Conhecimento do Mundo com o tema: O Planeta Terra – Planetas.

Para apresentar o tema, a Educadora proporcionou um ambiente de mistério, sentou as crianças nos círculos coloridos e, no centro da sala, estava um globo do planeta Terra anteriormente colocado, tapado com um cobertor, estando somente a luz do mesmo aceso.

Em seguida, a Educadora questionou-as sobre o objeto luminoso, e ao desvendarem o mistério, dialogaram um pouco sobre o Planeta Terra, passando depois para os Planetas. Aqui, através de umas imagens referentes a cada Planeta, a Educadora, solicitava que escolhessem um Planeta, questionava o nome, assim como as funções e a posição de cada um (figura 18).

Ao trabalhar a posição dos planetas, a Educadora trabalhou a noção espaço-temporal, referindo também que ao conjunto dos planetas e ao sol, se dá o nome de sistema solar.

Seguidamente, cantaram uma música alusiva ao tema, visualizaram uma imagem de um astronauta e de um foguetão, em que a Educadora explicou a função de cada um deles. Para finalizar a aula, distribuiu pelas crianças os planetas do Sistema Solar e a partir de uma pequena dramatização, abordou o movimento de translação.



Figura 17 – Exploração do material: Blocos Lógicos



Figura 18 – Exploração dos planetas

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia e a forma utilizada pela Educadora para explorar o material Blocos Lógicos e a forma como abordou o algarismo 1 foram bastante apelativas. De acordo com a UNESCO (1980):

A maior parte das decisões é do professor: é ele quem escolhe os conteúdos, os objectivos, os métodos e os meios, é ele quem decide da duração de cada actividade, define os critérios de êxito e avalia os resultados de cada aluno. (p. 122)

Relativamente ao material Blocos Lógicos, de acordo com Moreira e Oliveira (2004) ao trabalhar este material “pode ajudar no desenvolvimento das capacidades de discriminação e memória visual e constância perceptual. Pode ainda auxiliar no desenvolvimento da ideia de sequência e de simbolização.” (p. 99) As mesmas autoras referem que “os blocos lógicos podem também ajudar os alunos a classificar formas o que em geometria implica conhecer as figuras geométricas e as suas próprias observações.” (p. 99)

É fundamental que o Educador, proporcione uma estratégia que se adapte ao conteúdo explorado, motivando e estimulando a aprendizagem da criança.

Quando se aborda um tema relacionado com a Área de Conhecimento do Mundo, a euforia das crianças é visível, pois estes temas são do agrado de todas elas, para as OCEPE (ME, 2009):

A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é a própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes. (p. 79)

Nesta aula de Conhecimento do Mundo, à medida que a Educadora explorava os planetas, uma criança referiu que o sol era uma estrela, considerei que foi sem dúvida uma boa intervenção, segundo Pereira (2002):

Caberá ao professor um papel determinante no que respeita a tentar perceber o que a criança já é capaz de fazer, o que já sabe, e, em seguida, procurar desafiar a criança com novas tarefas e novas metas, guiando-a e orientando-a de forma a que ela seja capaz de conseguir alcançá-las ou realizá-las. (p. 74)

Porém, é fundamental aproveitar todos os conhecimentos adquiridos pelas crianças e explorá-los ao máximo, pois, por vezes, estas sabem mais do que nós possamos imaginar.

Outro aspeto a salientar desta aula, foi o facto de a Educadora ter dado uma breve introdução do movimento de translação, através de uma pequena dramatização.

sexta-feira, dia 13 de janeiro

A manhã teve início com a aula de uma colega de estágio que só esteve presente no Bibe Amarelo, durante uns dias.

A colega começou por rever as regras em sala de aula e partiu para a Estimulação à Leitura com o auxílio de fantoches. À medida que contava a história pedia a colaboração das crianças, fazendo a interdisciplinaridade com as mesmas.

Após a leitura, a colega abordou a Área do Conhecimento do Mundo, explorando com as crianças, a importância da água, ensinando-lhes uma música sobre esta temática.

Para terminar a aula, a colega realizou um jogo com as crianças, criando curiosidade sobre o mesmo antes de apresentá-lo. Formou 3 equipas, em que cada uma delas, possuía um regador com cores bastante apelativas. O jogo consistia em guiar as crianças até ao recreio, para que cada uma delas regasse os canteiros.

Para terminar o período da manhã, a Educadora trabalhou com as crianças a Área da Matemática, explorando o material Blocos Lógicos, através de quatro garrações de água,

cada um deles decorados com as figuras geométricas e uma caixa, em que dentro da mesma, estavam os Blocos Lógicos misturados com bolas coloridas.

À medida que pegava nos garrafões, a Educadora cantava com as crianças músicas alusivas às formas do material.

Também trabalhou outros conteúdos matemáticos como: a paridade, quantidades e contagens.

Para finalizar a aula, a Educadora realizou um jogo com as crianças, tendo este como objetivo, ao som da pandeireta, procurar na caixa os Blocos Lógicos e colocá-los no garrafão correspondente.

Inferências

Considereei bastante criativo o material elaborado pela Educadora e da sua atitude durante a aula. Foi mágica e soube cativar as crianças envolvendo-as no mundo da fantasia.

segunda-feira, dia 16 de janeiro

Para começo do dia, os dois Bibes tiveram aula de Música em simultâneo, enquanto as colegas etagiárias da turma B se juntaram a nós para terminármos as capas do 2.º período, a pedido das Educadoras Cooperantes (figura 19).

Após a aula de Música, a Educadora iniciou a sua aula de Matemática, em que trabalhou com as crianças as contagens, as quantidades e a lateralidade através de uma tela com imagens em velcro e palhinhas (figura 20).

Para concluir o período da manhã as crianças aprenderam o algarismo 2, onde a Educadora criou alguma curiosidade ao ilustrar no quadro um cisne, e a partir deste, desenhou o algarismo (figura 21).

Para que as crianças pudessem delineá-lo também, a Educadora desenhou-o nas mesas com um pedaço de giz, em que estas tinham de contorná-lo com o dedo indicador.



Figura 19 – Capas do 2.º período



Figura 20 – Criança a manusear a tela



Figura 21 – Criança a delinear o algarismo 2

Inferências e fundamentação teórica

É fundamental, desde cedo, incutir na criança a noção de número, para Abreu (2004):

O conceito de número não pode ser adquirido pela simples observação, exigindo-se apenas que a criança quantifique conjuntos e coloque em relação. Não se pode confundir o conceito de número com as palavras faladas “um”, “dois”, “três”, pois estas não passam de representações simbólicas. (p. 15)

Cabe ao Educador conseguir transmitir a importância do mesmo, a autora afirma ainda que “outro princípio essencial no “ensino” do número é encorajar a criança a pensar sobre o número e a quantidade de objectos. Quase todas elas gostam de contar e comparar quantidades.” (p. 16)

Porém, todas as atividades realizadas pelo Educador em sala de aula, devem ser feitas de forma esclarecedora e criativa para que a criança consiga interiorizar a mensagem sem qualquer tipo de interferência.

terça-feira, dia 17 de janeiro

A Educadora iniciou o dia a jogar com as crianças o jogo: Dominó dos frutos.

Através de um dado, as crianças ao lançá-lo, descobriam a quantidade de frutos que tinham de retirar de cestos e colocá-los num prato, para que procurassem nas peças do Dominó o fruto correspondente, assim como a quantidade certa, para obterem a construção do Dominó. Com algarismos móveis, as crianças colocavam a quantidade correspondente por baixo de cada prato dos frutos.

A Educadora, a partir desta atividade trabalhou com as crianças, contagens, quantidades e paridade.

Posteriormente ao recreio, a Educadora passou para a Estimulação da Leitura e contou a história: *Um bocadinho de Inverno*, do autor: *Paul Stewart e Chris Riddell*. Após a leitura, explorou com as crianças a história, onde estas recontaram novamente a mesma, através das imagens do livro mostradas pela Educadora.

Para terminar o período da manhã, reviu com as crianças, os planetas do Sistema Solar e cantou uma música alusiva ao tema.

Jogaram ainda, o jogo: As tocas e os coelhos ao som de música.

Inferências e fundamentação teórica

Ensinar à criança qualquer tipo de conteúdo através de um jogo torna-se uma estratégia imprescindível para utilizar em matemática, como referem as autoras Moreira e Oliveira (2004) “jogar e brincar são actividades cruciais para o crescimento matemático e ao analisar as características e funções tanto no jogar como do brincar (...) conclui-se que estas se relacionam com a Matemática de múltiplas formas”, assim, “o jogo é parte integrante da Matemática e uma constante na convivência diária com este tipo de conhecimento.” (p. 65)

Os dominós ou puzzles são jogos, segundo as OCEPE (ME, 2009):

São um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens matemáticas, como por exemplo: comparação e nomeação de tamanhos e formas, designação de formas geométricas, distinção entre formas planas e em volume e, ainda, comparação entre formas geométricas puras e objectos da vida corrente. Também o desenho e outras formas de representação de percursos são meios de compreender relações topológicas. (p. 76)

O gosto pela leitura é um momento que deve ser incutido às crianças a partir da tenra idade, segundo Barbosa (citado por Santana e Neves, 1997) “uma criança não aprenderá a ler se ela não tem interesse ou não vê significado no acto de ler (...).” (p. 12)

Para Cazden e Schickedanz (citado por Marques, 1988) “recomendam aos pais e aos professores a leitura frequente de livros de histórias como uma maneira apropriada para estimular o desenvolvimento de competências literárias nas crianças.” (p. 34)

É fundamental que a criança desde cedo, ganhe o gosto pela leitura, sendo esta proporcionada pelos pais ou Educadores.

sexta-feira, dia 20 de janeiro

Esta manhã foi dedicada à culinária. Os dois Bibes dirigiram-se à casa de banho para a lavagem das mãos e foram para o refeitório, onde confeccionaram *pizzas*.

Aqui, as crianças, à medida que observavam as Educadoras Cooperantes a fazerem a massa para as *pizzas*, estas explicavam todos os ingredientes e procedimentos necessários para a confeção.

Após o repouso da massa, as crianças puderam amassá-la e decorá-la com diversos ingredientes como: molho de tomate, cogumelos, fiambre e queijo atempadamente preparados.

Posteriormente à aula, as crianças preparam-se para a sessão de fotografias.

Inferências e fundamentação teórica

Quando dois grupos se juntam para este género de atividades, devemos ter em atenção o comportamento de ambos antes de iniciar qualquer tipo de atividade. Como refere a autora Pato (1995), “é indispensável que os alunos contem, desde o começo, com algumas (poucas) regras, básicas e funcionais (...)” (p. 50)

A mesma autora afirma que o trabalho em grupo “é, em si mesmo, motivador da aprendizagem de crianças (...) é imprescindível que os alunos vivam situações de alegria e saiam delas com sensação de sucesso.” (p. 50)

Considero fundamental que este tipo de atividades seja feita com regularidade, pois são atividades muito apelativas para o desenvolvimento da motricidade fina e desenvolvimento cognitivo.

segunda-feira, dia 23 de janeiro

O dia teve início com a aula de Música, onde as crianças cantaram diversas canções com a ajuda do Professor de Música.

Ao terminar a aula, a Educadora abordou a Área de Conhecimento do Mundo explorando uma das divisões da casa, o quarto, fazendo a interdisciplinaridade com a Área de Domínio da Matemática.

Primeiramente, a Educadora colocou as crianças sentadas nos círculos referentes a cada uma e, através de diversas imagens (boneca; mochila; mobília de quarto; alguns brinquedos; entre outras pertinentes ao tema) criou uma história alusiva ao tema, cativando assim, a atenção das mesmas.

À medida que narrava a história, a Educadora, explorava com as crianças quais os móveis utilizados num quarto e qual a função dos mesmos, trabalhando também, conteúdos pertinentes para a aprendizagem da criança. Os conteúdos abordados foram: a capacidade

de concentração e memorização, dando ênfase à orientação espacial e, para além destes, trabalhou ainda a paridade; a soma; a subtração; as cores; as quantidades e contagens.

O estágio terminou mais cedo, devido à reunião de Prática Pedagógica, realizada no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, com a Equipa de Supervisão Pedagógica.

Inferências e fundamentação teórica

Em todas as aulas lecionadas, a interdisciplinaridade deve constar nas mesmas, Fourez, Maingain e Dufour (2008) afirmam que a interdisciplinaridade “é concebida, simultaneamente, como um método permitindo tratar de problemas concretos provenientes de uma realidade complexa e como forma de saber ultrapassando as fronteiras disciplinares.” (p. 27)

Os meus autores referem ainda que:

Graças à abordagem interdisciplinar e ao saber interdisciplinar, o trabalho didáctico sobre problemas precisos ou a realização de projectos bem definidos pode iniciar-se sobre novas bases, importantes para levar a bom termo a aquisição de competências. Pode-se, de resto, continuar a consultar as fontes dos saberes tradicionais, mas a uma perspectiva global (...) (p. 27)

Considereei bastante positivo, o facto de a Educadora promover a interdisciplinaridade regularmente na sua prática.

sexta-feira, dia 27 de janeiro

A manhã foi reservada às aulas surpresa, assistidas pelas Professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica.

As aulas solicitadas pelas Professoras da Equipa de Supervisão foram no Bibe Amarelo B e no Bibe Encarnado B, ambas, relacionadas com a Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

A colega do Bibe Amarelo dinamizou a história: *O coelhinho Afonso*, em que a turma interagiu com a colega, quando assim o solicitava. Após a dinamização da história, a colega cantou com as crianças a música: *O coelho Alberto*.

Relativamente à aula visualizada no Bibe Encarnado, a colega contou a história: *Vem aí lobo*, em que pediu a cooperação da turma. Posteriormente à história, a colega cantou com a turma a música: *O rato Vitorino*.

Para terminar o período da manhã, realizou-se a reunião referente às aulas dadas.

Inferências

Considero de extrema relevância a visualização destas aulas, permitindo-nos assim, verificar diversas estratégias de ensino para que, futuramente possam ser utilizadas com as crianças.

segunda-feira, dia 30 de janeiro

A manhã teve início com a aula de Música, e posteriormente à mesma, a Educadora abordou a Área do Domínio da Matemática, utilizando o material Blocos Lógicos.

Com este material, a Educadora realizou um jogo alusivo ao tema. Este tinha como objetivo, a exploração de umas cartas referentes às características do material, e através das imagens representadas nas cartas e expostas no quadro, as crianças, seguindo as instruções da Educadora, tinham de indicar e procurar a peça correspondente.

Primeiramente, a Educadora solicitou que os rapazes retirassem a peça correspondente às indicações dadas, enquanto que, as raparigas tinham de confirmar se estas estavam ou não corretas e vice-versa.

Para finalizar a aula, as crianças jogaram um último jogo. Neste, a Educadora omitiu características do material. Por exemplo, os rapazes tinham de retirar uma peça que não fosse encarnada e as raparigas, uma peça que não tivesse forma de retângulo.

Com estas atividades, as crianças trabalharam as cores e a diferença entre o tamanho e a espessura, desenvolvendo assim, a capacidade de memorização e concentração.

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia utilizada pela Educadora para abordar o material Blocos Lógicos através do jogo foi bastante produtiva, Aranão (1996) menciona que:

A criança tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele as informações que lhe são necessárias. Nesse processo, o professor deve agir como inventor e proporcionar-lhe o maior número possível de atividades, materiais e oportunidades de situações para que suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção de seu conhecimento. Sua interação com o meio se faz por intermédio de brincadeiras e da manipulação de diferentes materiais, utilizando os próprios sentidos na descoberta gradual do mundo. (p.16)

A criança ao sentir-se motivada e empenhada com o desenrolar da atividade e conseguirá um melhor aproveitamento e entusiasmo para querer saber e aprender muito mais.

terça-feira, dia 31 de janeiro

Para iniciar o período da manhã, a Educadora abordou a Área de Domínio da Matemática, distribuindo pelas crianças um envelope com algarismos de 1 a 3, visto ser a quantidade aprendida até ao momento. Em seguida, pediu-lhes que ordenassem os algarismos por ordem crescente, referindo que do lado esquerdo se encontra sempre o número 1.

Para além dos algarismos, a Educadora, distribuiu ainda, material não estruturado, umas borboletas coloridas, em que as crianças tinham de colocar por cima destas, a quantidade referente ao número de vezes tocado pela Educadora através de um instrumento musical, os ferrinhos.

Após a atividade, a Educadora, solicitou às crianças, que arrumassem os algarismos dentro do envelope, seguindo as suas instruções.

Com esta atividade a Educadora trabalhou com as crianças, as quantidades; contagens; a ordem crescente e a sequência numérica.

Inferências e fundamentação teórica

Nestas idades, é fundamental trabalhar vários conteúdos matemáticos, segundo Spodek e Saracho (1998) “as crianças ingressam na escola já tendo aprendido muito sobre a linguagem falada e o mundo físico, elas também chegam com uma ampla bagagem de experiências em matemática.” (p.304) Steen (citado por Spodek e Saracho, 1998) refere que “a matemática é uma forma de pensar sobre as coisas e organizar experiências.” (p. 304)

Assim, os mesmos autores consideram que “as crianças devem aprender a descrever, classificar, comparar, ordenar, igualar, unir e separar quantidades.” (p. 307) e às contagens, os mesmos autores referem ainda que “as crianças pequenas precisam de experiências que as ajudem a associar nomes ou símbolos aos números que eles representam.” (p. 309)

sexta-feira, dia 3 de fevereiro

Para dar início à manhã, a Educadora começou com o material Blocos Lógicos. Por cada criança distribuiu um cartão, estando neste representado, alguns atributos do material, aqui, as crianças tinham de identificar a peça correspondente aos atributos dados pelo cartão.

Quando todos terminaram a correspondência, a Educadora verificou em todas as mesas, dando uma estrelinha a todos aqueles que conseguiram identificar a peça pretendida.

Após a Matemática e para finalizar o período da manhã, a Educadora abordou a Área de Conhecimento do Mundo, realizando experiências com a água. Aqui, explorou com as crianças os estados da água, o que se mistura e o que não se mistura com a água e os objetos que flutuam e não flutuam.

Inferências e fundamentação teórica

As experiências são muito apreciadas pelas crianças, segundo os autores Sherwood, Williams e Rockwell (1997) referem que “todas as crianças aprendem com as experiências iniciais (práticas).” (p. 25)

Os mesmos autores afirmam que “as ideias transformam-se em conceitos à medida que as crianças constroem a sua própria realidade, de acordo com as experiências e informações que se vão acumulando em vários momentos de aquisição de conhecimentos.” (p. 25)

Cabe ao Educador realizar com as crianças várias experiências, ainda de acordo com os autores, “no nosso papel de educadores, devemos continuamente fazer coisas com elas e não para elas” (p. 25), devemos deixar que as crianças participem e façam por elas próprias para conseguirem obter resultados e tirar as suas próprias conclusões “isto significa uma procura conjunta de respostas e soluções, à medida que exploramos as maravilhas da ciência.” (pp. 25-26)

Em suma, as experiências realizadas neste dia foram bastante produtivas, estimulando ainda mais a vontade das crianças em participar e vivenciar mais atividades relacionadas com as ciências.

segunda-feira, dia 6 fevereiro

A manhã foi dedicada ao concerto realizado no ginásio para todo o Pré-Escolar, com a banda: Os Corvos.

A pedido da Educadora, a minha colega e eu, iniciámos a pintura de umas peças feitas com massa moldar branca, para futuramente serem utilizadas como material alternativo.

Inferências e fundamentação teórica

Não há dúvida que a música é uma arte e qualquer criança gosta sempre de ouvir música, assim como cantar, para Cordeiro (2007) “habituar o ouvido a escutar música, mesmo se for apenas música ambiente, é fácil, e sem isso a educação das crianças ficará incompleta.” (p. 418)

O mesmo autor defende ainda que:

Ao habituarem-se a ouvir música, de preferência de vários tipos, as crianças desenvolverão os seus próprios gostos e preferências, evoluindo em conhecimentos, e sentindo-se atraídas a tentar, experimentar, investigar e descobrir novos estilos, novos sons e novos ritmos. (p. 418)

Durante o concerto foi visível a concentração em que se encontravam as crianças e redobrava sempre que a banda tocava músicas do quotidiano das mesmas.

terça-feira, dia 7 de fevereiro

Para iniciar o dia, a Educadora começou por abordar a Área do Domínio da Matemática, explorando material não alternativo: palhinhas e algarismos móveis.

Começou por distribuir pelas crianças as palhinhas e um envelope com os algarismos até ao número 3, pedindo-lhes que elaborassem a sequência numérica. Através de uma história criada, a Educadora pedia aos alunos que retirassem uma quantidade de palhinhas e que por baixo das mesmas, representassem a quantidade com os algarismos distribuídos anteriormente.

Com os exercícios solicitados, a Educadora introduziu a noção de divisão e abordou com as crianças o número 4.

Para finalizar o período da manhã, a Educadora fez uma breve revisão sobre as características da água. De seguida, explorou a história da *Gotinha de Água* tendo como suporte o *powerpoint*, propondo às crianças a sua participação à medida que a contava. Após a história, a Educadora abordou-a novamente com os alunos, explicando que a mesma retratava os estados e o ciclo da água.

Para que as crianças interiorizassem a explicação dada, a Educadora apresentou novamente através do *powerpoint* um filme didático: *A turma da Clarinha*.

Inferências e fundamentação teórica

Nestas idades é fundamental que a criança identifique algarismo correspondente a uma quantidade e que saiba que estes têm uma ordem a seguir, segundo Caldeira (2009a) “a acção de contar é fundamental para a criança, para assim realizar a construção do número. Devemos fazer uso dessa habilidade para conseguir que as crianças assimilem o princípio da cardinalidade, através da sequência numérica (...).” (pp. 390-391)

No decorrer das aulas lecionadas, a Educadora teve sempre em atenção com esta situação, verificando sempre se a criança conseguia ou não identificar o algarismo correto à quantidade trabalhada.

Quando a Educadora colocou um filme referente à temática apresentada, as crianças vibraram. Tudo o que envolva meios de comunicação, principalmente televisão as crianças adoram, como refere a Comissão de Reforma do Sistema Educativo (1988) “a televisão constitui reconhecidamente um poderoso meio de comunicação (...) que ocupa um lugar muito significativo (...)” (p. 39) A mesma comissão afirma que se “torna cada vez mais notório que a televisão ocupa um espaço de atenção e de consumo de tempo outrora consagrado a outro tipo de actividades (...)” (p. 39)

O Relatório defende ainda que a televisão deve ser utilizada “para fins educativos: para ensinar, para informar, para sensibilizar, para motivar (...)” (p. 45)

Considere também pertinente, a Educadora durante e após a visualização do filme explicar e colocar questões relevantes em relação à temática, para Abrantes (1992) “após a exibição de cada filme, pode convidar os formandos a discutir os aspectos que a sua sensibilidade, a sua cultura pessoal e profissional tornem pertinentes. Considere, sempre que possível, como um dado de grande importância, não apenas ver e ouvir cinema, mas também falar sobre o que se viu e o que se ouviu.” (p. 55)

Relativamente ao filme passado, achei-o bastante adequado ao tema, apontando um pequeno entrave, este ser em versão brasileira, mas a Educadora teve isso em atenção e explicou à turma atempadamente que poderiam ouvir certas palavras que não iam perceber, quando isso acontecia, explicava de forma sucinta.

sexta-feira, dia 10 de fevereiro

Esta manhã foi dedicada à dramatização de uma história: *Beijinhos Beijinhos* realizada pela minha parceira de estágio e eu, na qual utilizámos um fantocheiro com as devidas personagens da história (figura 22).

Após a dramatização da mesma, abordámo-la com as crianças, pedindo-lhes que numa pequena folha branca desenhassem os beijinhos que mais gostavam de receber. Quando todos terminaram o desenho, distribuímos balões previamente enchidos pelas crianças, para que estas colassem no balão o desenho elaborado e falassem sobre o mesmo.

Seguidamente, levámos as crianças ao exterior e pedimo-lhes que lançassem os balões com os beijinhos preferidos para o céu.

Para terminar o período da manhã, elaborámos a prenda para o Dia do Pai.



Figura 22 – Livro: *Beijinhos Beijinhos*

Inferências e fundamentação teórica

Já sabemos que com tudo o que envolva o mundo das histórias e da fantasia, existe uma tremenda alegria por parte das crianças e quando se trata de dramatização com fantoches, estas ficam ainda mais excitantes, segundo Leenhardt (1974) “(...) os fantoches são ricos em múltiplas possibilidades, adaptando-se a tudo.” (p. 51)

Para Pereira e Lopes (2007) os fantoches “constituem, na actualidade, um importante instrumento de aplicação pedagógica em torno de aprendizagens fundamentais (...)” (p. 42) Os mesmos afirmam que os fantoches devem ser utilizados “como proposta educativa interdisciplinar e ainda como tecnologia educativa ao serviço das diferentes áreas do saber (...)” (p. 44)

Os fantoches servem também, segundo os autores, “envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão.” (p. 44) E referem ainda que “contribuem para desenvolver a fantasia, a imaginação (...)” (p. 45)

Considero de extrema importância, sempre que possível, a utilização destes “preciosos objetos” quando se conta uma história.

Não posso deixar de referir o trabalho em equipa com a minha colega de estágio, como refere Hohmann e Weikart (1997) “trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela acção que implica um clima de apoio e de respeito mútuo.” (p. 130) Quando existe uma ligação entre o grupo, do trabalho apresentado surgirá resultados bastante positivos.

Esta aula ficará memorizada para sempre, pois foi muito bem conseguida e as crianças estavam bastante empolgadas e participativas no envolvimento da mesma.

segunda-feira, dia 5 de março

Para iniciar o período da manhã e antes da aula de música, a Educadora dialogou com as crianças sobre o fim-de-semana, abordando o álbum da família.

Posteriormente à aula de música, a Educadora colocou no chão uma arca em que a cobriu com um cobertor. De seguida, através de um fantoche de um sapo, a Educadora criou um ambiente misterioso interrogando as crianças do que seria aquele objeto.

Ao desvendarem o mistério, obsevaram que se tratava de um baú e por cima do mesmo estava uma carta, a qual a Educadora mencionou ser uma mensagem deixada pelo pirata, amigo do fantoche sapo, esta dizia que dentro do tesouro estavam pedras preciosas. Pediu então a uma das crianças para que abrisse o baú e observasse o que continha o mesmo, a criança retirou peças em tamanho real referente ao *Cuisenaire*.

Após descobrir que o tesouro continha peças, a Educadora pediu aos alunos que tapassem os olhos com o bibe, enquanto espalhava pelas mesas as peças do material.

Seguidamente, explicou o nome do material, referindo o autor do mesmo, abordou algumas características: cores e tamanho. Explorou até ao valor 5 correspondente à peça amarela, e mencionou a importância da peça branca.

Para terminar, deixou que as crianças manuseassem livremente o material.

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia utilizada pela Educadora no decorrer da aula foi extremamente produtiva e apelativa, conseguiu captar a atenção das crianças do início ao fim, transmitindo a essência desejada, inserir o material. Para Sanches (2001) “muitas vezes é difícil termos tempo e criatividade para mudar a forma tradicional de abordagem do saber, mas muitos professores conseguem-no fazer com muito sucesso e muito entusiasmo.” (p. 55) Defende ainda que:

Os alunos terão de ser os principais actores na construção do seu saber, interagindo com o próprio saber e com os outros intervenientes da situação em estudo. Levar a escola para a vida e trazer a vida para a escola será uma estratégia que poderá ajudar a dar maior sentido à actividade da docência. (p. 56)

Esta aula foi sem dúvida uma aula que, se possível, num futuro próximo, irei adotar com uma turma minha.

terça-feira, dia 6 de março

A manhã foi reservada à minha aula programada, cuja temática geral incidia sobre as Profissões na sociedade.

Comecei por apresentar uma caixa colorida, referindo que representava a caixa do barulho e pedi às crianças que colocassem todo o barulho dentro da mesma.

Dialoguei e abordei com as crianças sobre o tema, dando uma breve explicação sobre a mesma. Ao mesmo tempo que dialogávamos, tentei sempre recorrer a exemplos para que as crianças percebessem do que se tratava.

Seguidamente, apresentei uma maquete de uma escola, explorei-a com as crianças, associando um conjunto de imagens à mesma.

Ao terminar a Área de Conhecimento do Mundo, através de uma das profissões existentes na escola, distribuí pelas crianças o material alternativo, e iniciei a Área do Domínio da Matemática, em que trabalhei a subtração, a soma e a lateralidade.

Com a Estimulação à Leitura, terminei o período da manhã, para que descobrissem a personagem da história, um coelho, as crianças, construíram um *puzzle*. Ao terminar a leitura da história: *Adoro... a Escola* explorei o livro com as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Ao passármos por alguns Bibes, verificamos que existem grandes diferenças entre eles, mas ao passármos de um Bibe Azul para um Bibe Amarelo, na minha opinião, as diferenças são ainda maiores.

Esta aula no geral decorreu bem, mas poderia ter sido muito melhor. Relativamente à Área de Conhecimento do Mundo, ao perder tempo a explicar o significado dos vocábulos: profissão e sociedade, a aula tornou-se um pouco extensa e exaustiva, e quando se trata de um Bibe Amarelo temos de ter em consideração a estratégia escolhida, devido à faixa etária a que se destina.

De acordo com Spodek e Saracho (1998):

As crianças não são adultos em miniaturas e não devemos esperar que se comportem como tal. Os professores devem desenvolver expectativas razoáveis quanto ao comportamento infantil. Não devemos esperar que as crianças pequenas, por exemplo, fiquem sentadas em silêncio ou prestem atenção por longos períodos de tempo. À medida que amadurecem, elas desenvolvem sua capacidade de permanecerem quietas por períodos cada vez maiores de tempo. (p. 162)

Aqui, poderia ter utilizado outra estratégia, poderia ter apresentado de início a maquete e deixar que os alunos explorassem o que estavam a visualizar.

Relativamente à Área da Matemática não deveria ter aumentado demasiado o grau de dificuldade, pois nestas idades, as crianças estão ainda a trabalhar pequenas quantidades e não quantidades muito altas.

A estratégia utilizada para abordar a Estimulação à Leitura foi bem conseguida e teve a adesão das crianças.

Apesar da existência de algumas falhas no decorrer desta manhã, também houve momentos gratificantes, tais como a ligação que senti com o grupo. Como afirma Sprinthall e Sprinthall (citado por Vieira, 2000) “a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da relação ao grau de aprendizagem real do mundo” (p. 39).

Através desta manhã planeada, posso concluir que ao deparar-me com alguns erros, futuramente, todas as estratégias a adotar, terão de ser benéficas e adequadas à faixa etária a que se destinam.

sexta-feira, dia 9 de março

Esta manhã foi dedicada ao Dia dos Pais, em que a Educadora organizou diversas atividades didáticas com material bastante apelativo. Estas atividades podem ser vistas no programa apresentado no quadro 5.

Quadro 5 – Programa de atividades para o Dia dos Pais

Horas	Atividades
	Iniciação à Matemática
9h30	Material Alternativo não estruturado Com este material podemos desenvolver a criatividade; estabelecer comparações; desenvolver raciocínio lógico; realizar contagens e desenvolver o cálculo mental; formar conjuntos, etc.
10h20	Suplemento alimentar e jogos
10h40	Recreio
	Estimulação à Leitura
11h00	“A Branca de Neve e os 7 Anões”
	Fim das atividades
11h30	Entrega dos diplomas e observação das capas dos alunos

Inferências e fundamentação teórica

Todas as crianças ficam fascinadas quando os pais se envolvem e participam nas atividades relacionadas com a escola, de acordo com Villas-Boas (2001):

Existe a necessidade de que alguém apoie a criança nesses momentos e lhe restitua a confiança nas suas capacidades. Assim, este factor tem a ver com a manifestação de interesse pelo desenvolvimento académico e pelo desenvolvimento pessoal da criança. (p. 55)

Spodek e Saracho (1998) referem ainda que “a participação dos pais requer que eles estejam ativamente envolvidos no funcionamento da escola ou da turma.” (p. 170)

Assim, de acordo com Reis (2008), “o papel do professor é muito importante para a promoção do envolvimento parental com a escola e nas actividades que a escola organiza.” (p. 230)

Não posso deixar de referir que estas atividades proporcionam também, uma maior aproximação entre a família/escola. Segundo, a mesma autora “a família e a escola são dos primeiros ambientes sociais, proporcionando à criança estímulos, ambientes e modelos vitais que servirão de referência para as suas condutas.” (p. 117)

Considero de extrema importância que haja contacto, interesse e diálogo entre pais e filhos sejam estes referentes à escola ou não. Ao existir confraternização, a criança sentir-se-á mais segura de si mesma, contribuindo sem dúvida para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

segunda-feira, dia 12 de março

A manhã começou com as rotinas habituais e foi dedicada às aulas surpresa propostas pelas Professoras da Equipa de Supervisão. Uma das aulas estava-me destinada.

Uma das Professoras da Equipa de Supervisão dirigiu-se à sala, e solicitou-me que desse o material Blocos Lógicos, sequências.

Comecei por estabelecer as regras em sala de aula, distribuir pelas mesas o material, explorei com as crianças os seus atributos e realizei alguns exercícios.

Para começar as sequências e através de um boneco, um dinossauro, referi que este iria ditar os atributos das peças necessárias para a elaboração da sequência.

O fim da manhã foi dedicado à reunião com as Professoras da Equipa, as respetivas Educadores Cooperantes e os colegas, que analisaram e comentaram as aulas surpresa, referindo os aspetos a melhorar.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas surpresa são aulas que nos trazem algum desconforto, e por vezes, a pressão é tanta que ficamos demasiado tensas. Ao perceber que uma Professora da Equipa ia entrar na sala, algo despertou em mim que me fez ver que seria a minha vez, e não estava errada.

Quando esta me solicitou que desse o material Blocos Lógicos, sequências, pensei que não era nada de mais, mas, ao lecionar a aula, comecei a complicar o fácil, a pressão e o nervosismo começaram por percorrer o meu corpo e parece que aquilo que dei foi descontextualizado.

Por vezes, o que pensamos ser fácil no momento, se não estivermos convictos no que fazemos, pode tornar-se muito complicado. Foi sem dúvida uma aula com a qual aprendi a lidar com os meus erros, por mais que custe e, a meu ver, crescemos muito tanto a nível pessoal como a nível profissional.

As reuniões são sempre um marco imprescindível para nós, enquanto estagiárias, pois através das análises e comentários que são feitos das aulas lecionadas, temos outra perspetiva sobre o que foi feito e faremos para o futuro. De acordo com Alarcão (1996) “o supervisor/orientador de estágio será encarado como o promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros professores o desejo de reflectirem e, através da reflexão, a vontade de se desenvolverem em *continuum*.” (p. 91)

Como afirmam os autores Alarcão e Tavares (2003) o supervisor “deve ajudá-lo a reflectir, a interpretar, a ver a realidade (...).” (p. 98)

Assim, estas reuniões são fulcrais para a nossa aprendizagem enquanto futuros docentes.

terça-feira, dia 13 de março

A manhã foi dedicada à aula programada da minha colega de estágio, em que o tema geral da aula, incidiu sobre: Profissões associadas aos meios de transportes.

A colega começou por abordar a Área do Conhecimento do Mundo, através de uma tela bastante apelativa ao tema e explorou-a com as crianças, fazendo a interdisciplinaridade.

À medida que explorava a tela referente aos meios de transportes, abordou também as profissões através de imagens, colocando-as na tela, nos locais certos. De seguida, pediu às crianças que se sentassem ordenadamente nos lugares, distribuiu pelas mesas os lápis de cor e por cada criança, entregou uma folha com o desenho referente ao meio de transporte que utilizavam para ir para a escola. Após a pintura do mesmo, a colega colou o desenho numa pregadeira previamente feita.

Ao terminar a aula de Conhecimento do Mundo, a colega iniciou a Matemática, em que explorou o material: 1.º Dom de *Fröebel*, criando uma história para abordar o mesmo.

A colega criou algum mistério sobre o que continha a caixa, explorou as bolas do material, dando às mesmas, nomes de sentimentos. Através de imagens de carros com as cores pertencentes ao material, a colega trabalhou a lateralidade e outros conteúdos matemáticos.

Para terminar o período da manhã, a colega, com o auxílio de uma maquete de um comboio, pediu às crianças que imaginassem que estavam sentadas nas carruagens e através de um *powerpoint*, leu a história: *A aventura do comboio Rodinhas*. Para finalizar a área, pediu às crianças que pintassem as carruagens para completar o comboio (maquete) Rodinhas.

Inferências

Ao visualizarmos diversas aulas, tanto de Educadoras como colegas de estágio, o nosso conhecimento torna-se mais vasto e podemos adquirir assim, outras perspetivas de ensino.

O material utilizado pela colega foi bastante didático e elucidativo.

sexta-feira, dia 16 de março

Para começo da manhã, abordei a Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, com o material Blocos Lógicos.

Comecei por sentar as crianças nos círculos coloridos e apresentei às mesmas, o pinguim *Kiki* (imagem) e lembrei as regras a manter em sala de aula. Depois, através de dois arcos previamente preparados contendo o material e com a ajuda do pinguim, explorei as características do mesmo.

Seguidamente, através de outros dois pinguins (imagens), referi que queriam fazer um jogo e que estes tinham algo escondido atrás das costas, uma das características do material: as cores.

Depois, dividi a turma em duas equipas: rapazes e raparigas e realizei um jogo com ambas.

Aqui, os pinguins ditavam um dos atributos para os rapazes e os peixes ditavam um dos atributos para as raparigas, ou seja, os rapazes procuravam num dos arcos as peças com as cores indicadas pelos pinguins e as raparigas procuravam noutra arco as peças com os dois tamanhos indicados pelos peixes. Antes de iniciarem as sequências com as peças selecionadas, recorri a um exemplo, para que percebessem o objetivo do jogo.

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula surge devido à aula surpresa referente ao material Blocos Lógicos, seqüências. Como referem as OCEPE (ME, 2009):

O desenvolvimento do raciocínio lógico supõe ainda a oportunidade de encontrar e estabelecer padrões, ou seja, formar seqüências que têm regras lógicas subjacentes. Estes padrões podem ser repetitivos, como a seqüência dos dias da semana, ou não repetitivos, como seqüência dos números naturais. Apresentar padrões para que as crianças descubram a lógica subjacente ou propor que imaginem padrões, são formas de desenvolver o raciocínio lógico neste domínio. (p. 74)

Por não ter corrido como esperava, propus à Educadora voltar a lecionar sobre o tema proposto na aula surpresa.

Ao lecionar a aula, consegui perceber a razão de a aula anterior não ter corrido como esperado. É necessário criarmos um ambiente de magia, fantasia e do imaginário, pois, nesta faixa etária, as crianças adoram tudo o que envolva esse mundo.

segunda-feira, dia 19 de março

Para início da manhã, as crianças começaram com a aula de Música, em que cantaram com a ajuda do Professor, diversas músicas alusivas à estação do ano: a primavera. Após a aula, a Educadora distribuiu pelas mesas o material *Cuisenaire* lembrou a aula do pirata e explorou com as crianças as características do mesmo.

Com o auxílio de um instrumento musical e à medida que a Educadora o tocava, as crianças tinham de retirar a peça correspondente ao número de vezes tocado pela mesma. De seguida, com as peças selecionadas e com a orientação da Educadora, as crianças realizaram uma seqüência e a leitura por cores e por valores.

Através de uma história criada no momento, a Educadora trabalhou algumas situações problemáticas com as crianças e realizaram também uma escada por ordem crescente, seguindo as instruções dadas.

Inferências e fundamentação teórica

Conseguir a atenção das crianças desta faixa etária torna-se, por vezes, uma tarefa árdua e, considero fundamental que haja algo que as cative sem que se torne cansativo.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009):

A composição etária do grupo pode depender de uma opção pedagógica, benefícios de um grupo com idades próximas ou diversas; das condições do jardim de infância, existência de uma ou várias salas; dos critérios de prioridade de características demográficas, pequenas povoações ou população dispersa. (p. 35)

As sequências são ótimas estratégias para que a criança desenvolva o seu raciocínio lógico, assim, como afirma Vale, Palhares, Cabrita e Borralho (citados por Caldeira, 2009b) “os padrões, no ensino da matemática, pretendem ajudar os alunos a aprender uma matemática significativa e/ou a envolver-se na sua aprendizagem facultando-lhes um ambiente de aprendizagem que tenha algo a ver com a sua realidade de experiências.” (p. 178)

A mesma autora menciona que o tipo de padrões que se desenvolvem no pré-escolar “tem por base a articulação das diferenças e semelhanças, havendo uma componente de repetição, que pode ser única.” (p. 178) Afirmando ainda que através destes padrões “podem colocar-se várias questões que ajudem as crianças a descrever o que estão a fazer.” (p. 179)

Considero também após a visualização desta aula, que o criar histórias no momento e expressá-las como se estivéssemos dentro dela, proporciona momentos gloriosos e marcantes para a criança.

terça-feira, dia 20 de março

Esta manhã foi dedicada a uma aula lecionada por mim, referente à Área de Expressão e Comunicação, dominando a Expressão Plástica e Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Inicialmente comecei por introduzir o tema através de um fantoche e distribuir todo o material necessário para a realização da atividade: pincéis, folhas brancas e copos de plástico com tinta verde, em que adicionei arroz. A atividade tinha como objetivo que as crianças verificassem as diferentes texturas obtidas ao adicionármos certos elementos e pintarem com o pincel nas folhas distribuídas anteriormente.

Para além dos elementos acima referidos, distribuí outros copos, um com tinta azul, e outro com tinta amarela, em que adicionei mais dois elementos: farinha e areia.

À medida que realizavam a atividade, coloquei questões pertinentes sobre a atividade e, através de exemplos expostos no quadro, orientava as crianças.

Após a realização da mesma, referi às crianças que só conseguiriam observar o que foi feito, quando secasse, explicando-lhes que ao adicionármos à tinta diferentes elementos, obteríamos diferentes texturas.

Para terminar a manhã e a partir de imagens expostas em *powerpoint*, li a história: *O mundo das cores*, em que pedi a participação das crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Tudo que envolve atividades que suscitem as expressões plásticas, as crianças, adoram. Através desta atividade consegui verificar o entusiasmo transmitido pelas crianças, enquanto pintavam. De acordo com o autor Stern (s.d.) “quando pinta, a criança é capaz de concretizar as suas emoções, e fazer experiências e de tomar contacto com o mundo.” (p. 7)

Assim como refere Cardoso e Valsassina (1988) “a pintura, porque exige esforço em actividade lúdica, é agradável à criança, além de exercitar, tornando patentes as faculdades sensoriais, mentais e afectivas.” (p. 84) Os mesmos autores afirmam ainda “entre todas as actividades da educação pela *arte* a *pintura* é, pois, uma das mais completas e das que contém mais possibilidades expressivas.” (p. 84)

Ao elaborar esta aula, houve certos aspetos que precisam ser melhorados, noemadamente em relação ao resultado final obtido após as pinturas com os diferentes elementos inseridos. Aqui, poderia ter levado um exemplar com as conclusões finais, para que as crianças verificassem e tirassem as suas próprias conclusões sobre a temática apresentada. Como referem as OCEPE (ME, 2009):

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 67)

Outro aspeto a considerar menos positivo foi o facto de não ter levado pincéis suficientes para todos, por outro lado, tornou-se um aspeto relevante, fazendo com que as crianças interagissem e cooperassem uns com os outros e percebessem o sentido de socialização.

Segundo Spodek e Saracho (1998) defendem que:

Às vezes são estimulados os esforços de grupo na sala de aula; em outros momentos espera-se que as crianças trabalhem sozinhas. Elas aprendem rapidamente a necessidade de partilhar e o facto de que o conflito físico é repudiado, e que há outras formas de resolver suas disputas. (p. 325)

Cabe também ao Educador incutir na criança o sentido de socialização, através de situações do quotidiano.

Ao longo da atividade consegui fazer a interdisciplinaridade com a Área de Conhecimento do Mundo, abordando um dos cinco sentidos, o tato, enriquecendo assim, a aula.

Relativamente à história apresentada tendo como suporte o *powerpoint*, as crianças estavam bastante participativas e expectantes. De acordo com Lefever-Davis e Pearma, Trushell, Maitland e Burrell (citados por Silveira-Botelho, 2009) “a utilização de livros de

história electrónicos, bem como a sua criação pelas próprias crianças e educadores, tem também ganhos significativos.” (p. 116) A mesma menciona que “os livros interactivos parecem contribuir para o desenvolvimento de competências ao nível de vocabulário, sintaxe e reconhecimento de palavras.” (p. 116)

Apesar do *powerpoint* não ter sido projetado na tela por um problema técnico, o resultado foi muito positivo, assim como o interesse das crianças nas imagens expostas.

sexta-feira, dia 23 de março

Esta manhã de estágio foi dedicada às aulas surpresa com a Equipa de Supervisão Pedagógica.

Uma das Professoras dirigiu-se à sala de aula e solicitou à minha colega de estágio que lecionasse uma aula com o material Blocos Lógicos, referindo os seus atributos e que trabalhasse a teoria de conjuntos.

A colega começou por estabelecer as regras em sala de aula através de um fantoche, utilizando uma arca em que continha o material, criando algum mistério em torno da mesma.

Para explorar os atributos do material, a colega vendou os olhos a algumas crianças, e estas ao retirarem da arca uma peça, através do tato, teriam de adivinhar os atributos dessa peça.

Depois de explorar os atributos do material, a colega trabalhou a teoria de conjuntos.

Inferências

As visualizarmos diversas aulas, podemos interiorizar e alargar a nossa aprendizagem através de novos conhecimentos e observar outras estratégias de ensino.

E assim, termina mais um momento de estágio que foi bastante enriquecedor. Ao estagiar neste Bibe, refleti sobre todas as estratégias visualizadas e utilizadas, concluindo que é imprescindível ter em consideração a idade e adotar formas de ensino que sejam cativantes e não cansativas para a criança.

3. 3.ª Secção: Estágio Intensivo - Bibe Verde Alface (2 anos)

De 27 de fevereiro a 2 de março

Esta semana foi dedicada ao estágio intensivo, realizado no Jardim-Escola João de Deus de Torres Vedras, na valência de creche, referente à faixa etária dos 2 anos. Este Bibe tem como coordenadora a Educadora Maria José, mas por motivos de doença não esteve presente, estando a turma ao cuidado da Diretora do Jardim-Escola e das Auxiliares de Educação.

Para iniciar as manhãs, o acolhimento não pode faltar, assim como as rotinas realizadas ao longo do dia.

As crianças são recebidas pelas Auxiliares, e levadas para um tapete disposto na sala de aula, que as aguarda para mais um momento dedicado às músicas e lengalengas.

Durante esta semana, as manhãs foram dedicadas a diversas atividades ditáticas. Elaboraram diversas atividades como enfiamentos; encaixes; praticaram ginástica; abordaram de forma breve e clara a prevenção rodoviária com material bastante apelativo e, através de material alternativo: palhinhas, as crianças trabalharam ainda a lateralidade, as cores e as quantidades (figuras 23 e 24).



Figura 23 – Exploração do material: palhinhas

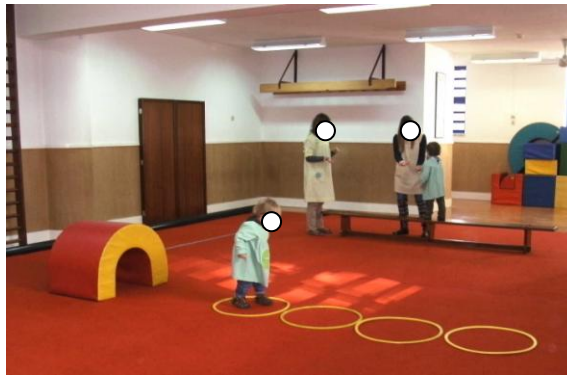


Figura 24 – Aula de ginástica

A minha colega e eu tivemos oportunidade de contarmos duas histórias durante o período de estágio. A primeira história escolhida foi: *A lebre e a tartaruga*, dramatizada com o auxílio de fantoches e um fantocheiro. A segunda história: *Beijinhos Beijinhos*, apenas utilizámos o livro e alguns fantoches referentes às personagens da história.

Para terminar a semana de estágio, a pedido da Diretora, ajudámos na elaboração de um livro para oferecer a uma antiga Professora da Instituição.

Inferências e fundamentação teórica

Durante este período de estágio realizado no Bibe Verde Alface, verifiquei algumas situações que me foram bastante úteis para algumas curiosidades que tinha a cerca de como trabalhar com crianças nesta faixa etária.

As autoras Moraes-Oliveira, Mello, Vitória e Ferreira (1999) afirmam que:

O educador de creche também se constitui enquanto tal, nas relações e interações que estabelece tanto com as crianças, como com as famílias e com os outros profissionais da instituição. Ele vai se constituir de forma diferente conforme percebe o seu papel na creche e junto às crianças. Assim, poderá se ver como alguém que contribui ativamente para o desenvolvimento das mesas. Estas percepções de seu papel são dinâmicas e podem ser modificadas com a experiência, especialmente através de programas de formação em serviço. (p. 32)

As mesmas autoras mencionam ainda que o educador constrói-se e transforma-se “à medida que as crianças de seu grupo se desenvolvem, propondo-lhe novos desafios. Isso fica mais claro quando ele muda de turma, passando a trabalhar com um grupo de berçário, por exemplo, quando antes era responsável pelo maternal.” (p. 32)

E importante criarmos momentos didáticos e elucidativos para conseguir a atenção da criança com esta faixa etária. Todas as atividades realizadas durante a minha estada neste

Bibe, considereei bastante relevantes, segundo Davidson e Maguin (1983) “para a criança, as actividades e os jogos são tão importantes como as refeições e o sono.” (p. 123)

Desta forma, as actividades visualizadas como, por exemplo, os encaixes e os enfiamentos são ótimas estratégias para desenvolver as competências das crianças, Hohmann e Weikart (1997) dizem-nos que as actividades de “encaixar e desencaixar coisas oferece às crianças de idade pré-escolar desafios espaciais e sentimento de sucesso.” (p. 745)

Estes dois autores afirmam ainda que:

Através de tentativa e erro, persistência e repetição, as crianças ganham experiências em primeira mão nas actividades de encaixar, desencaixar, torcer e virar objectos. Este tipo de experiência ajuda a desenvolver a área da resolução de problemas espaciais, à medida que as crianças pré-escolares encontram resposta para as questões que elas próprias colocam. (p. 745)

Assim, este género de actividades, tornam-se indispensáveis para o desenvolvimento crianças correspondentes a esta faixa etária.

Outro aspeto que não posso deixar de salientar está relacionado com a Estimulação à Leitura que a minha colega de estágio e eu organizámos. No primeiro momento em que utilizámos o fantocheiro, observámos que não conseguimos captar como queríamos a atenção das crianças, chegando assim à conclusão que o facto de estarmos por trás do fantocheiro e as crianças só visualizarem os bonecos em movimento, dando origem que a concentração das mesmas não fosse a desejada.

Relativamente ao segundo momento de leitura, ao estarmos em contacto direto com as crianças, estas mostraram-se muito mais motivadas, assim como mais concentradas.

É importante conseguirmos criar actividades didáticas estimulantes e motivadoras, que sejam pertinentes à faixa etária a que se destinam.

Não posso também deixar de referir que esta semana passada com o Bibe Verde Alface foi muito gratificante, reservada a diversas brincadeiras e claro, muitos miminhos. Foi ainda muito positivo acompanhar as crianças durante todo o dia e vários dias seguidos, permitindo perceber como é uma semana de trabalho intensivo.

4. 4.ª Secção: Estágio Bibe Encarnado



4.1 Caracterização da turma

A turma do Bibe Encarnado é constituída por 28 crianças, sendo a maioria pertencente ao sexo masculino. Relativamente à faixa etária, a turma é homogénea, pois, todas as crianças nasceram entre janeiro e dezembro de 2007.

Toda a informação apresentada referente à caracterização da turma foi gentilmente cedida pela Educadora Cooperante.

A nível cognitivo, a turma não manifesta grandes diferenças de aprendizagem e comportamento entre si, existindo algumas crianças que apresentam mais dificuldades que outras (a nível cognitivo, de raciocínio lógico, de psicomotricidade, de socialização). É visível ainda, que na turma existem alunos mais extrovertidos e comunicativos que outros, mas, no geral, a turma é bastante participativa, empenhada e colaborativa em todas as atividades propostas.

Quanto ao nível afetivo, a turma não revela problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem, existindo grupos de interesses que partilham brincadeiras e conversas, querendo manter-se em todas as situações. Por vezes é necessário contestar um pouco, para melhorar a dinâmica do grupo e o desenvolvimento de cada criança.

A forma carinhosa como se relacionam com a Educadora é visível no dia-a-dia, através de palavras meigas, desenhos, afetos e outras atitudes, assim como os restantes docentes e auxiliares da Instituição.

4.2. Caracterização do espaço

O espaço do Bibe Encarnado encontra-se no salão do Jardim-Escola. Este está dividido a meio por um biombo, para que cada turma tenha o seu próprio espaço.

Para Formosinho, Katz, McClellan e Lino (1996) “o espaço físico da sala de aula, quando transformado em ambiente educacional, é a primeira dimensão curricular, porque promove a aprendizagem activa.” (p. 56)

Assim, segundo as OCEPE (ME, 2009):

A organização e a utilização do espaço são expressos das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização. (p. 37)

O salão é um espaço de passagem para toda a escola e polivalente, pois é neste espaço que se encontra a entrada principal da escola, a entrada para outras salas referentes ao 1.º ano, creche e também referente ao refeitório. Aqui, decorrem também outras atividades, nomeadamente o acolhimento a todo o Pré-Escolar, assim como de cantina para os alunos do 1.º ciclo.

No espaço há cinco mesas, três armários que contêm materiais de apoio e jogos didáticos para a aprendizagem da criança e numa das paredes tem um grande placard com vários trabalhos expostos realizados pelas crianças ao longo do ano dos períodos.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009) “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.” (p. 37)

O espaço está bastante aprazível, devido à sua decoração adequada à faixa etária a que se destina (figura 25).



Figura 25 – Sala do Bibe Encarnado A

4.3 Rotinas

Como referido anteriormente nas rotinas do Bibe Amarelo, o processo do acolhimento é igual para o Bibe Encarnado. Todas as manhãs as crianças do Pré-Escolar são recebidas no salão pelas respetivas Educadoras, onde formam uma roda e cantam diversas músicas, realizando por vezes, alguns jogos.

De acordo com Zabalza (2001) “a rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala e desempenha importantes funções no contexto educativo.” (p. 169)

A meio da manhã as crianças comem um pequeno lanche (alternando entre pão ou bolachas) e vão ao recreio. Posteriormente ao recreio, as crianças regressam à sala e realizam outras atividades antes do almoço. Depois deste, voltam a ir ao recreio, para mais tarde regressarem ao salão para o período da tarde.

Relativamente à higiene das crianças esta é feita todos os dias, após a saída da roda, antes de irem para o almoço e, para além das vezes que vão por necessidade própria.

Também para Zabalza (2001) as rotinas “são aprendizagens, são algo que a criança deve aprender” (p. 172) e são como “capítulos, o guião da vida diária de uma turma que, dia após dia, se vai nutrindo de conteúdos e acções.” (p.174)

Assim, é imprescindível que a criança desde pequena adquira hábitos que sejam úteis no seu quotidiano.

4.4 Horário

No quadro 6 é apresentado o horário semanal referente a este Bibe Encarnado A.

Quadro 6 – Horário do Bibe Encarndo A

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
1º Tempo (manhã)	Acolhimento às crianças				
	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática Educação Musical (10h30/11h)	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática/ Cerâmica (9h30/10h45)
	Hora do Conto: estimulação à leitura/ teatro fantoches				
	Suplemento alimentar Recreio orientado e livre				
	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h50/11h50)
12h	Higiene pessoal/ Almoço				
2º Tempo (tarde)	Recreio orientado e livre				
	Grafismos Pré-Escrita	Informática (14h/16h) Picotagem/ dobragem	Rasgagem Colagem	Actividades Plásticas	Clube Europeu/ Experiências
	Modelagem com Terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação Espacial	Desenho livre/ orientado	Puzzles e jogos de mesa
16h	LANCHE				

Sempre que necessário a Educadora procede a alterações no mesmo, tendo como principal preocupação o interesse e bem-estar das crianças.

4.5 Relatos Diários

terça-feira, dia 10 de abril

Para iniciar o período da manhã, a Educadora começou pela Matemática, em que trabalhou com o material 3.º e 4.º Dons de *Fröebel*.

Começou por distribuir o material pelas crianças, reviu as regras a ter com o mesmo e as suas características. Através de uma história criada, a Educadora lembrou com as crianças as construções com os dois materiais em simultâneo, nomeadamente, a mobília da sala, a mobília de quarto, o poço e a camioneta.

À medida que realizavam as construções, a Educadora trabalhou diversos conteúdos matemáticos, nomeadamente, situações problemáticas e respetivas operações, noção espacial, paridade, entre outras.

O período da manhã foi concluído com a aula de Música.

Inferências e fundamentação teórica

Através do manuseamento dos materiais, as crianças desenvolvem várias capacidades, assim como conseguem adquirir vários conhecimentos.

Para Prado (citado por Caldeira, 2009a) “os materiais didáticos, são instrumentos para aprendizagem, pois são o meio através do qual a criança interage com o mundo exterior, com os adultos e com as outras crianças.” (p. 221)

A mesma afirma que “o material ao ser observado, manipulado e explorado provoca o desenvolvimento e formação de determinadas capacidades, atitudes e destrezas.” (p. 221)

Por sua vez, Ponte e Serrazina (citado por Caldeira, 2009a), afirmam que “a manipulação do material pelos alunos devidamente orientada, “pode facilitar a construção de certos conceitos” e “servir para representar conceitos que eles já conhecem por outras experiências e actividades, permitindo assim a sua melhor estruturação.” (pp. 221-222)

Considero de extrema importância os materiais manipulativos, pois, são suportes bastante elucidativos em qualquer Área que se leciona.

sexta-feira, dia 13 de abril

A manhã teve início com a aula de Matemática com o material Calculadores Multibásicos e algarismos móveis.

A Educadora começou por distribuir o material pelas crianças, referindo que iam trabalhar a pares e lembrou com as mesmas, as regras a manter com o mesmo.

Inicialmente, as crianças trabalharam somente com uma placa, em que construíram algumas torres com a quantidade de peças pedidas, representando a quantidade com os algarismos móveis anteriormente distribuídos.

Através desta atividade, a Educadora trabalhou com as crianças a lateralidade, tamanhos, paridade, metades, operações matemáticas e trabalhou também a leitura por cores.

A Educadora solicitou às crianças que “brincassem” com as peças colocando-as nos furos correspondentes às cores e, por baixo das mesmas, que representassem com os algarismos móveis a quantidade correspondente ao número de peças que selecionaram para a torre.

Para finalizar o período da manhã, a Educadora abordou com as crianças a Área de Conhecimento do Mundo, em que explorou imagens através de um *powerpoint*, referente à classe dos mamíferos.

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia que o Educador utiliza para abordar qualquer temática deve ser estimulante e motivadora, de forma a conseguir que a criança participe. Desta forma, todos os recursos usados pelo Educador devem ser bastante didáticos e produtivos, assim, como refere Spodek e Saracho (1998):

Uma vez tomadas decisões a respeito dos objetivos e dos tópicos, os professores devem se organizar para o ensino. Neste ponto, o planejamento inclui decisões sobre as atividades de sala de aula e a identificação e a organização de recursos. (p. 333)

Os mesmos autores afirmam ainda que o professor é:

O recurso mais importante na sala de aula. Eles servem de modelos em relação a valores e comportamentos (...) organizam a sala de aula, decidindo quais as atividades serão incluídas (...) usam os seus conhecimentos sobre as crianças, os recursos disponíveis e o tópico a ser estudado para enriquecer a aprendizagem. (p. 333)

Mais uma vez constatamos que o Educador deve proporcionar estratégias de ensino motivadoras, de modo a que todos os recursos didáticos utilizados sejam marcos de orientação e facilitador para a aprendizagem.

segunda-feira, dia 16 de abril

Para começar o período da manhã, a Educadora abordou a Matemática, através do material *Tangram*.

Inicialmente, começou por distribuir pelas crianças um envelope com o material. As crianças realizaram diversas construções, seguindo as orientações da Educadora.

Para concluir o período da manhã a Educadora leu uma história da *Maleta das histórias*, relacionada com os cinco sentidos.

Inferências e fundamentação teórica

A *Maleta das histórias*, como o próprio nome indica, é uma caixa que contém um caderno com diversas histórias realizadas pelas crianças e pelos pais.

Desta forma, esta *Maleta* proporciona à criança que escolha a história que mais gosta com a ajuda dos pais, permitindo que estes interajam com as atividades escolares.

Segundo as OCEPE (ME, 2009):

A colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem (p. 45)

Através desta atividade, tanto o Educador como os pais, estimulam a criança para o ato de ler, de acordo com Nelson (citado por Spodek e Saracho, 1998) “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentar com a sua própria linguagem oral e escrita.” (p. 245)

terça-feira, dia 17 de abril

Para começo do dia, a Educadora abordou a Área do Domínio da Matemática, introduzindo pela primeira vez o material Geoplano.

Inicialmente começou por distribuir pelas crianças, a placa e elásticos e abordou a sua constituição. A Educadora explicou as regras do material e referiu que este servia para representar figuras geométricas (recorrendo a exemplos) ou desenhos com estas.

Seguidamente, pediu às crianças, que representassem dois quadrados, um grande e um pequeno, e dois triângulos, um grande e um pequeno.

Após atividade a Educadora referiu o nome do material e deixou que as crianças o manuseassem livremente.

Inferências e fundamentação teórica

Quando se apresenta um material, é importante que a criança faça por ela mesma a sua exploração, como refere Cardoso (citado por Caldeira, 2009a), considera que “o primeiro contacto com o aluno com o material deve ser de forma lúdica para que ele possa explorá-lo livremente. É nesse momento que a criança percebe a forma, a constituição e os tipos de peça do material.” (p. 221)

Desta forma, deixá-las descobrir o material, torna-as mais conectadas com o mesmo, permitindo-lhes assim, numa segunda abordagem, um melhor manuseamento e a sua finalidade. Apesar de explorarem o material, foi pena não ter observado este procedimento no início da aula.

sexta-feira, dia 20 de abril

Para iniciar a manhã, a Educadora trabalhou com as crianças através de material alternativo, palhinhas e algarismos móveis.

Primeiramente, começou por distribuir pelas crianças o material e trabalhou com as mesmas, as várias operações. Aqui, as crianças tinham de representar a quantidade em questão, através dos algarismos móveis (figura 26).

O período da manhã foi concluído com a construção de uma história pelas crianças, através de imagens apresentadas pela Educadora e com a continuação da realização da prenda para o Dia da Mãe (figura 27).



Figura 26 – Atividade de Matemática



Figura 27 – Prenda para o Dia da Mãe (saco)

Inferências e fundamentação teórica

Encorajar as crianças a contarem histórias sejam elas através de imagens ou pelas histórias que ouvem no seu quotidiano, como afirmam as OCEPE (ME, 2009) “(...) há formas de “leitura” que podem ser realizadas pelas crianças, como interpretar imagens ou gravuras de um livro ou de qualquer outro texto, descrever gravuras, inventar pequenas legendas, organizar sequências...” (p. 71), permitem que a criança desenvolva a linguagem.

De acordo com Spodek e Saracho (1994) “a contínua troca verbal do dia letivo apresenta inúmeras oportunidades de falar, ouvir, ler e escrever, que se tornam a base para as interações sociais bem como para o desenvolvimento dos processos cognitivos.” (p. 232)

segunda-feira, dia 23 de abril

A Educadora iniciou a manhã com a Matemática, trabalhando o material *Cuisenaire*. Distribuiu pelas crianças o material *Cuisenaire* e material não estruturado: três imagens (uma menina; um menino e uma abelha) e solicitou-lhes que construíssem a escada, enquanto ela a representava no quadro.

Através da escada e das imagens, a Educadora criou uma história e trabalhou com as crianças a leitura por cores e por valores, a dezena e meia dezena, o dobro e as metades (figura 28).



Figura 28 – Exploração dos dois materiais

Inferências e fundamentação teórica

Ao elaborar a escada através do material *Cuisenaire*, podemos visualizar as dificuldades que a criança apresenta a ordená-la por valores ou por cores. É necessário que a criança seja devidamente orientada pelo Educador, pois através da ordenação, conseguirá concluir se a criança consegue ou não fazê-lo. Alsina (citado por Caldeira, 2009b) afirma que as crianças devem “memorizar o valor de cada barra, já que é importante que se habituem a nomear as barras não pela cor, mas sim pelo seu valor.” (p. 131) Assim, a escada torna-se um exercício imprescindível para a compreensão da criança.

Como já referido, os materiais são ótimos condutores para a aprendizagem da criança, sejam eles estruturados ou não estruturados.

Cabe assim, ao Educador, saber encontrar estratégias adequadas para ajudar a criança a raciocinar de uma forma mais correta.

terça-feira, dia 24 de abril

A manhã foi dedicada à visualização e participação de uma exposição realizada no ginásio referente à Ilha dos Açores, para todo o Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A representante da exposição falou sobre o arquipélago, os seus costumes, os hábitos, atrações turísticas, a alimentação e também sobre a atividade vulcânica existente.

Para finalizar o período da manhã, as crianças terminaram a prenda referente ao Dia da Mãe.

Inferências e fundamentação teórica

A exposição organizada no ginásio do Jardim-Escola foi bastante elucidativa. É importante que a criança conheça a história do nosso país, assim como as tradições envolventes.

Através desta exposição, as crianças, segundo Proença (1990) “encontram-se em presença das “coisas”, e, deste modo, a sua adesão à realidade histórica não se faz por uma imposição magistral, mas através das provas que lhe são fornecidas directamente pelas coisas observadas.” (p. 137)

Este tipo de exposição proporciona também, um espaço de socialização entre crianças e adultos.

sexta-feira, dia 27 de abril

Esta manhã foi dedicada às aulas programadas de algumas colegas para a Equipa de Supervisão Pedagógica. A aula observada foi lecionada pela colega do Bibe Encarnado B, abordou as três Áreas, e o tema geral incidia sobre: A zebra.

Na Área de Conhecimento do Mundo abordou as características dos mamíferos, focando-se na zebra. Seguidamente, abordou a divisão com o material Calculadores Multibásicos e, para finalizar a manhã planeada, abordou uma história alusiva ao tema: *A zebra Camila*. Durante a leitura da mesma, a colega pediu a participação das crianças.

A manhã terminou coma reunião referente às aulas apresentadas.

Inferências

O material de suporte utilizado pela colega para a leitura da história: *A zebra Camila* foi bastante criativo e muito bem executado. Esta representava a zebra Camila e serviu para que as crianças manuseassem a mesma à medida que a história era contada.

segunda-feira, dia 30 de abril

Para começo da manhã, as duas turmas do Bibe Encarnado confeccionaram um bolo de iogurte e à medida que as Educadoras o confeccionavam, pediam a colaboração dos alunos.

Para terminar a manhã, a Educadora jogou um jogo com as crianças com o auxílio de uma bola.

Inferências e fundamentação teórica

Neste tipo de atividade é necessário que haja disciplina, pois ao envolver dois grupos, torna-se um pouco complicado conseguir que estas se mantenham atentas, sendo por vezes necessário, recorrer ao retorno à calma.

De acordo com Marion (citado por Spodek e Saracho, 1998), “para propiciar liberdade sem caos na sala de aula, os professores devem estabelecer um sistema de orientação que usa estratégias positivas de disciplina.” (p. 156) Ambos os autores mencionam ainda que “os professores devem planejar o ensino do comportamento adequado da mesma forma que planejam o de outras habilidades.” (p. 157)

É importante que as regras sejam incutidas desde cedo para que a criança perceba que existe um certo limite para as ações praticadas, e perceba também, que é o Educador que prevalece sobre ela.

sexta-feira, dia 4 de maio

Para começo da manhã, a Educadora solicitou à colega que abordasse a divisão com material alternativo não estruturado, imagens e palhinhas. Aqui, a colega criou uma história e realizou situações problemáticas.

Para finalizar a manhã, a Educadora solicitou-me que lesse a história: *O que se passa aqui?* Durante a leitura da mesma, fui pedindo a participação das crianças e ao terminá-la, explorei-a com as mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura deve ser um ato que permita à criança um momento de descontração, Spodek e Saracho (1998) “a leitura deve ser uma experiência significativa e satisfatória.” (p. 259)

Cabe, a nós enquanto futuros Educadores, proporcionar momentos agradáveis à criança transmitindo-lhe assim, maior incentivo para a leitura. De acordo com os mesmos autores “as crianças aprendem muito observando o comportamento dos professores, e aqueles que desejam ensinar os seus alunos a gostar de ler devem ser eles mesmos leitores, capazes de comunicar o seu prazer com esta atividade.” (p. 260)

Por sua vez, Magalhães (citado por Sousa e Cardoso, 2008):

(...) é fundamental desenvolver nas crianças o gosto e o prazer de ler. Nesse âmbito, a autora considera que os educadores e os professores dos diferentes ciclos de ensino podem dar um contributo fundamental, sendo aliás os agentes que mais podem contribuir para intervir a situação actual (p. 7)

Ao explorarmos o livro com a criança conseguimos perceber se esta tomou partido da história, Spodek e Saracho (1998) referem ainda que:

A única forma de sabermos se uma criança nos está ouvindo com atenção é fazendo-lhe perguntas que exijam reflexão sobre algum elemento do que elas ouviram ou que requeiram que elas façam algo de acordo com o que ouviram. (p. 245)

Estes momentos permitem também que a criança desenvolva a sua linguagem e aumente o seu vocabulário.

segunda-feira, dia 7 de maio

A manhã teve início com a confeção de queques de chocolate com as duas turmas do Bibe Encarnado.

Para terminar o período da manhã, a Educadora contou a história: *Todos no sofá*.

Inferências e fundamentação teórica

Com a realização desta atividade a criança torna-se capaz de concretizar por ela própria o que foi pedido, permitindo-lhe também a interação e a socialização a cerca da atividade com o restante grupo. De acordo com os autores, Hohmann e Weikart (1997) “quando toda a gente do grupo está a trabalhar com os mesmos materiais as crianças conversam sobre aquilo que estão a fazer e partilham as suas experiências.” (p. 369)

Observar a alegria das crianças tornou-se um momento delicioso.

terça-feira, dia 8 de maio

Para começo da manhã, a Educadora solicitou-me que abordasse a Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática com o material: 3.º e 4.º Dons de *Fröebel*.

Através dos dons e palhinhas, criei uma pequena história, em que pedi às crianças que construíssem a mobília de quarto e a mobília de sala e trabalhei o cálculo mental.

Inferências e fundamentação teórica

Ao trabalhar em simultâneo com os dons e as palhinhas não foi a escolha mais acertada. Se tivesse utilizado outro tipo de material alternativo, como por exemplo, imagens ou tampas ou outro tipo de material adequado, teria sido mais pertinente, pois as palhinhas estavam constantemente a rebolar. Apesar de a escolha do material não ter sido a mais correta, foi bom arriscar para conseguirmos perceber o que se deve ou não adotar. De

acordo com Sanches (2001) “para tentar perceber como é que os nossos alunos aprendem melhor é bom pesquisar um pouco.” (p. 72)

Ao criar histórias para abordarmos a matemática, a criança mostra muito mais entusiasmo, segundo as OCEPE (ME, 2009):

As aprendizagens matemáticas estão ligadas à linguagem porque implicam não só a apropriação do conceito, mas também a sua designação. A narração de histórias é um meio de se apropriar da noção do tempo, pois corresponde a uma sucessão marcada por ligações de continuidade traduzidas habitualmente pela expressão “e depois”. (p. 77)

Ao criarmos uma história ajuda não só no raciocínio da criança como também à memorização e a concentração que tem de adquirir para conseguir desvendar o problema proposto.

sexta-feira, dia 11 de maio

Esta manhã foi dedicada à minha aula assistida pelas Professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica.

O tema escolhido para abordar as duas Áreas, Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, e a Área de Conhecimento do Mundo, incidiu sobre: A Laranja – Laranjeira.

Para iniciar a aula comecei por abordar a Área de Conhecimento do Mundo, em que através de um figurino, ou seja, vesti-me de laranja. Dialoguei com as crianças sobre as características da laranja, referindo a sua importância para a alimentação, e apresentei elementos reais.

Para terminar esta Área, as crianças sob minha orientação, semearam as sementes da laranja num vaso e explorei com as mesmas, o processo de plantação e os cuidados a manter.

Na Área do Domínio da Matemática, abordei alguns conteúdos matemáticos, trabalhando situações problemáticas, através do material: 3.º e 4.º Dons de *Fröebel* e material não estruturado, laranjas.

Para terminar contei a história: *Era uma vez uma laranja*, adaptada por mim. À medida que a contava, as crianças tinham de completar o cenário previamente colocado na Área do Conhecimento do Mundo, com as personagens da história. Para findar esta atividade, as crianças tinham de imaginar e ilustrar também no cenário, umas das personagens da história, o gigante.

A manhã de estágio concluiu-se com a reunião referente às aulas assistidas.

Inferências e fundamentação teórica

Relativamente à manhã planeada, decorreu tudo como esperava, o facto de aparecer vestida de laranja, causou imenso impacto nas crianças o que me deixou felicíssima e orgulhosa.

O material não estruturado utilizado não foi a melhor escolha, por se tratar de pequenas bolinhas cor de laranja que estavam sempre a cair e a rebolar. Nesta Área, também poderia ter aumentado um pouco o grau de dificuldade.

Mesmo que o material não estruturado não tenha sido a melhor escolha, as crianças aderiram bem ao mesmo e mais uma vez concluímos que os materiais são ferramentas essenciais para a aprendizagem.

Lorenzato (citado por Caldeira, 2009a) afirma que o material concreto “pode ser um excelente catalisador para o aluno construir o seu saber matemático.” (p. 221)

Passos (citado por Caldeira, 2009a) refere que os materiais concretos “devem servir como mediadores para facilitar a relação professor/aluno/conhecimento no momento em que um saber está sendo construído.” (p. 221)

A última parte da aula foi muito bem conseguida, as crianças mostraram-se muito empenhadas e muito divertidas ao ilustrarem o gigante no cenário, foi visível a ansiedade que demonstraram até verificarem o resultado final.

De acordo com Hohmann e Weikart (1997) “através do desenho e da pintura, as crianças comunicam, de forma simples e económica, aquilo que compreendem do seu mundo.” (p. 512) Os mesmos autores baseados em Gardner, mencionam ainda que “as imagens que as crianças criam no papel caracterizam-se por “simplicidade de formas, independentemente do detalhe fino, e por liberdade na representação das relações espaciais””. (p. 512)

Com esta atividade é importante mencionar o esforço feito pelas crianças ao criarem através da sua imaginação o gigante.

Ainda os mesmos autores afirmam que:

É importante que os adultos compreendam e respeitem cada esforço das crianças para inventar, transformar, e comunicar imagens mentais através de meios como o papel, as tintas, os lápis e os marcadores. Seguem-se formas através das quais os adultos podem apoiar as crianças enquanto pintam e desenhavam. (p.512)

A conclusão do gigante não foi vista pela Professora da Equipa de Supervisão por ter ultrapassado o tempo previsto.

segunda-feira, dia 14 de maio

Esta manhã foi dedicada à aula assistida da minha colega de estágio, pelas orientadoras da Equipa de Supervisão.

A colega abordou a classe dos mamíferos, centrando-se num exemplo vivo, o borrego. Na Área de Conhecimento do Mundo, explorou as características dos mamíferos através do animal e os benefícios deste.

Após a aula de Conhecimento do Mundo, a colega através de um *powerpoint*, leu uma história: *Ovelhinha dá-me lã*. Finalizou a aula colocando questões sobre a história lida.

Para terminar manhã planeada, a colega abordou a divisão com material alternativo não estruturado, cachecóis feitos em lã, na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

O período da manhã terminou com a reunião de estágio referente às aulas assistidas, com as orientadoras da Equipa de Supervisão e Educadoras Cooperantes e colegas estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

O exemplo vivo que a colega levou para abordar o tema da sua aula foi uma estratégia muito bem escolhida, pois as crianças adoraram observar o borrego enquanto a colega o explorava com as mesmas.

O exemplo real para apresentar numa aula é sempre uma ótima estratégia, pois permite à criança um contacto direto.

As reuniões são sempre momentos imprescindíveis para a nossa formação, como afirma Alarcão (1996) “em supervisão, recorremos então a estratégias de formação de professores que constituem um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinam, questionam e avaliam criticamente a sua prática.” (p. 100)

Desta forma, todos os conselhos dados pelas orientadoras e Educadoras devem ser levados em consideração para que futuramente, consigamos desempenhar o nosso papel sem nenhum constrangimento.

terça-feira, dia 15 de maio

Para iniciar a manhã, os dois Bibes, dirigiram-se ao refeitório, onde, juntamente com as Educadoras confeccionaram *pizza*.

Enquanto algumas crianças estavam na aula de Informática, outras iniciaram a prenda referente ao Dia da Criança, pinturas em *t-shirts* e chapéus, finalizando assim, o período da manhã.

Inferências e fundamentação teórica

Ao confeccionarem a *pizza*, as crianças demonstraram grande empenho e satisfação. Com esta atividade, a criança torna-se autónoma e capaz de concretizar uma tarefa proposta pelo Educador.

Para Hohmann e Weikart (1997) “*através da aprendizagem pela acção – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar o sentido ao mundo.*” (p. 5)

Os mesmos autores afirmam ainda que:

O poder da aprendizagem activa vem da *iniciativa pessoal*. As crianças agem no seu desejo inato de explorar; colocam questões sobre pessoas, materiais, acontecimentos e ideias que lhes provocam curiosidade e procuram as respostas; resolvem problemas que interferem com os seus objectivos; e criam novas estratégias para porem em prática. (p. 5)

Através da confeção da *pizza*, a criança teve oportunidade de amassar a massa, espalhar o molho de tomate e ainda escolher os ingredientes, contudo, todo este processo vai desenvolver na criança as diferentes formas de expressão. De acordo com as OCEPE (ME, 2009):

O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos. (p. 57)

É importante que todas as expressões sejam desenvolvidas no decorrer da aprendizagem da criança.

Considero bastante produtivo, as aulas de Informática, como afirma Clements e Nastasi (citados por Silveira-Botelho, 2009) “as crianças são estimuladas a usar a linguagem, sobretudo quando utilizam programas abertos que encorajam a exploração e a fantasia, como no caso dos programas de desenho, fazendo relatos enquanto desenhavam, deslocam objectos, ou “escrevem.” (p. 115)

Crook, Drogas (citados por Silveira-Botelho, 2009) mencionam que a interação com os computadores “estimula a comunicação verbal e a colaboração entre as crianças.” (p. 115)

Desta forma, através deste suporte informático, a criança também consegue adquirir novos conhecimentos, dando-lhe a oportunidade de ser ela própria a fazê-lo.

Não posso também deixar de referir o contentamento e o empenho das crianças ao pintarem os chapéus e as pinturas nas *t-shirts*.

sexta-feira, dia 18 de maio

A manhã teve início com a aula de Matemática, em que a Educadora fez uma revisão com o material: 3.º e 4.º Dons de *Fröebel*, trabalhando-os em simultâneo com as crianças, realizando algumas construções.

Para concluir o período da manhã, continuámos com a elaboração da prenda para o Dia da Criança.

Inferências e fundamentação teórica

Através desta atividade para o Dia da Criança, a dedicação que a criança emerge sobre a mesma é notável.

De acordo com Fowler (citado por Spodek e Saracho, 1998):

As artes comunicam o que há de humano em cada um de nós. Elas despertam a aprendizagem porque tocam o verdadeiro ser interior, a perspectiva do eu não-corporal, a parte que permanece fora do domínio da ciência – o espírito, o reino dos sonhos, do afecto, da ousadia e da dedicação. As artes, como as ciências, são sistemas a respeito do mundo. (p. 352)

Deste modo, é importante deixar que a criança se exprima sobre a atividade.

segunda-feira, dia 21 de maio

Esta manhã foi dedicada às aulas assistidas pelas orientadoras da Equipa de Supervisão Pedagógica e pelas Educadoras Cooperantes.

A aula visualizada foi lecionada por uma colega que se encontrava no Bibe Azul, cujo tema geral incidiu sobre o Café.

Após a visualização da aula da colega, a minha colega de estágio e eu continuámos com a elaboração da prenda do Dia da Criança.

Para concluir o período da manhã, comparecemos à reunião referente às aulas assistidas.

Inferências e fundamentação teórica

Ao visualizarmos diversas aulas, conseguimos interiorizar novas ideias para que futuramente, possamos utilizá-las com uma turma nossa. Desta forma, as reuniões feitas depois destas, são fulcrais, pois através das mesmas, conseguimos captar todos os apestos a melhor, caso existam, e outras estratégias possíveis.

Como referem os autores Alarcão e Tavares (2003) a Supervisão Pedagógica é “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (p. 16)

Assim, estas reuniões tornam-se fulcrais para a nossa aprendizagem enquanto estagiárias, mesmo quando os comentários não são favoráveis. Aprendermos a ser reflexivos e críticos ajudar-nos-á para o resto da vida.

terça-feira, dia 22 de maio

A manhã teve início com a aula de Matemática, em que a Educadora trabalhou o material Calculadoras Papy.

Primeiramente, a Educadora referiu à turma para trabalharem a pares e distribuiu pela mesma, o material necessário: as placas e as marcas, juntamente com algarismos móveis.

A Educadora trabalhou com as crianças diversas situações problemáticas e as várias operações.

Com a aula de Música, as crianças terminaram o período da manhã.

Inferências e fundamentação teórica

As Calculadoras Papy são um material bastante elucidativo. Através deste, a criança pode alargar a sua aprendizagem, adquirindo assim, diversos conteúdos relativamente à Matemática.

Segundo Caldeira (2009b) a criança com as Calculadoras Papy:

- a) aprende a selecionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema;
- b) realiza a compreensão dos número e da numeração;
- c) reconhece a compreensão do sentido do número e das operações;
- d) desenvolve o cálculo;
- e) resolve situações problemáticas. (p. 347)

Através do manuseamento deste material, as crianças demonstraram algumas dificuldades, daí, os algarismos estarem a indicar o valor de cada cor.

A Educadora recorreu a estratégias que fossem perceptíveis para que os alunos conseguissem alcançar o objetivo proposto.

Spodek e Saracho (1998) com base no documento Conselho Nacional dos Professores de Matemática referem que este:

Propõe mudanças na forma como a matemática é ensinada, sugerindo que as crianças precisam aprender a entender seus procedimentos em vez de memorizá-la. Ele também sugere que os professores devem usar uma abordagem de solução de problemas de solução para a matemática. (p. 305)

Desta forma, cabe ao Educador estar preparado para todas as dificuldades que a criança possa apresentar e, arranjar uma estratégia adequada para ajudá-la a conseguir ultrapassar o problema.

sexta-feira, dia 25 de maio

Esta manhã foi dedicada à minha aula programada para a Educadora, cujo tema geral iniciou sobre o Esquilo – Mamíferos roedores.

Primeiramente, abordei a Área de Conhecimento do Mundo com as crianças, em que através de um esquilo (vivo), explorei as características dos mesmos, assim como imagens de outros mamíferos roedores, tendo como suporte o *powerpoint*.

Após a aula de Conhecimento do Mundo, abordei a Matemática com o material *Cuisenaire*, em que realizei com as crianças, um itinerário com as peças do mesmo. Inicialmente, comecei por distribuir as peças do *Cuisenaire*, assim como a proposta do itinerário. Para orientar as crianças, criei uma história em torno do itinerário, exemplificando através do quadro.

Para terminar o período da manhã, através de imagens e de um livro grande didático, as crianças criaram a história em torno das imagens e colocavam-nas no livro. Para finalizar a aula de Estimulação à Leitura, as crianças dramatizaram a história criada.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar do esquilo não ter aparecido tantas vezes como o desejado, as crianças aderiram muito bem à aula proposta.

Com o material *Cuisenaire* podemos trabalhar diversos conteúdos matemáticos de forma divertida, para Caldeira (2009a) a utilização deste material:

(...) estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar fracções e decimais estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação de números e comparar “partes de” e resolver problemas. (p. 243)

Assim, é necessário fazê-lo de forma dinâmica e motivadora. Mesmo que tenha criado uma história relacionada com o tema geral, deveria ter diversificado a estratégia para abordar o itinerário. Contudo, consegui captar sempre a atenção das crianças, através da história criada, deixando-me satisfeita com o resultado.

É contagiante ver a dedicação e o empenho que as crianças demonstraram a criarem histórias, através de imagens alusivas ao tema geral. De acordo com a Enciclopédia de Educação Infantil Volume III (1997):

São necessárias ilustrações com cenas em que haja animação e diversidade de acções. Também são úteis as sequências temporais que narram uma história.

Dirigir a atenção sobre o que se passa na gravura e as acções realizam as personagens: Que se passa na gravura? Que faz o...? Que se passou depois...? Introduzir, assim, o vocabulário das acções representadas. (p. 675)

Nesta atividade realizada com as crianças em que criavam a história a partir de imagens, poderia ter acedido ao retorno à calma, pois, em certas situações, houve um certo descuido ao modo como as crianças se apresentavam sentadas.

segunda-feira, dia 28 de maio

A manhã de estágio foi dedicada à conclusão da prenda do Dia da Criança.

Posteriormente, a Educadora jogou com as crianças ao jogo da memória, em que esta mostrava um cartão com determinados atributos, e os alunos, ao visualizarem o cartão apresentado, procuravam outro, com a imagem com as mesmas características.

Inferências e fundamentação teórica

Os jogos têm um papel fundamental não só para a aprendizagem da criança, como desenvolve diversas competências.

Como referem os autores Cerquetti-Aberkane e Berdonneau (1997):

O jogo é uma oportunidade para desenvolver um grande número de competências ou habilidades transversais. Participar de um jogo leva a realizar escolhas, tomar decisões, a organizar estratégias (...) O interesse de cada criança é estimulado pelo desejo de vencer, que a torna ativa e a impele a desenvolver estratégias de resolução de problemas. (p. 44)

Exercitar a memória torna-se um ato imprescindível ignorar, como afirma Sanches (2001) “porque sem memorizar não se consegue relacionar, actividades fundamentais no desenvolvimento das aprendizagens (...) a memória é fundamental, para não falar do papel importante que desempenha no nosso quotidiano.” (p. 54)

Ainda a mesma autora afirma que “decorar tantas e outras coisas” pode ser uma “estratégia de desenvolvimento da memória.” (p. 54) Desta forma, a memória deve ser desenvolvida desde cedo, para que a criança perceba a importância que esta tem para a sua vida.

terça-feira, dia 29 de maio

A manhã foi preenchida com as aulas surpresa, assistidas pelas Professoras da Equipa de Supervisão.

As colegas surpreendidas estavam ambas no Bibe Amarelo e foi-lhes proposto que lecionassem conjuntos com o material Blocos Lógicos na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, e outra que abordasse na Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a leitura de uma história: *O nabo gigante*.

Após a visualização das aulas, realizou-se a reunião com as colegas, as Professoras pertencentes à Equipa de Supervisão e as Educadoras Cooperantes para análise e discussão das aulas.

Inferências e fundamentação teórica

A Supervisão e as reuniões feitas tornam-se momentos fulcrais para a nossa estada enquanto estagiárias.

Segundo Alarcão e Tavares (2003) o supervisor deve referir aos seus formandos as seguintes capacidades:

- 1) Espírito de auto-formação e desenvolvimento.
- 2) Capacidade de identificar, aprofundar, mobilizar e integrar os conhecimentos subjacentes ao exercício da docência.
- 3) Capacidade de resolver problemas e tomar decisões esclarecidas e acertadas.
- 4) Capacidade de experimentar e inovar numa dialéctica entre as práticas e a teoria.
- 5) Capacidade de reflectir e fazer críticas e autocríticas de modo construtivo.
- 6) Consciência da responsabilidade que coube ao professor no sucesso, ou no insucesso, dos seus alunos.
- 7) Entusiasmo pela profissão que exerce e empenhamento nas tarefas inerentes.

- 8) Capacidade de trabalhar com os outros elementos envolvidos no processo educativo. (p. 72)

Desta forma, através dos comentários mencionados pela Equipa de Supervisão, construímos uma reflexão geral de tudo o que foi feito com a turma.

sexta-feira, dia 1 de junho

A manhã foi dedicada às crianças, visto ser o Dia Mundial da Criança.

Inicialmente, começamos por vestir as crianças com as *t-shirts* e chapéus transformados pelas mesmas.

Seguidamente, as crianças realizaram diversas atividades alusivas ao dia e a pedido das Educadoras de ambos os Bibes, e juntamente com as colegas da turma B e a minha colega de estágio, realizámos jogos para as crianças, em que estas tinham de percorrer diversas estações.

As crianças para além de todas as atividades alusivas ao dia brincaram num insuflável e o almoçaram no exterior (recreio).

Inferências e fundamentação teórica

Este dia é maioritariamente reservado a todas as crianças em que devem desfrutá-lo em abundância. Como qualquer outro cidadão, qualquer criança possui direitos que devem ser considerados e nunca esquecidos.

De acordo com o *site* referente à Declaração Universal dos Direitos das Crianças – UNICEF (1959):

Estes direitos serão outorgados a todas as crianças, sem qualquer exceção, distinção ou discriminação por motivos de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de natureza, nacionalidade ou de outra condição, seja inerente à própria criança ou à sua família.

A mesma Declaração afirma que a criança deve “desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.”

Assim, todas as crianças enquanto indivíduos devem ter conhecimento de todos os seus direitos.

segunda-feira, dia 4 de junho

A Educadora começou a presente manhã com a Área da Matemática, explorando o material: *Tangram*.

Primeiramente, fez uma breve revisão sobre as características do mesmo e, através das orientações dadas por ela, as crianças realizaram diversas construções tais como: o avião; foguetão; comboio; carrinho de bebé e uma foca.

Para terminar o período da manhã, as crianças elaboraram uma proposta de trabalho e brincaram livremente com plasticina.

Inferências e fundamentação teórica

Para além da diversidade de atividades realizadas pelas crianças, trabalhar com plasticina é necessário e fundamental.

Segundo a Enciclopédia de Educação Infantil Volume V (1997):

O objectivo fundamental destas sessões de modelagem será que a criança comece a reproduzir objectos pela sua forma exterior ou silhueta, como passo prévio para representação mediante o uso das técnicas que já tenha praticado. Por outro lado, constituem um valioso recurso para desenvolver a coordenação visomanual. (p.1272)

Assim, modelar plasticina torna-se imprescindível para a aprendizagem da criança, permitindo-lhe desenvolver diversas competências.

terça-feira, dia 5 de junho

Para dar início à aula, a Educadora começou com a Área da Matemática, explorando o material Calculadores Multibásicos.

Ao distribuir o material pela turma, referiu que iam trabalhar a pares e reviu as características do material.

Através deste material a Educadora trabalhou diversos conteúdos matemáticos, nomeadamente, a paridade, as quantidades, os tamanhos e a leitura da placa por cores.

Inferências e fundamentação teórica

Todos nós sabemos que a Matemática nos proporciona desafios e através dela podemos trabalhar uma paleta de conteúdos.

Assim, é importante saber orientar e apoiar a criança nesses mesmos desafios, como afirma Ponte e Serrazina (2000) o Educador deve “despertar o interesse dos alunos de fazer

apelo aos seus conhecimentos prévios. Para isso ele tem que procurar conhecer características e interesses dos alunos e tirar partido dos materiais existentes.” (p. 112)

Os mesmos autores referem ainda que deve “facilitar a construção de certos conceitos. Pode também servir para representar conceitos que eles já conhecem por outras experiências e atividades, permitindo assim a sua melhor estruturação.” (p. 116)

Cabe ao Educador conseguir orientar a criança alcançar a o seu raciocínio através do manuseamento de qualquer tipo de material, sempre que este se encontre com dificuldades.

sexta-feira, dia 8 de junho

A presente manhã de estágio foi dedicada à aula planificada pela minha colega, em que o tema geral incidiu sobre: A Praia.

A colega começou por abordar a Área de Conhecimento do Mundo, em que representou uma “pequena praia” e sentou as crianças ao seu redor. Aqui, explorou com as mesmas, os cuidados a ter, a importância das bandeiras, colocando questões pertinentes sobre a temática.

Seguidamente à aula de Conhecimento do Mundo, a colega leu uma história: *A história das 5 vogais* de Luísa Ducla Soares, adaptando a mesma ao tema da praia. Após a leitura e através de uma maquete da praia, as crianças construíram na areia as cinco vogais com búzios do mar.

Para terminar a manhã, a colega explorou o material: 3.º e 4.º Dons de *Fröebel*, juntamente com duas imagens (um menino e uma menina).

Inicialmente, começou por distribuir o material pelas crianças, e através de um *powerpoint* alusivo ao tema, construiu a escadaria e iniciou com a turma a construção do helicóptero. Com as construções, trabalhou situações problemáticas, a lateralidade e a paridade.

Inferências e fundamentação teórica

Todo o material apresentado pela colega era bastante alusivo ao tema e adequado à idade, de acordo com Cerquetti-Aberkane e Berdonneau (1997) “o material deve estar adaptado ao nível da criança, despertar curiosidade, permitir descobertas e aprendizados.” (p. 57)

Assim, proporcionar à criança momentos didáticos, faz com que estas consigam interiorizar com mais facilidade tudo aquilo que se pretende transmitir.

segunda-feira, dia 11 de junho

Para começo da manhã, a Educadora abordou a Matemática com o material Geoplano. À medida que orientava os alunos relativamente à laterização, a turma ia construindo figuras geométricas.

Com a proposta de trabalho alusiva ao tema: praia, abordado pela colega no passado, dia 8 de junho, as crianças terminaram o período da manhã.

Inferências e fundamentação teórica

Considero de extrema importância trabalhar sempre que possível a lateralidade, pois, por vezes, a criança apresenta dificuldades neste campo.

Segundo Jesus (2002) “devem, ser organizadas actividades criteriosamente escolhidas por forma a possibilitar à criança o desenvolvimento da lateralidade quer ocular, quer auditiva, quer manual, quer pedal.” (p. 49)

Assim, proporcionar à criança actividades elucidativas à lateralidade, vai ajudá-la a perceber a sua importância no quotidiano.

12 e 15 de junho

Estes dois dias foram dedicados à realização da prenda referente ao final do ano letivo, decoração de molduras com diversos materiais, entre eles, materiais reciclados, decoração de um frasco com plasticina em que os rapazes fizeram uma lagarta e as raparigas uma joaninha.

Estas actividades foram feitas com os alunos e com as estagiárias dos dois Bibes.

Inferências e fundamentação teórica

Considero de extrema importância, enquanto estagiária, realizar este tipo de actividade com as crianças, permitindo assim, que haja maior interacção e cooperação, promovendo a relação pedagógica. De acordo com Morgado (2004) “o trabalho em grupo disponibiliza recursos para a utilização partilhada e estimulada, através da interacção entre alunos e entre professor e alunos, o desenvolvimento social dos alunos.” (p. 69)

Para Postic (1984) menciona a relação educativa como:

Um conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objectivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afectivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história.
(p. 12)

Assim, ambientes que proporcionem a cooperação, a criança pode produzir diversas ideias e criando maior confiança em si própria e com os outros.

segunda-feira, dia 18 de junho

Para iniciar o dia, a Educadora começou por ensinar com o material *Tangram* e as suas características duas construções com as crianças: o rato e o barco (figuras 29 e 30).



Figura 29 – Rato

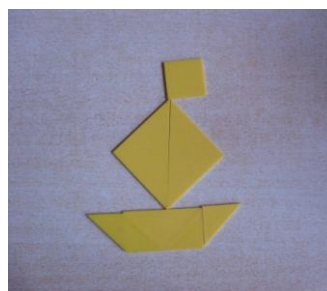


Figura 30 – Barco

Após a revisão do material, as crianças terminaram propostas de trabalhos pendentes.

O final da manhã foi concluído com a leitura do livro: *O gato comilão*, e à medida que realizava a leitura da mesma, os alunos repetiam algumas frases quando a Educadora assim o solicitava.

Inferências e fundamentação teórica

A escola para além de ensinar a criança a ler, deve também proporcionar à mesma o gosto pela leitura. Assim, como refere a autora Cadório (2001):

Normalmente a leitura é silenciosa, porém, na escola, pode haver benefícios de ela não se fazer exclusivamente por essa via. A leitura em voz alta, pelos alunos e sobretudo pelo professor, é um meio de os alunos captarem o ritmo, entoação e emoção de quem lê. É também uma forma de o professor mostrar fruição e intimidade com os livros e de, consequentemente, contagiar os auditores. (p. 51)

Cabe ao Educador proporcionar às crianças momentos agradáveis contagiando todo o seu meio envolvente, quer com a leitura ou simplesmente contar histórias.

terça-feira, dia 19 de junho

A Educadora iniciou a dia com o material: *Cuisenaire* e material alternativo, com peças de roupa e bonecos (figura 31 e 32).

Primeiramente, começou por distribuir o material pela turma e trabalhou com as crianças as “combinações”.

Após a aula, a Educadora solicitou-nos ajuda para concluir a prenda de final do ano letivo e realizou a leitura de uma história.



Figura 31 – Combinações com material alternativo



Figura 32 – Combinações com o material *Cuisenaire*

Inferências e fundamentação teórica

Considere bastante didático e criativo, a Educadora ter abordado as combinações desta forma.

Segundo Sodré (2005) as combinações são um “conjunto de procedimentos que possibilita a construção de grupos diferentes formados por um número finito de elementos de um conjunto sob certas circunstâncias.”

Ao desenvolver com a criança o conteúdo referente às combinações, esta pode apelar à sua criatividade até encontrar o número de combinações possíveis que podem ser feitas, neste caso, através das peças do material: *Cuisenaire* e do material alternativo.

De acordo com Ignácio (2001) a criatividade:

No processo educativo manifesta-se antes de mais na motivação. Sem motivação o aluno não aprende nem é educado; ora a criatividade é geradora de motivação interna, pois a pessoa, e mais a criança, é por essência um ser explorador, em busca de novas interrogações e novas respostas. O método criativo é um desafio de aprendizagem. (p.241)

Desta forma, devemos proporcionar uma diversidade de atividades que sejam motivadoras para a criança, para que esta consiga expandir a sua criatividade.

sexta-feira, dia 22 de junho

Este dia foi dedicado à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP). A minha prova foi lecionada no período da manhã, no Bibe Azul A cujo tema geral abordava o molusco: Polvo.

Inicialmente, comecei por estabelecer regras em sala de aula com as crianças e criei um momento mágico espalhando por cima das mesmas, purpurinas, referindo que através delas, conseguiriam respirar debaixo de água.

Seguidamente, de forma ordenada, pedi às crianças que fossem a “nadar até ao fundo do mar” e, aqui, esperava-lhes um cenário alusivo ao mesmo.

Já sentadas, criei algum mistério sobre o animal que queria tratar, de forma a que conseguissem descobrir de quem se tratava.

Ao desvendar o animal e através de um exemplo real, explorei as características do mesmo e a sua alimentação e mostrei algumas imagens para que as crianças as colocassem no cenário apresentado.

Para passar da Área de Conhecimento do Mundo para a Área do Domínio da Matemática, criei novamente um mistério para que as crianças descobrissem o material a abordar nesta área. Ao descobrirem o material: Calculadores Papy, os exercícios apresentados, estavam contidos dentro de falsas ostras, em que a criança a meu pedido voltava novamente ao fundo do mar para ir buscar a mensagem dentro da mesma.

Com as Calculadoras Papy, trabalhei a classe das dezenas e a classe das unidades, através de alguns números.

Ao terminar a aula, criei novamente um mistério para que as crianças percebessem qual o momento seguinte.

Para abordar a Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizei a leitura do livro: *O Polvo Coceguinhas*, em que as crianças visualizaram as imagens do mesmo, através de um *powerpoint*.

A atividade realizada posteriormente à leitura da história estava relacionada com o percurso do polvo a partir de um dos momentos da história, e aqui, as crianças tinham de relacionar e legendar algumas imagens. Através desta atividade, explorei com as crianças algumas regras de leitura da Cartilha Maternal.

Com o jogo, terminei a minha PPACP.

Neste, as crianças foram divididas em duas equipas e levadas para o exterior (recreio), onde lhes esperava um polvo insuflável gigante. O jogo tinha como objetivo alimentar o polvo Coceguinhas através de umas imagens expostas numa piscina com bolas. Aqui, as crianças trabalharam em estafetas e tinham de procurar e recolher o maior número de alimentos corretos e colocá-los nos braços do polvo.

Ao finalizar o jogo distribuí pelas crianças uma pequena lembrança referente ao tema apresentado.



Figura 33 – Decoração da sala



Figura 34 – Um dos momentos de uma das aulas

No período da tarde, a minha colega de estágio apresentou a sua PPACP cujo tema geral incidiu sobre o processo do sumo de maçã, desde a apanha da fruta até ao engarrafamento.

Na Matemática a colega abordou os pictogramas e na Estimulação à Leitura explorou o álbum: *A maçã e a lagarta*, em que as crianças liam as palavras apresentadas pela colega, recorrendo às regras da Cartilha.

Inferências e Fundamentação teórica

Apesar do enorme esforço e do cansaço que deu para preparar a aula foi gratificante fazê-la, não poderia ter ficado mais satisfeita com o resultado da mesma.

No início pensei não ter um tema que fosse bom para explorar, mas algo me dizia para arriscar, e assim o fiz.

Os comentários feitos pelo júri foram bastante lisonjeiros, apesar de existirem alguns aspetos a melhorar, nomeadamente na parte da Matemática que, a meu ver, deveria ter arriscado um pouco mais.

De acordo com Oliveira-Formosinho (2002) “supervisão é, assim um processo para promover processos. É um processo de apoio ao processo de aprendizagem profissional da candidata a educadora, o qual está ao serviço do processo de aprendizagem dos alunos.” (p. 117)

Através desta aula, tentei aproveitar todos os conhecimentos transmitidos pelas crianças, pois sem dúvida foram de grande utilidade. Estas sabiam imenso sobre o polvo, o que tornou maior envolvimento por parte dos alunos.

Como afirma Sanches (2001):

Exigir o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspecto mais importante das estratégias de aprendizagem, mas o aluno tem de perceber em que é que aquela forma de actuar (a estratégia) o vai ajudar a resolver os seus problemas específicos.(...) os alunos não podem continuar a ser receptores passivos, eles têm de interagir. (p. 45)

Esta autora descreve também que dar a “palavra ao aluno e a todos os alunos deve ser uma das preocupações do professor.” (p. 64) Assim, com os conhecimentos transmitidos pelas crianças, tornou-se tudo mais fácil abordar o tema em questão com as mesmas.

Também com esta aula, tentei criar um clima alusivo ao tema que proporcionasse à criança um momento didático, mas também divertido, assim, como nos menciona a mesma autora “criar um clima de aula onde a atuação pela positiva é a tónica será a melhor maneira de conseguirmos comportamentos mais adequados dos nossos alunos.” (p. 60)

Esta aula ficará sem dúvida marcada e será sempre lembrada tanto a nível profissional como a nível pessoal.

Com esta PPACP terminou o meu Estágio Profissional, recordarei sempre com saudade todos os momentos vivenciados no Jardim-Escola.

Não posso deixar de salientar que todos estes grandiosos momentos passados no Jardim-Escola de Alvalade foram extraordinários, não só graças às crianças, mas também, graças a todas as Educadoras com que tive oportunidade de trabalhar, assim como todos os funcionários da instituição. Por vezes, os últimos não são mencionados, mas que nos ajudam pela sua simpatia e prontificação.

Sinto-me lisonjeada por ter feito parte desta “família” durante este período de estágio, em que aprendi e adquiri sem dúvida diversos conhecimentos e capacidades que julgava não ter.

CAPÍTULO 2 – Planificações

2. Descrição do capítulo

No capítulo 2 encontram-se algumas das planificações elaboradas durante o período de estágio, estando o mesmo, estruturado do seguinte modo: fundamentação teórica referente à planificação do Modelo T, apresentação de planos de aulas baseados no Modelo T de Aprendizagem, com as respetivas inferências e fundamentações científicas que considere pertinentes para os respetivos planos.

O presente capítulo contém três planificações, referentes às Áreas: do Conhecimento do Mundo, ao Domínio da Língua Oral e Abordagem à Escrita e ao Domínio da Matemática.

Todas as planificações apresentadas foram baseadas no Modelo T de Aprendizagem, concebidas por Martiniano R. Pérez, sendo este o modelo adotado nos Jardins-Escolas João de Deus.

Para finalizar, está presente também, uma pequena reflexão sobre a pertinência deste capítulo.

2.1. Fundamentação teórica

As planificações são instrumentos fulcrais para a orientação do Educador em Educação Pré-Escolar, ajudando-o assim, a organizar o seu trabalho atempadamente, como refere Bullough (citado por Braga, 2001), “diz-nos que quando a planificação é feita com antecedência o professor se sente mais seguro” (p.34). Garantido então, uma boa condução relativamente às aulas propostas, assim como uma boa prestação perante a turma. Para Zabalza (1994), planificar, “(...) trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p. 47)

Para Escudero (citado por Zabalza, 1994) planificar consiste em :

Tratar-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (p. 48)

As planificações visam estruturar o trabalho do Educador, permitindo-lhe uma reflexão sobre as estratégias a adotar, estabelecendo também, os objetivos a atingir para com as crianças, para que possam desenvolver diversas capacidades, adquirindo assim, novos conhecimentos.

O Ministério de Educação (2000) afirma que planejar “é a condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades”. (p. 96)

Ao planificar, o Educador está a refletir sobre o seu método, recorrendo aos conhecimentos adquiridos ao longo da sua aprendizagem, concretizando assim o seu pensamento através das ações realizadas em sala de aula. Como refere Yinger (citado por Zabalza, 1994) “o essencial da prática é pôr o conhecimento em funcionamento, usar o que conhece para a realização de algo.” (p. 46)

Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que a planificação “trata-se de selecionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos.” (p. 433)

É deveras importante que todos os Educadores/Professores saibam planificar, tendo assim, um fio condutor, para que as atividades propostas possam ter resultados positivos e motivadores para a criança.

Como é referido nas OCEPE (ME, 2009):

Planejar implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização. (p.26)

Clark e Yinger (citados por Zabalza, 1994) referem a razão de planificar em três tipos de categorias:

- os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.;
- os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.;
- os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc. (pp. 48-49)

A elaboração das planificações pode ser realizada pela escola, como também pelo Educador, estando estas direccionadas para a respetiva turma. Zabalza (2000) menciona que “o conteúdo refere-se a metas gerais, prioridades e princípios de procedimento.” (p. 53)

Todos os estabelecimentos escolares devem conter o Projeto Curricular Escolar.

O Projeto Curricular Escolar, segundo a Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, sendo o documento que “define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo

ao contexto de cada estabelecimento/escola ou Agrupamento e integrado no respectivo Projecto Educativo.”

Para além do Projeto Curricular Escolar, todos os estabelecimentos escolares, devem conter o Projeto Curricular de Grupo/Turma, este documento, segundo a mesma Circular “define as estratégias de concretização e de desenvolvimento do as orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projecto Curricular de Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma.”

É fundamental salientar a importância do currículo, pois, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990) o currículo é “um conjunto organizado” como um “plano e organização do ensino-aprendizagem (...)” e ainda referem que se pode definir como sendo um “(...) plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover.” (p. 51)

O currículo é um documento fulcral, como dito anteriormente, na aprendizagem e adaptação da criança em que a escola é responsável. Como referem os mesmos autores:

O currículo determina resultados de formação e aprendizagem a atingir (...) Deste ponto de vista, interessa sobretudo o que se pretende que os alunos aprendam, o que são capazes de fazer, em resultado do processo de ensino em que se envolvem; os conteúdos, métodos e experiências com que lidam na situação concreta de ensino estão, apenas, ao serviço dos objectivos ou resultados de aprendizagem que se visam e que os planos e programas curriculares prescrevem. (p. 51)

Como já foi referido anteriormente na descrição do capítulo, as planificações utilizadas nos Jardins-Escolas João de Deus designam-se de Modelo T de Aprendizagem desenvolvido por Martiniano R. Pérez. Segundo Pérez e Lopez (2000):

(...) o Modelo T como forma de planificação pode ser suficiente para muitos professores e é o ponto de partida na elaboração do Desenho Curricular de Aula, que se pode completar com o resto dos elementos antes indicados se se considerar oportuno. O Modelo T enquadra-se e fundamenta-se no paradigma sócio cognitivo e nos novos modelos de aprender a aprender como desenvolvimento de capacidades e valores, tal como aparecem recolhidos na nossa mais ampla que é Aprendizagem e Currículo: Desenhos Curriculares Aplicados. (p. 1)

Segundo Pérez (s.d.), o Modelo T é “uma forma simples que se apresenta numa só folha, nesta vai constar todos os elementos do currículo e da cultura organizacional para ser aprendida na escola.” (p.40) O mesmo autor (citado por Gomes, 2011) refere que:

No Desenho Curricular de Aula, em Modelo T, devem constar dois tipos de programações/planificações, as largas e as curtas, desta forma o modelo apresenta uma sequência temporal. Da planificação anual, que deverá ser realizada para um ano, constam a avaliação inicial, o Modelo T de área ou

disciplina, o Modelo T de unidade de aprendizagem ou bloco de conteúdo e a avaliação de objetivos (formativa). (p.86)

Relativamente aos planos de aulas organizados conforme o Modelo acima referido, estes foram executados tendo em conta os seguintes itens informativos: no cabeçalho encontram-se o nome do Jardim-Escola em questão; identificação da faixa etária; nome da Educadora cooperante; data e tempo/duração da aula proposta; a área a lecionar. Num plano inferior e no lado esquerdo da tabela, estão contidos os Conteúdos a desenvolver, e do lado direito os Procedimentos e Métodos propostos. Abaixo destes últimos, encontram-se numa posição central os Objetivos, sendo estes alcançáveis pelas Capacidades/ Destrezas, assim como os Valores/ Atitudes. Para finalizar, está presente o material essencial para o decorrer das aulas propostas, conforme se pode verificar no quadro 7.

Pérez (s.d.) sistematiza os mesmos dados na estrutura do plano de aula:

As capacidades – destrezas: indicam os objectivos fundamentais cognitivos e complementares que queremos desenvolver; Os valores – atitudes: mostram os objectivos fundamentais afectivos que pretendemos desenvolver; os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar; os métodos/ procedimentos: apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem apreendidas no curso escolar. (p.402)

Quadro 7 – Estrutura da planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Identificação da instituição		
Faixa etária		Nome da estagiária
Educadora		Ano/ Turma/ Número
Duração/ Tempo	Plano de aula	
Data	Área a lecionar	
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
Capacidades	Objetivos	Atitudes/ Valores
Material:		

Fonte: Adaptado de Pérez e Lopez (2000)

Através das planificações, o docente deve ter atenção aos conhecimentos já adquiridos pelas crianças, assim como os novos conhecimentos que pretende transmitir.

A planificação é, sem dúvida, um elemento imprescindível que organiza e orienta o Educador nas suas atividades pedagógicas ao longo do seu percurso de ensino.

Seguidamente, serão apresentadas as respetivas planificações referentes às seguintes Áreas: Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, Área de Conhecimento do Mundo e Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, acompanhadas pelas devidas fundamentações científicas.

Os planos apresentados correspondem a três aulas planificadas para uma manhã, sendo duas delas programadas e a outra assistida. Todas as aulas foram supervisionadas pelas Educadoras Cooperantes e por um elemento da Equipa de Supervisão, visto uma das aulas ser assistida.

2.1.1. Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

O primeiro plano apresentado, no quadro 8, refere-se à aula na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática, realizada no dia 11 de novembro de 2011, sendo esta lecionada na turma do Bibe Azul. Este plano foi preparado para uma manhã, cujo tema geral incidiu na Lenda de São Martinho e vem no seguimento da aula de Conhecimento do Mundo.

Quadro 8 – Planificação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade Plano de aula		
Faixa etária: 5 anos (Bibe Azul)		
Tempo/ Duração: 20/30 minutos		
Data: 11 de novembro		
Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
- Divisão.	<ul style="list-style-type: none">• Conversar sobre a temática e distribuir pelas crianças o material necessário (castanhas; algarismos e bonecos móveis);• Recorrer a situações problemáticas na oralidade, para que as crianças possam analisar e interpretar o que é pedido para realizarem o problema com o auxílio do material distribuído inicialmente.	
Capacidades - Destrezas	Objetivos	Valores - Atitudes
Compreensão <ul style="list-style-type: none">• Aplicar;• Experimentar. Raciocínio Lógico <ul style="list-style-type: none">• Interpretar imagens;• Deduzir.	Responsabilidade <ul style="list-style-type: none">• Disciplina;• Cooperação. Respeito <ul style="list-style-type: none">• Entender;• Conviver.	
Material: material não estruturado: imagens móveis.		
(Baseado no modelo T da aprendizagem) (Plano de aula sujeito a alterações)		

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula, abordei o conceito da Divisão, através de material matemático não estruturado, bonecos e algarismos móveis.

Inicialmente distribuí pelas crianças, já sentadas nos respetivos lugares, o material necessário para a aula. Recorri a situações problemáticas referentes à divisão para que estas as pudessem analisar e interpretar o que lhes foi solicitado através do manuseamento do material anteriormente distribuído.

As situações problemáticas são fundamentais para a aprendizagem da criança, permitindo-lhe assim, desafios e motivação para a resolução de problemas. Como vem referido nas OCEPE (ME, 2009):

Importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com outra

criança, num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão. (p.78)

E nas mesmas ainda podemos ler:

A resolução de problemas constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que a levam a reflectir no como e no porquê. (p. 78)

O Educador deve proporcionar as crianças sempre que possível, o manuseamento de variadíssimos materiais/objetos, como refere Moreira e Oliveira (2004), as crianças ao manipulá-los conseguem melhores resultados, “como forma de favorecer a compreensão.” (p. 40)

A matemática ao ser dada de forma dinâmica pode proporcionar momentos grandiosos, facilitando a aprendizagem e fomentando o interesse da criança.

Segundo as OCEPE (ME, 2009), “a diversidade de materiais para desenvolver as mesmas noções através de diferentes meios e processos, constitui um estímulo para a aprendizagem da matemática.” (p. 76)

À medida que as crianças elaboravam os exercícios solicitados com o material, acompanhavam o raciocínio através das imagens colocadas no quadro, igualmente às imagens que cada uma delas tinha. Segundo Aranão (1996), afirma que “a criança constrói o seu conhecimento lógico-matemático por meio de suas ações sobre o meio e manifestações de seu pensamento.” (p. 20) O mesmo autor refere ainda que “o professor deve ser mediador da construção do conhecimento da criança e deve levá-la a pensar e a procurar as soluções para os problemas apresentados.” (p.12)

Considero que o material matemático não estruturado proporciona às crianças experiências lúdicas e momentos prazerosos, sendo visível através da envolvimento que transmitem.

Relativamente à aula, as crianças mostraram-se envolvidas e participativas, realizando todas as propostas solicitadas, transmitindo interesse e empenho na reflexão das ações.

2.1.2. Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A planificação exposta no quadro 9 contempla a Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizada no dia 11 de maio de 2012, direcionada para a turma do Bibe Encarnado. Este plano foi concebido para uma manhã de uma aula assistida, cujo tema geral incidiu sobre a: Laranjeira – laranja e veio no seguimento das aulas de Conhecimento do Mundo e Domínio de Matemática. Estas foram visualizadas pela Educadora Cooperante, como também por uma Professora da Equipa de Supervisão.

Quadro 9 – Planificação referente à Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade Plano de aula		
Faixa etária: 4 anos (Bibe Encarnado)		
Tempo/ Duração: 20 minutos		
Data: 11 de maio de 2012		
Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> Leitura e exploração da história <i>Era uma vez uma laranja</i> 	<ul style="list-style-type: none"> Colocar as crianças sentadas em “U”; Apresentar a história (baseada no livro: <i>Era uma vez uma laranja</i>); Solicitar às crianças que coloquem no cenário exposto, as imagens correspondentes à história; Ilustrar com as crianças a personagem da história, o gigante, recorrendo à imaginação das mesmas. 	
Capacidades - Destrezas	Objetivos	Valores - Atitudes
Participação <ul style="list-style-type: none"> Ouvir; Dialogar. Raciocínio Lógico <ul style="list-style-type: none"> Interpretar imagens; Memória. 	Respeito <ul style="list-style-type: none"> Conviver; Estar atento. Convivência <ul style="list-style-type: none"> Interesse; Curiosidade. 	
Material: Cenário; imagens; canetas; papel cenário; história: <i>Era uma vez uma laranja</i> das autoras Lili Laranjo e Francisca Laranjo, adaptada.		
(Baseado no modelo T da aprendizagem) (Plano de aula sujeito a alterações)		

Inferências e Fundamentação teórica

Esta aula baseou-se no tema abordado anteriormente na aula de Conhecimento do Mundo, sendo este: Laranjeira – laranja. Antes de iniciar a aula, coloquei as crianças sentadas em “U”, de modo a que visualizassem o cenário exposto. Com esta disposição, consegui captar a atenção das crianças.

Quando apresentamos uma história às crianças, o entusiasmo é visível nas expressões que transmitem, redobrando a atenção das mesmas. Martins e Nisa (1998) salientam que as crianças ao ouvirem histórias, “(...) estão a familiarizar-se com a organização da linguagem escrita e estão a aprender a prestar atenção à mensagem linguística enquanto fonte principal de significado.” (p. 88)

Seguidamente, apresentei às crianças um livro intitulado *Era uma vez uma laranja*, e procedi à leitura do mesmo. A autora Aguera (2008) considera de extrema relevância o ato de ler histórias, a mesma defende que é imprescindível que o educador acompanhe a leitura com “gestos, encenações e entoações”. (p. 35)

À medida que realizava a leitura, solicitava às crianças que retirassem de uma caixa, previamente colocada no chão, as personagens correspondentes à história e que as colocassem no cenário exposto.

Segundo as OCEPE (ME, 2009), “criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interacção e a aprendizagem das crianças.” (p. 66)

Após a leitura, dialoguei com as crianças, questionando-as sobre as personagens referidas na história e se todas estavam expostas no cenário. De acordo com as Orientações atrás referidas:

(...) escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 67)

As crianças referiram que ainda faltava colocar uma das personagens, o gigante. Contudo, consegui atingir um dos objetivos propostos, isto é, apelar à atenção, à memorização das crianças, assim como recorrer à imaginação das mesmas, para que ilustrassem no cenário, a personagem em falta.

Nestas idades, as crianças têm uma imaginação bastante fértil e são muito criativas, como refere Dohme (2010):

As histórias também atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, porque por meio delas os alunos tomam conhecimentos de situações alheias à sua realidade, uma vez que podem

“navegar”, em diferentes culturas, noutras classes sociais, raças e costumes. (pp. 18-19)

Nas OCEPE (ME, 2009) encontramos a referência do desenho como sendo importante e pertinente “(...) o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente.” (p. 69) É ainda importante que o Educador diversifique várias estratégias de leitura “(...) ler o título para que as crianças possam dizer do que trata a história, propor que prevejam o que vai acontecer a seguir, identificar os nomes e as actividades dos personagens...” (p. 70).

Pelo que vou observando, as crianças adoram entrar no mundo mágico de ouvir histórias e tudo que esteja relacionado com as mesmas. Gostei muito de lecionar esta aula.

2.1.3. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

O plano apresentado no quadro 10 refere-se à aula na Área de Conhecimento do Mundo, realizada no dia 25 de maio de 2012, sendo esta lecionada com a turma do Bibe Encarnado. Este plano foi preparado para uma manhã de uma aula programada, cujo tema geral incidiu sobre Mamíferos roedores.

Quadro 10 – Planificação referente à Área de Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

Plano de aula

Faixa etária: 4 anos (Bibe Encarnado)

Tempo/ Duração: 20 minutos

Data: 25 de maio de 2012

Area do Conhecimento do Mundo

Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none">Mamíferos roedores - Esquilo.		<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula, sentando as crianças em “U”;• Dialogar e apresentar às crianças um exemplo vivo, explicando de forma clara e concisa as características dos mamíferos;• Mostrar exemplos de outros mamíferos roedores através do <i>powerpoint</i>.• Elaborar uma proposta de trabalho sobre a temática apresentada.	
Capacidades - Destrezas	Objetivos	Valores - Atitudes	
Compreensão <ul style="list-style-type: none">• Conhecer;• Identificar. Expressão verbal <ul style="list-style-type: none">• Dialogar;• Escutar.		Responsabilidade <ul style="list-style-type: none">• Empenhar-se;• Ser Ordenado. Respeito <ul style="list-style-type: none">• Falar na sua vez;• Tolerar.	
Material: Esquilo; <i>PowerPoint</i> ; proposta de trabalho; lápis de cor.			

(Baseado no Modelo T de Aprendizagem) (Plano de aula sujeito a alteração)

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula de Conhecimento do Mundo, abordei a temática: Mamíferos roedores, focando-me essencialmente num deles, o esquilo.

É visível na cara das crianças a atenção que transmitem quando se aborda esta Área e tudo o que esteja relacionado com a natureza e o seu envolvente, desperta-as e motiva-as para o desejo do conhecimento e compreensão.

Segundo as OCEPE (ME, 2009):

A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é

fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p. 79)

Inicialmente, comecei por organizar o espaço, colocando a turma sentada em “U”, de forma a cativar atenção das crianças, tornando-o num espaço envolvente e acolhedor. Nas OCEPE (ME, 2009), podemos verificar o quão importante é o ambiente e a relação que se estabelece com as crianças para um maior sucesso de uma aula/atividade:

A relação individualizada que o educador estabelece com cada criança é facilitadora da sua inserção no grupo e das relações com as outras crianças. Esta relação implica a criação de um ambiente securizante que cada criança conhece e onde se sente valorizada. (p. 35)

Depois da organização feita, dialoguei e apresentei à turma, um exemplo vivo, um esquilo, para que estas conseguissem visualizar as suas características, à medida que as explicava.

Para que interiorizassem de forma clara e concisa, o diálogo foi feito de forma adequada para que as crianças percebessem tudo aquilo que queria transmitir, sem perderem a motivação e o fio condutor do tema. Como refere Cordeiro (2007), “quando dizemos alguma coisa escolhemos o que vamos dizer. Não apenas as palavras, mas a informação, os sentimentos. Escolhemos criteriosamente o que vamos comunicar (...)” (p. 323). O mesmo autor refere ainda que “(...) para dizer uma coisa temos de pensar nela, arquitectar a frase, escolher as palavras, emití-las.” (p. 313)

É fundamental, para além de transmitirmos os nossos conhecimentos referentes à temática apresentada, aproveitarmos todos os conhecimentos das crianças sobre os temas, as suas experiências e culturas.

Como afirmam as OCEPE (ME, 2009), “(...) acentua-se a importância da educação pré-escolar partir do que as crianças sabem, da sua cultura e saberes próprios. Respeitar e valorizar as características individuais da criança, a sua diferença, constitui a base de novas aprendizagens.” (p. 19).

A mesmas sustentam que:

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 67)

Ao aproveitarmos tudo aquilo que as crianças nos transmitem, dá-lhes maior encorajamento e maior motivação para continuarem a explorar e a partilhar todas as sabedorias que adquirem ao longo do seu quotidiano.

Como afirma Vaconcelos (2005):

As crianças necessitam de oportunidades e de encorajamento para comunicarem as suas ideias aos seus pares e aos adultos, para se tornarem explícitas e disponíveis de forma a serem alteradas e desenvolvidas. Precisam de ser encorajadas a articular perguntas, explicações, afirmações e observações.” (p. 79)

Apesar do esquilo não ter aparecido tantas vezes como esperava, expliquei-lhes o porquê, referindo que este se sentia assustado e que não estava no espaço habitual. As crianças foram bastante compreensivas e entenderam esta razão.

Um aspeto que gostaria de salientar prende-se com a pergunta que fiz na altura ao grupo, *Onde podemos encontrar os esquilos?* Tendo obtido por parte de uma criança, a seguinte resposta: *No gelo!* Quando lhe perguntei porquê, respondeu-me que tinha visto um esquilo no filme: *Idade do Gelo*.

Seguidamente, através de um *powerpoint*, as crianças, para além de visualizarem imagens de esquilos, visualizaram também imagens de outros mamíferos roedores, dando origem à exploração dos mesmos, através do diálogo. Pedi-lhes também que relacionassem e anunciassem os conteúdos que já conheciam.

Para terminar a Área do Conhecimento do Mundo, distribuí uma proposta de trabalho relacionada com a temática abordada (esta será apresentada no capítulo dos dispositivos de avaliação), tendo como objetivo circundar com várias cores, todos os mamíferos roedores que exploraram no decorrer da aula.

Todas as planificações acima descritas foram orientadas e apoiadas pelas Educadoras Cooperantes, assim como pelas Professoras da Equipa de Supervisão. Para Tomlinson (citado por Jacinto, 2003) “o orientador valoriza o apoio e assistência no processo de crescimento do estagiário (...) o orientador identifica e ajuda o estagiário a resolver as necessidades e preocupações (...)” (p. 60)

As planificações como já referir anteriormente, são fulcrais para a orientação do Educador/Professor, pois, através das mesmas, este consegue estruturar o seu trabalho de forma responsável e organizada.

Ao planificar as aulas acima representadas, assim como todas as outras, posso concluir que foram sem dúvida suportes que me ajudaram a estruturar todas as aulas pensadas para que estas tivessem um princípio, meio e fim.

Um dos fatores mais relevantes quando planificamos uma aula é sem dúvida a gestão de tempo, tudo o que planeamos, deve ser feito no tempo estipulado e, por vezes nas aulas que lecionei tornou-se complicado cumprir. No entanto, quando as planificações não são alcançadas como planeámos, devemos reconsiderar tudo o que foi feito e verificar

novamente o que foi proposto, arranjando outra estratégia para que num futuro próximo possamos realizá-la com mais facilidade.

Também não podemos esquecer que as planificações devem ser adaptadas ao grupo e respeitarem o ritmo de aprendizagem de cada criança.

O Educador deve ser capaz de ser flexível e no momento proceder às alterações que considerar necessárias. Quanto mais pequenas forem as crianças, maior deverá ser essa preocupação, pois, muitas vezes, podem surgir imprevistos e surpresas.

Considero importante referir ainda que um Educador não deve entrar na sala de aula sem saber o que vai fazer.

Em jeito de conclusão planificar, implica que o Educador seja crítico, reflexivo, avalie o seu desempenho e volte a planificar.

CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação

3. Descrição do capítulo

O presente capítulo está estruturado da seguinte forma: fundamentação teórica referente à avaliação, apresentação de três dispositivos de avaliação, sendo estes alusivos a propostas de atividades no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem a Escrita, Domínio da Matemática e no da Área de Conhecimento do Mundo.

Os dispositivos de avaliação apresentados foram efetuados com os seguintes pontos: contextualização da atividade, descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, a grelha de avaliação, a descrição da grelha de avaliação, a apresentação dos resultados em gráfico, finalizando com uma análise do mesmo.

Para finalizar o capítulo, será elaborada uma pequena reflexão referente às informações obtidas do mesmo.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação permite-nos, enquanto Educadores, verificar se os conhecimentos são ou não interiorizados pela criança. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990) avaliar “corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p. 337)

Os mesmos autores referem também que:

Avaliação é, assim, uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem. (p. 338)

Na Educação Pré-Escolar a avaliação é suportada, segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011:

Assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.” (p. 1)

É através deste método que o Educador/Professor, pode examinar se os conhecimentos e aptidões foram bem adquiridos ou não pelos alunos, ao longo de todo o percurso escolar. Como menciona Ribeiro (1989) a “avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções”. (p. 75)

O mesmo autor diz que o procedimento da avaliação descreve:

Conhecimentos, atitudes ou aptidões os alunos adquiriram, ou seja, que objectivos do ensino já atingiram num determinado ponto de percurso e que dificuldades estão a revelar relativamente aos outros. (...) professor para procurar meios e estratégias que possam ajudar os alunos a resolver essas dificuldades e é necessária aos alunos para se aperceberem delas (...) e tentarem ultrapassá-las com ajuda do professor e com o seu próprio esforço. (p. 76)

As OCEPE (ME, 2009) referem que a avaliação:

Realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. (p. 27)

Na Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007 podemos ler que a avaliação visa:

- (i) apoiar o processo educativo, permitindo ajustar metodologias e recursos, de acordo com as necessidades e os interesses de cada criança e as características do grupo, de forma a melhorar as estratégias de ensino/aprendizagem;
- (ii) reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo, reconhecendo a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas e o modo como -contribuíram para o desenvolvimento de todas e de cada uma, de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens;
- (iii) envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, inerente ao desenvolvimento da actividade educativa, que lhe permita, enquanto protagonista da sua própria aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando;
- (iv) contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a actividade educativa, tomar decisões, planear a acção;
- (v) conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo.

Os autores Brown, Race e Smith (2000) mencionam a importância da avaliação, referindo que esta deve ser: válida; justa; equitativa; formativa; oportuna; deve contribuir para o desenvolvimento; remediativa; exigente e eficiente. (pp. 21-23)

A avaliação, segundo Klein (citado por Zabalza, 2000) é um método que permite:

- (i) Centrar a atenção dos programadores nos problemas mais salientes: isso facilitará a sua tarefa de programação ao dar lugar a uma mais eficaz utilização e localização de pessoal, tempo e recursos;
- (ii) Permite justificar a razão pela qual a programação posterior se vai centrar em uns aspectos e não em outros, justificação que, com frequência, terá que ser dada à Administração, à comunidade escolar, etc.;

- (iii) Oferecer informação sobre a situação de entrada que facilitará a avaliação das mudanças posteriores ocorridas nos alunos. (p. 62)

O documento, Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2010, diz-nos que relativamente à avaliação na Educação Pré-Escolar, esta tem como objetivo permitir:

(...) uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. (...) possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução. (p. 3)

Na Educação Pré-Escolar existem dois momentos de avaliação: a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa. Para Ribeiro e Ribeiro (1990) “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p. 342)

Como refere Ferreira (2007) a avaliação diagnóstica consiste “em determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar uma unidade de aprendizagem, já que determina o seu nível prévio e possibilita averiguar possíveis dificuldades que possa ter no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.” (p. 24)

Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que a avaliação formativa:

Acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam. (p. 348)

Segundo Cortesão (citado por Leite e Fernandes, 2002) a avaliação formativa implica “um conjunto de práticas variadas que se integram no processo de ensino-aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor nas aprendizagens curricularmente estabelecidas como importantes.” (p. 41)

Para Ferreira (2007) a avaliação formativa visa “(...) diagnosticar as dificuldades e suas as suas causas no decorrer do processo de aprendizagem.” (p. 26)

Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação diagnóstica é feita no início do ano letivo, pelo Educador.

Com esta avaliação:

Pretende-se conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões de acção educativa, no âmbito projecto curricular de grupo. A avaliação diagnóstica pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa (...). (p. 4)

Relativamente à avaliação formativa, o mesmo documento afirma que “é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às

características de cada criança e do grupo, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção.” (p. 1)

O Decreto-Lei n.º 241/2001 diz-nos que o educador “avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.”

De acordo com a Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, através do desenvolvimento do Projeto Curricular de Grupo/Turma, o educador deve avaliar as várias etapas do processo, para que essa avaliação seja suporte do planeamento. O mesmo documento indica que ao terminar o ano letivo, deve ser elaborado um Relatório de Avaliação do Projeto Curricular de Grupo/Turma. Este deve conter: as atividades desenvolvidas; os recursos mobilizados; o ambiente de trabalho; os efeitos; a avaliação final e, por fim, perspetivas para o ano letivo seguinte.

Como já referido, a avaliação é um método imprescindível em relação às aprendizagens, segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011:

A avaliação, enquanto processo contínuo de registo dos progressos realizados pela criança, ao longo do tempo, utiliza procedimentos de natureza descritiva e narrativa, centrados sobre o modo como a criança aprende, como processa a informação, como constrói conhecimento ou resolve problemas. Os procedimentos de avaliação devem ter em consideração a idade e as características desenvolvimentais das crianças, assim como a articulação entre as diferentes áreas de conteúdo, no pressuposto de que a criança é sujeito da sua própria aprendizagem. (p. 5)

O mesmo documento diz-nos que para avaliar o progresso das aprendizagens das crianças, deveremos ter em conta os seguintes pontos: a Áreas de conteúdo, explícitas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; os domínios previstos nas Metas de Aprendizagem e para finalizar outras mais específicas estabelecidas no projeto educativo e/ou projeto curricular de grupo e no PEI (Programa Educativo Individual).

É fundamental para o Educador/Professor a preparação de realização de diversas avaliações durante o processo de aprendizagem da criança, para Álvarez Méndez (citado por Ferreira, 2007):

Os professores têm de estar preparados para a recolha de informações, não só sobre os resultados adquiridos, mas também sobre os processos de aprendizagem. Esta preparação passa pela utilização de instrumentos que não se restrinjam à utilização de fichas/testes, porque não nos dão informações sobre as causas das dificuldades/necessidades dos alunos e dos processos de aprendizagem. (p. 78)

Como referem os autores Gil, Leite e Fernandes (citados por Ferreira, 2007) “ (...) o papel do professor também não pode ser entendido só o de cumprimento de um plano detalhado do processo de ensino-aprendizagem, ignorando as diferenças individuais de ritmos de aprendizagem, necessidades, dificuldades e interesses dos alunos.” (p. 76)






O Educador deve avaliar um sorriso, uma atitude, um olhar e nunca esquecer que as crianças pequenas estão sempre a evoluir e a surpreender-nos, por isso, não devemos catalogar, por vezes elas não têm a devida maturidade para realizar aquela tarefa/atividade.

Com base na escala de Likert, elaborei uma escala de cotação qualitativa e quantitativa, apresentada no quadro 11, permitindo assim, realizar a avaliação dos dispositivos de avaliação que compõe este capítulo. Esta escala de avaliação vai de 0 a 10, sendo mais relevante a escala qualitativa.

As escalas de avaliação segundo Tendbrink (2002) “ são instrumentos úteis para observar o desempenho e as realizações dos estudantes.” (p. 257)

Este autor afirma também que “uma escala de observação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a julgar e algum tipo de hierarquia.” (p. 259) Refere assim que “o observador usa a escala para indicar a qualidade, quantidade ou nível de rendimento observado.” (p. 259)

Quadro 11 – Tabela baseada na escala de Likert

	Fraco – de 0 a 2,9 valores
	Insuficiente – de 3 a 4,9 valores
	Suficiente – de 5 a 6,9 valores
	Bom – de 7 a 8,9 valores
	Muito Bom – de 9 a 10 valores

3.2. Dispositivo de Avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

3.2.1. Avaliação da proposta de trabalho da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Este dispositivo de avaliação surge no âmbito de uma proposta de trabalho (figura 35) elaborada para o Bibe Encarnado, no dia 25 de maio, sendo solicitado às 23 crianças presentes a realização da mesma. Primeiramente, distribuí o material necessário pelas crianças, explicando o seu procedimento. Através de uma história criada e relacionada com o tema apresentado anteriormente na Área de Conhecimento do Mundo, indicava aos alunos todos os passos a seguir no itinerário, para o esquilo Tiggy chegar até às bolotas.

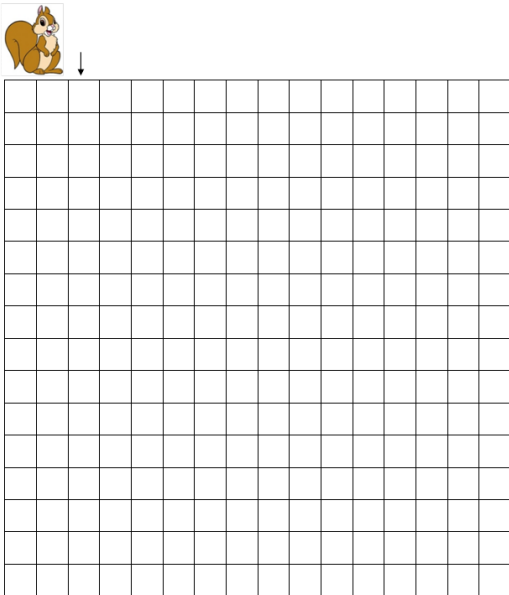
À medida que contava a história, as crianças colocavam as peças do material do *Cuisenaire* no itinerário, correspondentes ao número de passos dados pelo esquilo. Após a conclusão do itinerário, as crianças representavam o número de passos, pintando as quadrículas com as cores correspondentes às peças.

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade

Bibe Encarnado

Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

1. Com a ajuda das peças do *Cuisenaire*, ajuda o esquilo a chegar às bolotas!
Une sempre as peças pelas extremidades.



Nome: _____ Data: _____

(Proposta de trabalho realizada pela estagiária Liliana Gomes, n.º 15 MEPE)

Figura 35 – Proposta de trabalho referente à Área de Expressão e
Comunicação: Domínio da Matemática

Para a elaboração deste dispositivo de avaliação utilizei os parâmetros e respetivos critérios de avaliação, representados no quadro 12.

Quadro 12 – Parâmetros e critérios de avaliação referentes à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Pârametros	Critérios de avaliação		Cotações
Reconhecer as peças do <i>Cuisenaire</i>	Reconheceu as 6 peças	4	4
	Reconheceu as 5 peças	3,95	
	Reconheceu as 4 peças	2,85	
	Reconheceu as 3 peças	1,75	
	Reconheceu 2 peças	0,95	
	Reconheceu 1 peça	0,5	
	Resposta incorreta	0	
Motricidade fina	Pintou 6 peças	3	3
	Pintou 5 a 4 peças	2,5	
	Pintou 3 a 1 peça	0,5	
	Resposta incorreta	0	
Colocar as peças pela extremidade	Posicionou as 6 peças corretamente pela extremidade	2	2
	Posicionou de 5 a 4 peças corretamente pela extremidade	1,2	
	Posicionou de 3 a 1 peça corretamente pela extremidade	0,8	
	Resposta incorreta	0	
Apresentação	Trabalho cuidado e perceptível	1	1
	Trabalho pouco cuidado e pouco perceptível	0	
TOTAL			10

No quadro acima descrito, podemos observar os parâmetros e critérios de avaliação escolhidos, juntamente com as respetivas cotações, permitindo-nos ter uma leitura clara e concisa referente à avaliação da proposta de trabalho apresentada em sala de aula.

Reconhecer as peças do Cuisenaire: pretende-se que a criança faça a correspondência do valor das peças do material em questão, com o número de passos dados pelo esquilo. Ao reconhecer as 6 peças solicitadas, a cotação máxima será de 6 valores.

Motricidade fina: pretende-se que a criança pinte a quantidade de peças utilizadas no itinerário.

Colocar as peças pela extremidade: pretende-se que a criança consiga perceber o que são as extremidades das peças, e como se unem corretamente.

Apresentação: pretende-se que a criança seja cuidadosa e responsável ao executar a proposta.

3.2.2. Grelha de avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Ao visualizármos o quadro 13, verificamos que grande parte da turma alcançou os objetivos pretendidos da proposta de trabalho.

Dos 23 alunos que elaboraram a proposta de trabalho, 13 atingiram por completo os objetivos propostos no primeiro parâmetro, sendo este referente ao reconhecimento das peças do material *Cuisenaire*, 7 reconheceram 5 peças, 2 reconheceram 4 e somente uma criança reconheceu apenas 3 peças.

Relativamente ao parâmetro da motricidade fina, 12 dos alunos, conseguiram atingi-lo com sucesso, pintando as 6 peças corretamente e 11 alunos, pintaram de 5 a 4 peças corretamente.

De acordo com o parâmetro da colocação das peças, 9 dos alunos conseguiram unir corretamente as 6 peças pela extremidade, 8 uniram corretamente 5 a 4 peças pelas extremidades e 6 dos alunos uniram corretamente 3 a 1 peça pela extremidade.

O último parâmetro, referente à apresentação, foi atingido com sucesso por todas as crianças.

Durante a elaboração da proposta de trabalho, circulei pelas mesas de forma a conseguir alcançar as dificuldades que cada uma apresentava. Tentei transmitir o que

pretendia através da história criada, e à medida que a contava, explicava todos os passos a dar, através da proposta afixada no quadro e as peças do material *Cuisenaire*.

Através do quadro 13, podemos verificar as cotações obtidas pelas crianças.

Quadro 13 – Grelha de avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Parâmetros	Reconhecer as peças do Cuisenaire							Motricidade fina				Extremidades				Apresentação		Cotações
Critérios de avaliação	6 peças	5 peças	4 peças	3 peças	2 peças	1 peça	Resposta incorreta	6 peças	5 a 4 peças	3 a 1 peça	Resposta incorreta	6 peças	5 a 4 peças	3 a 1 peça	Resposta incorreta	Cuidado e perceptível	Pouco cuidado e perceptível	
N.º de alunos																		
1	4							3				2				1		10
2	4							3				2				1		10
3		3,95							2,5				1,2			1		8,65
4			2,85						2,5					0,8		1		7,15
5				1,75					2,5				1,2			1		6,45
6	4							3				2				1		10
7	4							3						0,8		1		8,8
8	4							3						0,8		1		8,8
9	4							3				2				1		10
10	4								2,5				1,2			1		8,7
11	4							3				2				1		10
12		3,95							2,5				1,2			1		8,65
13	4							3				2				1		10
14	4							3				2				1		10
15	4							3					1,2			1		9,2
16			2,85						2,5					0,8		1		7,15
17		3,95							2,5				1,2			1		8,65
18		3,95							2,5				1,2			1		8,65
19		3,95							2,5					0,8		1		8,25
20		3,95							2,5				1,2			1		8,65
21		3,95							2,5					0,8		1		8,25
22	4							3				2				1		10
23	4							3				2				1		10

3.2.3. Análise de resultados

Para conseguirmos uma leitura mais rápida, na figura 36, estão expostos todos os resultados obtidos.

Ao realizarmos um gráfico referente às classificações obtidas na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática podemos analisar que 41% (9 alunos) obtiveram a classificação de Muito Bom e 55% (12 alunos) obtiveram a classificação de Bom, mostrando que os objetivos pretendidos ao elaborar a proposta de trabalho, foram alcançados. Apesar de somente 4 % (1 aluno) atingir apenas a classificação de Suficiente, demonstra que de um modo geral, os conteúdos pretendidos foram alcançados com êxito pelas crianças.

Nenhuma das crianças obteve a classificação de Fraco e Insuficiente. Contudo, devemos ter em consideração a criança que obteve Suficiente e perceber as suas dúvidas, proporcionando-lhe futuramente outras atividades, que sejam propícias, para superar as suas dificuldades.

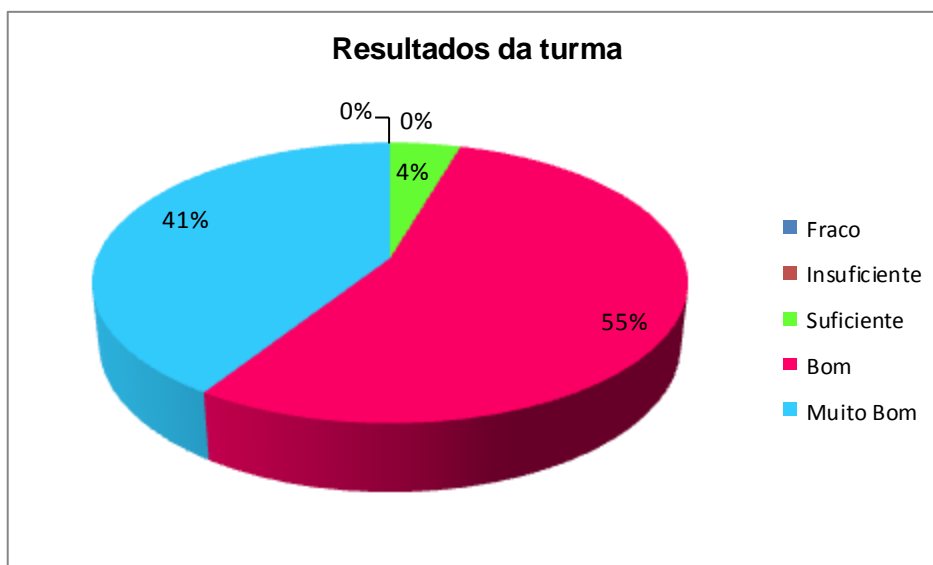


Figura 36 – Gráfico de classificações obtidas na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

3.3. Dispositivo de Avaliação referente à Área de Conhecimento do Mundo

3.3.1. Avaliação da proposta de trabalho da Área de Conhecimento do Mundo

Este dispositivo de avaliação surge no âmbito de uma proposta de trabalho (figura 37) elaborada para o Bibe Encarnado, no dia 25 de maio, para as 23 crianças presentes.

Inicialmente, apresentei à turma um exemplo vivo, o esquilo, explicando que este mamífero roedor seria o tema da aula. Seguidamente, dialogámos sobre as características do mesmo e, através de um *powerpoint*, as crianças visualizaram outros exemplos de mamíferos roedores.


Após o diálogo sobre alguns roedores, pedi às crianças que se sentassem ordenadamente nos seus lugares, distribuí a proposta de trabalho, explicando o procedimento da mesma, dando ênfase que apenas deviam circundar com cores diferentes os mamíferos roedores abordados na aula.

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade

Bibe Encarnado

Área de Conhecimento do Mundo

1. Circunda com várias cores, todos os mamíferos roedores que encontrares.



Nome: _____ Data: _____

(Proposta de trabalho realizada pela estagiária Liliana Gomes, MEPE 1.º A, N.º 15)

Figura 37 – Proposta de trabalho referente à Área de Conhecimento do Mundo

No quadro 14 podemos observar os parâmetros e critérios escolhidos, que serviram de suporte para este dispositivo de avaliação.

Quadro 14 – Parâmetros e critérios de avaliação referentes à Área de Conhecimento do Mundo

Pârametros	Critérios de avaliação		Cotações
Identificar os animais mamíferos roedores	Circundou 6 dos animais mamíferos roedores	8	8
	Circundou 5 dos animais mamíferos roedores	5	
	Circundou 4 dos animais mamíferos roedores	3	
	Circundou 3 dos animais mamíferos roedores	1,5	
	Circundou 2 dos animais mamíferos roedores	0,5	
	Resposta incorreta	0	
	Descontar por cada resposta incorreta	- 0,5	
Apresentação	Trabalho limpo e perceptível	2	2
	Trabalho pouco cuidado e pouco perceptível	0	
TOTAL			10

Identificar os animais mamíferos roedores: pretende-se que a criança consiga identificar todos os animais mamíferos roedores, apresentados anteriormente através de um *powerpoint*, estimulando assim, a concentração e a memorização.

Apresentação: pretende-se que a criança demonstre responsabilidade e dedicação ao executar a proposta de trabalho apresentada.

3.3.2. Grelha de avaliação referente à Área de Conhecimento do Mundo

Ao observar o quadro 15, verificamos que, de um modo geral, a turma alcançou os objetivos pretendidos.

Quadro 15 – Grelha de avaliação referente à Área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Identificar os animais mamíferos roedores							Apresentação		Cotações
Crítérios de avaliação N.º de alunos	6 animais mamíferos	5 animais mamíferos	4 animais mamíferos	3 animais mamíferos	2 animais mamíferos	Resposta incorreta	Descontar por cada resposta incorreta	Limp e perceptível	Pouco cuidado e perceptível	
1	8						-0,5	2		9,5
2		5						2		7
3	8							2		10
4	8						-0,5	2		9,5
5	8							2		10
6		5						2		7
7	8							2		10
8	8							2		10
9	8							2		10
10	8							2		10
11	8						-0,5	2		7,5
12	8							2		10
13	8							2		10
14	8							2		10
15	8							2		10
16	8							2		10
17		5						2		7
18	8							2		10
19	8							2		10
20	8							2		10
21		5						2		7
22		5						2		7
23	8							2		10

Dos 23 alunos que elaboraram a proposta de trabalho, 18 atingiram por completo os objectivos propostos no primeiro parâmetro, sendo este referente à identificação dos animais mamíferos roedores explorados na aula e somente 5, identificaram 5 animais mamíferos roedores dos 6 apresentados.

De acordo com o último parâmetro referente à apresentação, todos os alunos alcançaram com sucesso objetivo proposto.

À medida que as crianças elaboravam a proposta de trabalho, circulei pelas mesas de forma a conseguir alcançar as dificuldades que cada uma apresentava e, através do *powerpoint* apresentado, tentei transmitir o que pretendia, explicando o processo da proposta, de modo a que os alunos percebessem o pretendido.

3.3.3. Análise de resultados

Ao observarmos a figura 38 referente às classificações obtidas na Área de Conhecimento do Mundo podemos verificar que 74% (17 alunos) obtiveram a classificação de Muito Bom e os restantes 26% (6 alunos) obtiveram de classificação de Bom, mostrando que os objetivos pretendidos foram alcançados.

Apesar de nenhuma das crianças alcançar a classificação de Fraco, Insuficiente e Suficiente, deveremos ter mais atenção se existem dúvidas, ao grau de dificuldade e melhorar a estratégia, para que num próximo momento de avaliação, os resultados sejam ainda melhores.

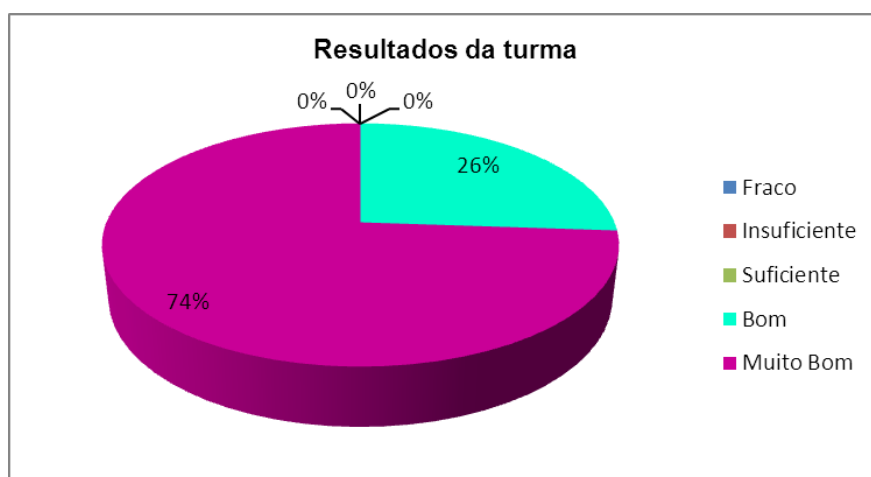


Figura 38 – Gráfico de classificações obtidas na Área de Conhecimento do Mundo

A minha avaliação também incide no diálogo realizado com as crianças, onde estas revelaram ter percebido muito bem o que era pedido e ainda que dominavam os conteúdos sobre os mamíferos, em geral.

Considero que este grupo está muito estimulado e desenvolvido, o que contribuiu para o sucesso dos resultados.

3.4. Dispositivo de Avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4.1. Avaliação da proposta de trabalho da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

O dispositivo de avaliação seguidamente apresentado (figura 39) foi realizado para o Bibe Azul, fora do horário de estágio, no dia 25 junho para as 25 crianças presentes nesse dia.

Inicialmente, comecei por distribuir pelas crianças a proposta, abordando de seguida, a explicação da mesma. A escolha da personagem presente na atividade deve-se ao facto, de as crianças gostarem muito da história: *Bruxinha Mimi*. Desta forma, consegui promover logo à partida a motivação das crianças.

Jardim - Escola João de Deus de Alvalade

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Bibe Azul

1. A bruxinha Mimi adora descobrir palavras com a letra **m**. Ajuda-a nesta aventura!

1.1. Recorrendo ao exemplo dado pela Mimi, pensa em várias palavras começadas com **m**. Escreve-as dentro dos círculos.

moldura

1.2. Escolhe uma das palavras que escreveste dentro dos círculos e constrói uma frase.

Nome: _____ Data: _____

Figura 39 – Proposta de trabalho referente à Área de Expressão e Comunicação:
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Para a elaboração deste dispositivo de avaliação considerei, conforme se pode ver no quadro 16, os seguintes parâmetros e critérios de avaliação.

Quadro 16 – Parâmetros e critérios de avaliação referentes à Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Pârametros	Critérios de avaliação		Cotações
Escrever palavras com a letra m	Escreveu 6 palavras	6	6
	Escreveu 5 palavras	4,75	
	Escreveu 4 palavras	3,55	
	Escreveu 3 palavras	1	
	Escreveu 2 palavras	0,50	
	Escreveu 1 palavra	0,20	
	Resposta incorreta	0	
Integrar a palavra numa frase	Construiu perceptível e a frase a partir da palavra dada	3	3
	Não construiu perceptível e a frase a partir da palavra dada	0	
	Descontar por cada erro ortográfico ou de pontuação	-0,1	
Caligrafia	Caligrafia cuidada	1	1
	Caligrafia descuidada	0	
TOTAL			10

Escrever palavras com a letra m: pretende-se que a criança consiga escrever palavras começadas pela letra m.

Integrar a palavra numa frase: pretende-se que a criança consiga elaborar e construir uma frase, recorrendo à palavra escolhida, no exercício anteriormente solicitado.

Caligrafia: pretende-se que a criança consiga utilizar uma caligrafia legível e perceptível, para aperfeiçoar a escrita de modo a progredirem a mesma, facilitando a leitura da proposta de trabalho apresentada.

3.4.2. Grelha de avaliação referente à avaliação de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Através do quadro 17, verificamos que, de um modo geral, a turma alcançou os objetivos pretendidos na proposta de trabalho.

Dos 25 alunos que elaboraram a proposta de trabalho, 7 atingiram por completo os objetivos propostos no primeiro parâmetro, sendo este referente à escrita de palavras com a letra m, 7 escreveram 5 palavras, 8 escreveram 4 e 3 alunos escreveram somente 3 palavras com a letra m.

De acordo com o 2.º parâmetro referente à integração da palavra numa frase, a maior parte da turma conseguiu alcançá-lo, ou seja, cerca de 21 alunos. Os restantes alunos, não conseguiram integrar a palavra numa frase.

Relativamente ao último parâmetro, todos os alunos conseguiram apresentar uma caligrafia cuidada.

Enquanto elaboravam a proposta de trabalho, tentei ajudar a ultrapassar as dificuldades que apresentavam e explicar de forma clara e concisa o pretendido.

No quadro seguinte, está representada a descrição da grelha de avaliação, referente à proposta de trabalho, com as devidas cotações.

Quadro 17 – Grelha de avaliação referente à Área de Expressão e Comunicação: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Escrever palavras com a letra m							Integrar a palavra numa frase			Caligrafia		Cotações
Critérios de avaliação N.º de alunos	6 palavras	5 palavras	4 palavras	3 palavras	2 palavras	1 palavra	Resposta incorreta	Construiu a frase	Não construiu a frase	Erro ortográfico ou pontuação	Cuidada	Descuidada	
1	6							3		-0,2	1		9,8
2		4,75							0		1		6,75
3			3,55					3		-0,1	1		7,45
4			3,55					3		-0,2	1		7,35
5	6							3		-0,4	1		9,6
6				1				3			1		5
7	6							3		-0,4	1		9,6
8				1				3			1		5
9			3,55					3		-0,4	1		7,15
10			3,55					3		-0,3	1		7,25
11	6							3		-0,1	1		9,9
12	6							3		-0,3	1		9,7
13		4,75							0		1		6,75
14				1				3			1		5
15		4,75						3			1		8,75
16		4,75						3			1		8,75
17		4,75						3		-0,1	1		8,65
18			3,55					3			1		7,55
19	6								0	-0,2	1		6,8
20			3,55					3		-0,3	1		7,25
21		4,75						3		-0,2	1		8,55
22			3,55					3		-0,2	1		7,45
23			3,55					3			1		7,55
24		4,75						3		-0,4	1		8,35
25	6								0		1		7

Os alunos 6, 8 e 14 que obtiveram a classificação de Suficiente, são os mais novos da turma, revelando ter ainda, uma menor maturidade para aprendizagem da leitura e dificilmente conseguem concentrar-se quando estão a realizar trabalhos de escrita. Recordo ainda, que as crianças apenas queriam pintar a ilustração.

Segundo a Educadora, estes alunos ainda não atingiram os requisitos necessários para a aprendizagem da leitura e da escrita.

3.4.3. Análise de resultados

Ao analisármos a figura 40 referente às classificações obtidas na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita verificamos que 56% (14 alunos) obtiveram a classificação de Bom, 24% (6 alunos), obtiveram a classificação de Suficiente e 20% (5 alunos), obtiveram a classificação de Muito Bom.

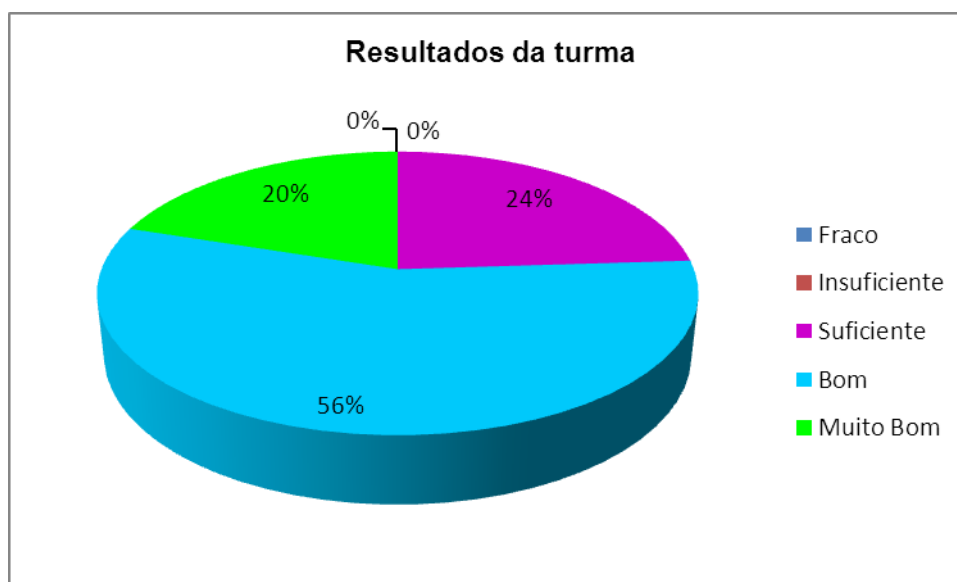


Figura 40 – Gráfico de classificações obtidas na Área de Expressão e Comunicação:
Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita

Através destes resultados, evidenciamos que os objetivos pretendidos com a elaboração da proposta de trabalho, foram atingidos pela maioria parte da turma.

Apesar dos 24% da turma só conseguir obter de classificação de Suficiente, os objetivos propostos foram conseguidos. No entanto, considerei que o critério relacionado com os erros ortográficos e pontuação, precisam ser mais trabalhados, num futuro próximo,

deverei promover outras atividades para trabalhar a motricidade, pois foi na parte escrita que os resultados foram menos positivos.

A avaliação é um método de extrema importância. Através dela podemos observar se os conhecimentos transmitidos são ou não assimilados pela criança.

Aquando da minha passagem de avaliada para avaliadora, senti uma enorme gratificação e realização pessoal apesar de toda a “estranheza” que no início senti, talvez devido ao facto de nunca antes ter estado neste papel. É gratificante receber um *feedback* positivo depois de ter lecionado um novo tema, sendo desafiante e encorajador saber que existem muitas estratégias a ser desenvolvidas para que o conhecimento seja transmitido, de forma, a que todos os alunos o adquiram e usufruam dele.

Apesar de no início estar muito receosa em relação à elaboração deste capítulo, por considerar que a minha formação sobre esta matéria era insuficiente e limitada, posso referir que aprendi muito, sentindo-me mais confiante para desempenhar o meu papel de Educadora.

Concordo com Sanches (2001) quando refere que “o indivíduo” só aprende se quiser, e é necessário que estejamos envolvidos. Assim, pretendo estabelecer uma boa relação pedagógica com os meus futuros alunos e motivá-los para promover aprendizagens que não irão esquecer.

Espero também, ser sempre justa e saber ajudar as crianças a superarem as dificuldades que possam apresentar, permitindo que evoluam a todos os níveis de desenvolvimento.

Reflexão final

1. Considerações finais

A elaboração deste Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Prática Pedagógica lecionada na Educação Pré-Escolar, permitindo a obtenção do grau de mestre.

No decorrer do meu percurso académico, que desde o começo me permitiu estar em contacto com a realidade educativa, concluí que para ser uma profissional exemplar é preciso trabalhar árduamente e batalhar todos os dias para atingir todos os objetivos propostos, apesar dos obstáculos que possam surgir.

De acordo com Santos (2002) “torna-se imperioso, portanto, que todos aqueles que lidam com miúdos se dediquem com afinco a aprender o que é a infância, qual a melhor forma de a compreender e qual a mais vantajosa maneira de apoiar.” (p. 116)

O Estágio Profissional torna-se um dos momentos mais importantes, se não o mais importante no percurso académico enquanto futura docente. De acordo com Pacheco (1995):

Para poder ensinar, o professor necessita conhecer o conteúdo específico da disciplina/área que lecciona, bem como as técnicas e destrezas pedagógicas, facto que realiza ao longo do seu percurso gradual e constante de profissionalização. Tal processo de aquisição depende quer das suas experiências pessoais, quer das suas experiências pessoais, quer das suas experiências inter-relacionais que socialmente partilha. (p. 26)

Deste modo, Alarcão (1996) afirma que:

A reflexão sobre a prática emerge como uma estratégia possível para a aquisição do saber profissional. Esta abordagem permite uma integração entre a teoria e a prática e desafia a consideração dos saberes científicos com vista à apresentação pedagógica. (p. 154)

Através da concretização do estágio, este, oferece uma panóplia de formas e estratégias que podem ser empregadas no meu futuro profissional, assim como, proporcionar uma melhor perceção de como lidar com os diversos domínios.

Com as vivências adquiridas ao longo do meu percurso académico, retiro desta experiência que um bom Educador para o ser, deve ter orientação para que consiga desempenhar o seu papel eficazmente. Vieira (1993) menciona a importância de um supervisor cujo papel é determinante para a formação de futuros profissionais. Wallace (citado por Vieira, 1993) refere que:

O supervisor é entendido como autoridade única, juiz de pensamento e actuação do professor, a quem dá lições de bom profissionalismo, servindo frequentemente como modelo a seguir (...) o supervisor surge como um colega com mais saber e experiência, receptivo por excelência ao professor que orienta, co-responsabilizando-se pelas suas opções, ajudando-o a desenvolver-se para a autonomia através da prática sistemática da reflexão e da introspecção. (p. 31)

Desta forma, a Equipa de Supervisão Pedagógica e as Educadoras Cooperantes tiveram um impacto crucial na minha formação, pois através das críticas construtivas que efetuaram sobre certos atos cometidos nas aulas lecionadas, dão-nos uma visão de como conseguir ultrapassar situações que possam surgir futuramente.

A concretização deste Relatório complementa a parte mais prática do Estágio Profissional, pois, tive que ler, investigar e pesquisar de uma forma mais cuidada, criteriosa e científica os autores que ajudassem a justificar e a complementar as aulas, as estratégias, as atitudes e os valores que pretendia trabalhar e promover junto das crianças ao longo de todo o estágio.

2. Limitações

A principal limitação que senti na elaboração deste Relatório de Estágio Profissional foi sem dúvida a gestão do tempo, pois, ao dedicar-me inteiramente ao estágio, assim como às outras Unidades Curriculares, a realização do mesmo ficou um pouco aquém das minhas prioridades.

Outro dos fatores que influenciaram bastante a elaboração do Relatório, foi o horário da Biblioteca, pois, por vezes só funcionava até determinada hora, originando pouca rentabilidade para que os alunos pudessem desfrutar da mesma e pelo facto de só conseguirmos requisitar cerca de quatro livros.

Considero que a elaboração de um Relatório desta dimensão, exige sem dúvida muito esforço e dedicação, por isso, ao registarmos todas as observações visualizadas durante o período de estágio para posteriormente relatarmos e fundamentá-las devidamente, tornou-se por vezes, uma tarefa árdua de encontrar citações para determinadas inferências.

Em suma, as limitações acima descritas, foram aquelas, que considerei mais pertinentes destacar quanto à elaboração deste Relatório de Estágio Profissional.

Não posso também deixar de referir que pelo facto do estágio só ser realizado no período da manhã, não me foi possível observar certas atividades que contribuirão para uma formação mais completa. Por exemplo, não observei avaliações das Educadoras, à Assembleia de turma, a Educação Física, as reuniões de pais, entre outras.

3. Novas pesquisas

Como a vida sofre constantes alterações e mudanças ao tornar-me futura docente, é necessário estar sempre atualizada para qualquer eventualidade que possa surgir.

Ao longo deste percurso académico, tive a oportunidade de estar em contacto com crianças, entre elas, crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), algo que sempre me suscitou grande interesse, e que pude confirmar, ao estar vivenciar essa realidade educativa.

Futuramente, e se a vida assim o permitir, gostava de aprofundar mais esta área, focando-me essencialmente em língua gestual.

Crianças que sofrem de surdez, por exemplo, infelizmente, são casos que cada vez se destacam mais e por vezes, não sabemos lidar com tais situações, daí, este meu interesse em querer saber e pesquisar mais a cerca das suas necessidades e limitações.

Para terminar, e agora que vou concluir esta etapa, devo ter sempre presente que necessito de continuar a investir na minha formação de forma continuada e permanente para ser uma Educadora reflexiva e crítica.

Referências Bibliográficas

Abrantes, J. C. (1992). *Os média e a escola – Da imprensa aos audiovisuais no ensino e na formação*. (1.^a ed.). Lisboa: Texto Editora.

Abreu, T. M. R. (2004). *A noção de número em jardim-de-infância*. Projeto de monografia. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na 1.^a infância: atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.

Ajuriaguerra, J. (1988). *A escrita infantil – evolução e dificuldades*. Brasil: Porto Alegre.

Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores – Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, Lda.

Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. (2.^a ed.). Coimbra: Almedina.

Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Aranão, I. V.D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. Campinas, Brasil: Papirus.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Azevedo, M. (2001). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – Sugestões para Estruturação da Escrita*. (2.^a ed.). Lisboa: Universidade Católica Editora.

Barros, M. G. e Palhares, P. (1997). *Emergência da matemática no jardim-de-infância*. Porto: Porto Editora, LDA.

Belchior, M. (2004). *Desenvolvimento Profissional e Aprendizagem dos Professores do 1º C.E.B.*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Benoist, A. (1997). *Festejar o Natal – Lendas e tradições*. Lisboa: Hugin – Editores, Lda.

Bogdan, R. e Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bouffard, P. (1978). *A criança até aos 3 anos*. (3.^a ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote

Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto.

Brandes, D. e Phillips, H. (1977). *Manual de jogos educativos – 140 jogos para professores e animadores de grupos*. Lisboa: Moraes Editores.

Brown, S., Race, P. e Smith, B. (2000). *Guia da avaliação*. (1.^a ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Burgess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno – Uma Introdução*. Celta Editora: Oeiras.

Cachapuz, A., Praia, J. e Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.

Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.

Caldeira, M. F. T. H. S. (2009a). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Caldeira, M. (2009b). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Cardoso, C. e Valsassina, M. (1988). *Arte infantil – Linguagem plástica*. (2.^a ed.). Lisboa: Editorial Presença, Lda.

Cerquetti-Aberkane, F. e Berdonneau, C. (1997). *O ensino da matemática na educação infantil*. Brasil: Editora Artes Médicas.

Comissão de Reforma do Sistema Educativo. (1988). *Novas tecnologias no ensino e na educação*. (1.^a ed.). Lisboa: Ministério da Educação

Condemarín, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança: Do 1 aos 5 anos*. (3.^a ed.). Lisboa: A esfera dos livros.

Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança: Do 1 aos 5 anos*. (5.^a ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.

Damas, M. J. e Ketele, J. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática – Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.

Davidson, F. e Maguin, P. (1983). *As creches – Realização funcionamento vida e saúde da criança*. Lisboa: Editora Portuguesa de Livros Técnicos e Científicos, LDA.

Deus, M., L. (1997). *Guia prático da Ccartilha Maternal*. (8.^a ed.). Lousã: Assembleia de Jardins-Escolas João de Deus.

Dohme, V. (2010). *Técnicas de como contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história*. Petrópolis (Brasil): Editora Vozes.

Enciclopédia de Educação Infantil – Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar volume III (1997). Rio de Mouro: Nova Presença.

Enciclopédia de Educação Infantil – Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar volume V (1997). Rio de Mouro: Nova Presença.

Estrela, A. (1990). *Teorias e práticas de observação de classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. (3.^a ed.). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Ferreira, C.A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora, Lda.

Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D. e Lino, D. (1996). *Educação Pré-Escolar – A construção social da moralidade*. (1.^a ed.). Lisboa: Texto Editora.

Fourez, G., Maingain, A. e Dufour, B. (2008). *Abordagens didáticas da interdisciplinariedade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Gomes, A. R. N. (2011). *Relatório de Estágio Profissional*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus.

Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., Weikart, D. P., Marujo, H. e Neto, L. (2004). *Educar a criança*. (3.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ignácio, K. R. (2001). *Criança querida: o dia-a-dia das creches e jardim de infância*. São Paulo: Antroposófica.

Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores. Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Departamento da Educação.

Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do Movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Lambert-Lagacé, L. (1977). *A alimentação da criança*. Mem Martins: Europa-América.

Leenhardt, P. (1974). *A criança e a expressão dramática*. (3.^a ed.). Lisboa: Editorial Estampa.

Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. (1.^a ed.). Porto: Edições ASA.

Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. (1.^a ed.). Porto: Edições ASA.

Marques, R. (1988). *Ensinar a ler, aprender a ler. Um guia para pais e educadores*. (2.^a ed.). Lisboa: Texto Editora.

Martins, M. A. e Nisa, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ministério da Educação (Março, 2000). *Reorganização curricular do ensino básico – Avaliação das aprendizagens. Das concepções à prática*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. (4.^a ed.). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Mira, A. M. (1995). *João de Deus e a actualidade do seu método ou arte de leitura*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Moraes-Oliveira, Z., Mello, A. M., Vitória, T. e Ferreira, M. C. R. (1999). *Creches: crianças, faz de conta & Cia*. (7.^a ed.). Brasil: Editora Vozes.

Moreira, D. e Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, L. M. A. (1993). *O Ensino da Aritmética – Perspetiva Construtivista*. Coimbra: Almedina.

Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação – Um desafio para os professores*. Barcarena: Editorial Presença.

Nóvoa, A., Hameline, D., Sacristán, J., Esteve, M., Woods, P. e Cavaco, M. (1991). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2002). *A supervisão na formação de professores II - Da organização à pessoa*. Porto: Porto Editora.

Pacheco, J. A. B. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.

Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico – guia prático para professores*. (1.^a ed.). Lisboa: Texto Editora.

Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pereira, J. D. L. e Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. (1.^a ed.). Amarante: Intervenção – Associação Para a Promoção e Divulgação Cultural.

Pérez, M. R. (s.d.). *O currículo como marca da sociedade do conhecimento. Seminário Internacional I*. Madrid: Universidad Complutense.

Pérez, M. R. e López, E. D. (2000). *Los valores como tonalidades afectivas de los métodos y no como ejes transversales de los contenidos*. Buenos Aires: Novedades Educativas.

Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Postic, M. (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora.

Proença, M. C. (1990). *Ensinar/ Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. (2.ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Reis, P. C. F. I. P. M. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Ribeiro, L. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. (1.ª ed.). Lisboa: Texto Editora, Lda.

Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino – aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus – Apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Lisboa: Porto Editora, Lda.

Sanches, M. (2008). *Professores, novo estatuto e avaliação de desempenho*. Vila Nova de Gaia: Fundamentação Manuel Leão.

Santana, I. e Neves, M. C. (1997). *Cultivar o gosto pela leitura*. Lisboa: Ministério da Educação.

Santos, M. B. (2002). A magia no desenvolvimento integral da criança (algumas ideias subsidiárias). In A. Mesquita. (Org.). *Pedagogias do imaginário. Olhares sobre a literatura infantil*. Porto: ASA.

Sherwood, E. A., Williams, R. A. e Rockwell, R. E. (1997). *Mais ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.

Silveira-Botelho, A. T. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: Uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições ASA.

Sousa, R. (1995). *Didáctica da educação visual*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sousa, O. E Cardoso, A. (2008). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. (1.^a ed.). Lisboa: Centro interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Spodek, B. e Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Brasil: Porto Alegre.

Stern, A. (s.d.). *Aspectos e técnicas da pintura de crianças*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

Tendbrink, T.D. (2002). *Evaluacion. Guia practica para profesores*. Madrid: Narcea S.A.

UNESCO. (1980). *O educador e a abordagem sistemática*. Lisboa: Estampa.

Vasconcelos, T. (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores, Lda.

Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e família – Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Vieira, F. (1993). *Supervisão – Uma prática reflexiva de formação de professores*. (1.^a ed.). Rio Tinto: Edições ASA.

Vieira, H. (2000). *Comunicação na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. (5.^a ed.). Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica da educação infantil*. (3.^a ed.). Porto: Edições ASA.

Legislação consultada

Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril (Avaliação na Educação Pré-Escolar).

Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, de 17 de outubro (Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar).

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto (Aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico).

Referências eletrónicas

Direitos das Crianças, recuperado em 2012, 30 de julho, de http://www.ie.uminho.pt/Uploads/NEDH/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf

Sodré, U. (2005), recuperado em 2012, 1 de agosto, de <http://pessoal.sercomtel.com.br/matematica/medio/combinat/combinat.htm>

Castro-Caldas, A. (2012), recuperado em 2012, 23 de agosto, http://www.spnd-spp.com/download/cp14_pag4-6.pdf

